

Universidade de Lisboa



**Temas de História Moderna e Contemporânea:**

A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

Marcelo Filipe Vieira Nunes

Mestrado em Ensino da História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino  
Secundário

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada orientado pelo Professor Doutor  
Miguel Corrêa Monteiro

2018

## Dedicatória

---

À memória do meu querido avô Manuel Vieira.

## Agradecimentos

---

O trabalho realizado somente foi possível devido a várias entidades, instituições, professores, colegas, familiares e amigos. A todos eles apresento o meu maior e honesto agradecimento para a realização deste trabalho e ter esta oportunidade na minha vida, apesar dos vários obstáculos que me foram surgindo, contudo ter a perseverança de conseguir contorná-los.

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus pais e irmão todo o apoio motivacional que me deram desde que vim para Lisboa. Principalmente, sempre que surgia problemas na minha estada e adaptação no dia-a-dia na capital. Ao meu irmão que sempre esteve ao meu lado nestes últimos anos, apesar das nossas desavenças no passado, contudo apoiou-me neste percurso até ao fim.

Em segundo lugar, expresso o meu respeito e gratidão ao Professor Doutor Miguel Corrêa Monteiro, pois considero-o mais que um orientador, um grande amigo e uma pessoa de grande nobreza de espírito. Como também, agradeço a sua constante e sua disponibilidade para me auxiliar nas questões e dúvidas que foi tendo ao longo deste trabalho. Onde sempre demonstrou auxiliar-me sempre que necessário com críticas construtivas para obter uma concretização mais elaborada.

A minha professora cooperante, Maria José Ferreira, que me esteve presente na minha caminhada neste mundo. Agradeço o carinho e a ajuda que me sempre prestou nas planificações e nas aulas. Sempre disposta a criticar e elogiar no meu desempenho.

A todos aos meus colegas de Mestrado, sobretudo ao Nuno Graça, Nuno Sousa e João Canha, pela solidariedade e companheirismo ao longo desta caminhada. Ao meu estimado amigo José Cristiano Janes, por estar sempre a disposto a dar conselhos e pela amizade que me sempre demonstrou ao longo do meu percurso académico.

Finalmente, à minha namorada, pelo carinho, paciência e apoio ao longo destes cinco anos de relacionamento.

## **Siglas**

CD-ROM- Compact Disc-Read-Only Memory

ESCCB- Escola Secundária Camilo Castelo Branco

FLUL- Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

IPP [I, II, III]- Introdução à Prática Profissional

## **Abreviaturas**

[...]- corte na citação

ed.- edição

fig.- figura

idem- o mesmo

Ibidem- na mesma obra

nº- número

p.- página

pp.- páginas

vol.- volume

etc. - restantes autores na citação

consult.- consultado

## Resumo

---

O *Relatório da Prática de Ensino Supervisionada* apresenta-se inseridos como uma proposta didáctica sobre os conteúdos de História Moderna e Contemporânea inseridos nos seguintes módulos: *Módulo 3 – Reforço das Economias Nacionais e Tentativas de Controlo do Comércio e A Hegemonia Económica Britânica: Condições de Sucesso e Arranque Industrial*; *Módulo 4 – Antecedentes E Conjuntura (1807 a 1820), A Revolução de 1820 e As dificuldades de Implantação da Ordem Liberal (1820-1834)*, que se inserem no programa de 11º ano. Estas propostas foram postas em prática durante o trabalho de intervenção lectiva, do Curso de Mestrado, na Escola Secundária Camilo de Castelo Branco, situada em Carnaxide.

Nestas intervenções, foi abordado o Mercantilismo; corrente económica que se expandiu pelo mundo ocidental, durante a parte final do século XVI e durante o século XVII, que visava numa prática económica para fortalecer os Estados no panorama internacional, contribuindo para o engrandecimento dos monarcas e do Estado que deveria assegurar a riqueza ao país, reforçando o seu poder económico e o seu tesouro, pelo que a rivalidade entre os Estados aumento, devido à procura do controlo da circulação da moeda.

A Hegemonia Britânica durante o século XVIII, que controlava economicamente controlava a Europa e o mundo, resultante de um grande medida do comércio colonial. A liderança inglesa no comércio ultramarino face às potências europeias proporcionou não só o desenvolvimento do mercado externo, como acabou por fomentar o dinamismo do mercado interno. Os comerciantes ingleses detinham um lugar de importância no comércio colonial, que proporcionava grandes lucros e permitia a acumulação de capitais. O vasto espaço do seu Império , permitiu-lhes beneficiar do exclusivo colonial e da posse de uma poderosa frota. No final do século XVII, Londres tornou-se um entreposto comercial mundial.

Relativamente às intervenções lectivas no segundo período, foi tratado as invasões francesas devido ao Bloqueio Continental. As invasões que levaram à fuga da família real para o Brasil, temendo o príncipe regente ser tomado refém por Napoleão. Derrotadas as três invasões o Marechal Beresford fica a mando de Portugal, onde exerceu grande repressão contra os que tentassem conspirar contra a presença inglesa. A ausência da família real desagradava aos Portugueses, pois viam-se como uma colónia do Brasil. No entanto, com a abertura dos portos brasileiros no Tratado

de 1810, que resultou numa quebra das receitas alfandegárias para Portugal, e autorizou a instalação de manufaturas no Brasil, lesando os interesses da burguesia do Porto e de Lisboa. O ambiente político, social e económica em Portugal agravava-se e as ideias liberais começaram a se difundir. Com a formação do Sinédrio em 1818, que irá engendrar um plano para reaver Portugal dos ingleses. Com dois levantamentos militares e formarem a Junta Provisional do Governo Supremo do Reino de Portugal onde manterá a ordem e forma uma nova regência que pede a volta do Rei do Brasil e que jure a Constituição de 1822.

Com a morte do rei D. João VI, o reino era se dividir em das facções os Liberais liderados pelo seu filho mais velho, D. Pedro e os Absolutistas, sendo o líder o filho mais novo, D. Miguel, a guerra civil portuguesa estava instaurada

A História tem uma grande missão que serve para educar sobre o passado ao aluno. Pois, a partir deste conhecimento o aluno terá noção dos acontecimentos passados e, dessa forma, saberá defender-se com esse conhecimento. Sem memória não existe ciência.

**Palavras-Chaves:** História Moderna e Contemporânea; Documento; Motivação; Ensino Aprendizagem

## Abstract

---

The current Report on Supervised Teaching Practice presents itself as a didactic proposal on Modern and Contemporary History subjects on the following modules: Module 3 - Strengthening of the National Economies and Trade Control Attempts and The British Economic Hegemony: Conditions of Success and Industrial Start-up; Module 4 - Backgrounds and Conjuncture (1807 to 1820), The Revolution of 1820 and The Difficulties of Implantation of the Liberal Order (1820-1834), which are part of the 11th year program. These proposals were put into practice during the intervention of the Master Course, at Escola Secundária de Camilo de Castelo Branco, in Lisbon, Carnaxide.

In these interventions, Mercantilism was approached; economic trend that expanded in the western world during the late sixteenth and seventeenth centuries, aimed at economic practice to strengthen states on the international scene, contributing to the growth of monarchs and the state that should ensure wealth at the country, reinforcing its economic power and its treasury, so that the rivalry between states increased, due to the demand for control of the circulation of currency.

The British Hegemony, during the eighteenth century, which economically controlled Europe and the world, resulting from a large measure of colonial trade. The British leadership in overseas trade with the European powers has not only contributed to the development of the external market, but has also fostered the dynamism of the internal market. English merchants held a place of importance in colonial commerce, which provided great profits and allowed the accumulation of capital. The vast space of their Empire, allowed them to benefit from the exclusive colonial and possession of a powerful fleet. At the end of the seventeenth century, London became a world trading center commerce.

Regarding the lectures in the second period, the French invasions due to the Continental Blockade were treated. The invasions that led to the flight of the royal family to Brazil, fearing the prince regent be taken hostage by Napoleon. After the three invasions, Marshal Beresford was commanded by Portugal, where he exercised great repression against those who tried to conspire against the English presence in Portugal. The absence of the royal family displeased the portuguese, for they saw themselves as a colony of Brazil. However, with the opening of Brazilian ports in the Treaty of 1810, which resulted in a fall in customs revenues for Portugal, and authorized the



installation of manufactures in Brazil, damaging the interests of the merchants of Porto and Lisbon. The political, social and economic environment in Portugal was aggravated and liberal ideas began to spread. With the formation of the Sinédrio ,in 1818, which will engender a plan to recover Portugal from the English. With two military withdrawals and form the Provisional Council of the Supreme Government of the Kingdom of Portugal where it will maintain the order and forms a new regency that requests the return of the King to Portugal to swear the Constitution of 1822.

With the death of the King, D. João VI, the kingdom was divided into two factions: the liberal factions led by his eldest son, D. Pedro and the absolutists, the leader being the youngest son, D. Miguel, the Portuguese civil war was established.

History has a great mission that serves to educate about the past to the students. For from this knowledge the student will have a notion of past events and, in this way, will know how to defend himself with this knowledge. Because without memory there is no science.

**Keywords:** Modern and Contemporary History; Historic Document; Motivation; Teaching-learning strategies

# Índice Geral

	Pág
<b>DEDICATÓRIA</b> .....	i
<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	ii
<b>SIGLAS E ABREVIATURAS</b> .....	iii
<b>RESUMO</b> .....	iv-vi
<b>ABSTRACT</b> .....	vii-ix
<b>ÍNDICE GERAL</b> .....	x-xi
<b>ÍNDICE DE FIGURAS</b> .....	xii
<b>ÍNDICE DE TABELAS</b> .....	xiii
<b>ÍNDICE DE DOCUMENTOS</b> .....	xiv
<b>ÍNDICE DE ANEXOS</b> .....	xv
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	pp. 1-6
 <b>PRIMEIRA PARTE: A UTILIZAÇÃO DO DOCUMENTO NO ENSINO- APRENDIZAGEM DA HISTÓRIA</b> .....	 p. 7
1. A arte de ensinar e aprender História.....	pp. 8-12
2. Teorias de Aprendizagem.....	pp. 13-18
3. A utilização do documento no ensino-aprendizagem .....	pp. 20-25
4. Metodologia da utilização do documento.....	pp. 27-37
 <b>SEGUNDA PARTE: CONTEXTO ESCOLAR</b> .....	 p. 38
1. A escola.....	pp. 39-42

2. Caracterização da turma 11º E.....	pp. 43-53
---------------------------------------	-----------

**TERCEIRA PARTE: UNIDADE DIDÁTICA: PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA.....p. 54**

1. A planificação das aulas.....	pp. 55-58
2. As reuniões com a professora cooperante.....	pp. 59-60
3. Breve descrição das aulas lecionadas.....	p. 61
3.1 Primeira aula lecionada.....	pp. 61-66
3.2 Segunda aula lecionada.....	pp. 66-73
3.3 Terceira aula lecionada.....	pp. 73-75
3.4 Quarta aula lecionada.....	pp. 76-79
3.5 Quinta aula lecionada.....	pp. 80-86
3.6 Sexta aula lecionada.....	pp. 86-92

**QUARTA PARTE: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....pp. 93-98**

Referências Bibliográficas.....	pp. 99-100
---------------------------------	------------

Anexos.....	pp. 101-114
-------------	-------------

# Índice de Figuras

---

<b>Figura 1:</b> Escola Camilo de Castelo Branco.....	p. 39
<b>Figura 2:</b> Caracterização dos alunos quanto ao género.....	p. 43
<b>Figura 3:</b> Caracterização dos alunos quanto à idade.....	p. 44
<b>Figura 4:</b> Tipologia familiar dos alunos.....	p. 45
<b>Figura 5:</b> Encarregados de Educação dos alunos.....	p. 46
<b>Figura 6:</b> Meio de transporte utilizado pelos alunos no percurso para ir para a escola.....	p. 46
<b>Figura 7:</b> Habilitações académicas dos encarregados de educação dos alunos.....	p. 47
<b>Figura 8:</b> Os equipamentos e instalações escolares eram de qualidade.....	p. 48
<b>Figura 9:</b> Utilizam o bar e a cantina da escola.....	p. 48
<b>Figura 10:</b> Reprovações da turma.....	p. 49
<b>Figura 11</b> Quantas horas que os alunos estudam diariamente.....	p. 51
<b>Figura 12:</b> Ocupação dos tempos livres dos alunos.....	p. 51
<b>Figura 13:</b> A importância que os alunos dão importância à disciplina de História.....	p. 52
<b>Figura 14:</b> A importância que os alunos dão importância à disciplina de História.....	p. 53

# Índice de Tabelas

---

**Tabela 1:** A sistematização temática das aulas lecionadas.....p. 3

**Tabela 2:** Síntese das principais teorias de aprendizagem.....p. 19

**Tabela 3:** Diagrama “Tipos de documentos”.....p. 26

**Tabela 4:** Conteúdos programáticos preferidos dos alunos na cadeira de História.....p. 50

**Tabela 5:** Cursos do Ensino Superior que os alunos escolheram.....p. 50

# Índice de Documentos

---

<b>Documento 1:</b> As medidas económicas no Mercantilismo.....	p. 28
<b>Documento 2:</b> O Valor Social do Comércio em Inglaterra (1701).....	p. 30
<b>Documento 3:</b> As industriais de Birmingham e Manchester.....	p. 31
<b>Documento 4:</b> [Documentos relativos à Revolução Liberal de 1820] [ Manuscrito]. 182....	p. 32
<b>Documento 5:</b> O Antigo Regime.....	p. 34
<b>Documento 6:</b> A Revolução Liberal.....	p. 34
<b>Documento 7:</b> Convenção de Évora Monte.....	p. 36

# Índice de Anexos

---

<b>Anexo I-</b> Planta da Sala de Aula 11.ºE.....	pp. 102-103
<b>Anexo II-</b> Horário da turma 11.ºE.....	pp. 104-105
<b>Anexo III-</b> Planificações das aulas.....	pp. 106-112
<b>Anexo IV-</b> Fotografias da sala de aula H. 1. 51.....	pp. 113-114



# Introdução

---

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

O presente Relatório de Prática de Ensino Supervisionada foi elaborado no âmbito da unidade curricular Iniciação à Prática Profissional III, que está agregado no quarto semestre do Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário da Universidade de Lisboa. Engloba o trabalho de intervenção letiva realizado num período de dois anos, na Escola Secundária Camilo Castelo Branco em Carnaxide, sob a orientação da professora cooperante Maria José Ferreira e a supervisão do Professor Doutor Miguel Corrêa Monteiro.

O relatório está estruturado em conformidade sob as orientações do documento aprovado pela Comissão Científica dos Mestrados em Ensino, intitulado “Orientações para o desenvolvimento e elaboração do relatório da prática de ensino supervisionada” que, por sua vez, vai de acordo com o documento “Princípios e Organização dos Mestrados em Ensino da Universidade de Lisboa” e com “Normas Regulamentares” dos Mestrados. Na realização deste Relatório foi utilizado o Novo Acordo Ortográfico e as referências bibliográficas e citações da Norma Portuguesa NP 405.

A intervenção letiva teve em conta a preparação e a lecionação de uma unidade didática. Seguindo a orientação da professora cooperante e do coordenador do Mestrado, que é também, o nosso orientador, o presente trabalho teve por base a turma 11ºE da professora cooperante, tendo sido abordadas várias unidades didáticas (tabela 1).

Foram lecionadas oito aulas. Contudo, estarão apenas descritas neste relatório seis, pois vão de encontro com o subtema proposto. Os mestrandos são inseridos na comunidade escolar onde estão colocados e desempenham nas aulas a preparação teórica com que estão apetrechados, sob a supervisão da professora cooperante. As aulas que foram escolhidas através do diálogo com a referida docente foram lecionadas por nós, que lentamente fomos sentindo mais confiança para lecionar.

A escolha dos conteúdos abrangeu o final da época moderna e o início da época contemporânea. A escolha pessoal para lecionar estes conteúdos teve em conta o gosto da matéria, principalmente de História Moderna e o pensamento liberal que fez despertar a mentalidade europeia para uma sociedade mais igualitária, respeitando a liberdade e a igualdade para todos.

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

Modelo que ainda é seguido nos dias atuais e que muito contribuiu para o bem-estar da sociedade que vive sob um regime democrático.

**Tabela 1:** A sistematização temática das aulas lecionadas

Turma	Módulo	Unidade Didática	Conteúdo
11ºE	Módulo 4- Triunfo dos Estados e Dinâmicas Económicas nos séculos XVII e XVIII	UD 3- O reforço das Economias Nacionais e Tentativas de Controlo de Comércio	Conteúdo- O desenvolvimento do Capitalismo comercial e as Disputas coloniais
11ºE	Módulo 4- Triunfo dos Estados e Dinâmicas Económicas nos séculos XVII e XVIII	UD 3.2- A Hegemonia Económica Britânica: Condições de sucesso e arranque industrial	Conteúdo- O arranque da Revolução industrial: O pioneirismo inglês e a Revolução agrícola
11ºE	Módulo 4- Triunfo dos Estados e Dinâmicas Económicas nos séculos XVII e XVIII	Módulo 4- Triunfo dos Estados e Dinâmicas Económicas nos séculos XVII e XVIII	Conteúdo- O mercado externo e colonial; O arranque das industrial
11ºE	Módulo 5- A Implantação do Liberalismo em Portugal	UD 4- Antecedentes e Conjuntura (1807 a 1820)	Conteúdo- As invasões francesas, a fuga da família real e a formação do Sinédrio.
11ºE	Módulo 5- A Implantação do Liberalismo em Portugal	UD 4.2.1- As dificuldades de Ordem Liberal ( 1820-1834)	.Conteúdo- O retorno do rei e o juramento da Constituição de 1812 e os golpes absolutistas
11ºE	Módulo 5- A Implantação do Liberalismo em Portugal	UD 4.2.1- As dificuldades de Ordem Liberal ( 1820-1834)	Conteúdo- A usurpação de D. Miguel e a guerra civil Portuguesa

Na sequência foi pensado um título para este relatório de forma a ajustar-se aos conteúdos dados na sala de aula, tendo em conta os temas que foram abordados na intervenção letiva realizada que foram de História Moderna e Contemporânea. O que importante a tratar é relatar os principais marcos que levaram a evolução de uma época para a outra.

A escolha do subtítulo do relatório: “A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História”, advém do facto cada vez ser mais importante dos alunos entrarem em contato e explorarem o documento para que tenham noção da mentalidade do homem consoante a época que estiver a ser estudada na sala de aula e, dessa forma, através da leitura e da análise crítica desenvolver o pensamento crítico e ter noção da evolução constante da humanidade até aos dias atuais. E partir daí, motivar os alunos a terem uma participação ativa na sociedade e tornarem-se críticos para serem intervenientes numa sociedade livre e democrática.

## **Temas de História Moderna e Contemporânea:** A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

Este trabalho está estruturado em quatro partes: O Ensino Da História; O ensino da História; As teorias da aprendizagem; O Contexto escolar; O resumo das aulas da Unidade Didáctica Prática de Ensino Supervisionada; e, finalmente, as Considerações Finais do Mestrado em Ensino.

Primeiramente, fazemos o enquadramento didáctica sobre a intervenção letiva, de forma teórica, apoiando nas orientações curriculares e sobre a didáctica da História e, dessa forma, estruturar o contexto do tema do Relatório, tendo em conta que foi realizado e planeado no contexto da sala de aula.

Numa primeira instância, tentamos salientar as constantes modificações pedagógicas a propósito do ensino-aprendizagem da História. Desse modo, devemos referir essas alterações que houveram no plano curricular. A perspetiva que devemos ter como professores é procurar uma melhor maneira para que os alunos consigam adquirir o conhecimento histórico com mais acessibilidade para assimilar com mais facilidade, a matéria e as estratégias que devem ser tomadas pelo docente.

As teorias da educação simultaneamente com o saber histórico devem auxiliar a prática do professor de História. Este conhecimento é crucial para a intervenção na sala de aula, pois devem haver sempre mais que uma maneira precisa para o melhor aproveitamento de todos os elementos da turma. O professor não deve ser um déspota na aula, mas sim um facilitador da aprendizagem auxiliando sempre os alunos, e respeitando o seu espaço e as suas capacidades individuais. Portanto, as teorias de educação que estão patentes nesta intervenção letiva foram implementadas nas aulas.

Para concluir esta primeira parte, tentámos exemplificar com os documentos utilizados durante as aulas, implementando uma metodologia de ensino-aprendizagem focada na abordagem do documento escrito. Desse modo, foi feito um ato teórico sobre como conceito de documento e como devemos inspecionar a sua informação através da pedagogia didáctica e, com isso, estabelecer a operacionalização deste método. Quero especialmente agradecer ao Professor Miguel Corrêa Monteiro, por me orientado e facultado informação sobre a aplicação do documento histórico.

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

A segunda parte do Relatório faz referência ao contexto escolar. Onde faremos uma contextualização de onde se situa a escola, quem foi o seu patrono e a sua importância para a escola ter o seu nome, abordando a sua história e a da escola e como é composta. Na segunda parte, demonstramos a análise da caracterização da turma 11ºE, onde apresentamos com representações gráficas dos dados recolhidos através de um inquérito dado aos alunos e aceite pela professora cooperante. O inquérito serve para conhecer os aspetos que possam relacionar os estudantes com o sucesso escolar e a sua interação onde decorreram as aulas, assim como, as suas opiniões quanto a escola, a disciplina de História e um pouco sobre a sua vida pessoal, familiar e quanto às expectativas futuras.

Na terceira parte, é realizada uma descrição sucinta sobre as aulas lecionadas, que vai de encontro as planificações realizadas de forma a explicar detalhadamente os pontos fortes e fracos durante as aulas de forma reflexiva sobre todo o trabalho feito, tendo em conta as aprendizagens realizadas nas aulas e como isso vai consolidar a nossa experiência para uma melhor prática docente no futuro.

Para concluir esta primeira parte, tentámos exemplificar com os documentos utilizados durante as aulas, implementando uma metodologia de ensino-aprendizagem focada na abordagem do documento escrito. Desse modo, foi feito um ato teórico sobre como conceito de documento e como devemos inspecionar a sua informação através da pedagogia didática e, com isso, estabelecer a operacionalização deste método. Quero especialmente agradecer ao Professor Miguel Corrêa Monteiro, por me orientado e facultado informação sobre a aplicação do documento histórico.

A segunda parte do Relatório faz referência ao contexto escolar. Onde faremos uma contextualização de onde se situa a escola, quem foi o seu patrono e a sua importância para a escola ter o seu nome, abordando a sua história e a da escola e como é composta. Na segunda parte, demonstramos a análise da caracterização da turma 11ºE, onde apresentamos com representações gráficas dos dados recolhidos através de um inquérito dado aos alunos e aceite pela professora cooperante. O inquérito serve para conhecer os aspetos que possam relacionar os estudantes com o sucesso escolar e a sua interação onde decorreram as aulas, assim como, as suas opiniões quanto a

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
**A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História**

escola, a disciplina de História e um pouco sobre a sua vida pessoal, familiar e quanto as expectativas futuras.

Na terceira parte, é realizada uma descrição sucinta sobre as aulas lecionadas, que vai de encontro as planificações realizadas de forma a as explicar detalhadamente os pontos fortes e fracos durante as aulas de forma reflexiva sobre todo o trabalho feito, tendo em conta as aprendizagem realizadas nas aulas e como isso vai consolidar a nossa experiência para uma melhor prática docente no futuro.

Para concluir, evidenciamos uma lista bibliográfica que consolidou a componente deste Relatório. Nos anexos, apresentamos a planta da sala de aula da turma, o horário e a sala onde ocorreu as aulas. Os diapositivos Powerpoint que foram utilizados para a leção das aulas encontram-se no suporte informático ( CD/DVD-ROM).

# **Primeira Parte**

---

A UTILIZAÇÃO DO DOCUMENTO NO ENSINO-APRENDIZAGEM DA HISTÓRIA

## **1. A arte de ensinar e aprender História**

O ensino da História sempre foi usado como forma de reconhecimento da cultura, cidadania e de identificação de um povo. Com o intuito de transmitir esses conhecimentos para as novas gerações, de modo a que estas produzam cidadãos livres e ativos, com a consciência do seu passado e dos seus antecessores até a época atual. Nos dias de hoje, a escola portuguesa ainda demonstra ter cariz tradicional, pois não aceita críticas construtivas para se adaptar aos tempos modernos, contudo consideram-se uma escola moderna:

*“A Escola Isolada continua a ser uma Escola tradicional que se mascara com uma capa pedagógica dita moderna, mas é só fachada... É que no fundo as propostas pedagógicas continuam a ser demasiadamente tradicionais, como se a novidade fosse por si só um erro!”*

Por vezes, na suas explicações exageradas exaltam as grandes figuras que influenciaram o progresso da sociedade. Contudo, devemos ter em atenção que não podemos exagerar, utilizando para isso uma visão imparcial e com base nos documentos históricos que relatam os eventos que se sucederam. A presença da História na educação tem por base muitas e variadas razões, pois tem parte da construção de qualquer perspectiva conceptual dentro da área das Ciências Sociais, pois é auto-suficiente como disciplina de grande potencialidade formativa. Acredito que o estudo da História pode servir para o entendimento do presente, sendo que não há nada no presente que não possa ser melhor compreendido através do passado.

A História não tem a pretensão de ser apenas uma disciplina que ajuda a compreender o passado, mas estabelecer uma ponte de ligação para a compreensão do presente adquirindo uma maior abrangência do conhecimento graças aos eventos ocorrem no passado. A História oferece pontos de

---

1 MONTEIRO, Miguel Corrêa, A ilha pedagógica, Plátano Editora, Lisboa, 2001 p. 7



**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

referência para compreendermos problemas sociais, quotidianos da época, demonstrando a evolução continua da sociedade. O passado é o que se passou e a História é a investigação que explica e dá uma melhor visão aos acontecimentos do mesmo. Portanto, a História coloca questões fulcrais sobre as ocorrências do passado. Leva as crianças e adolescentes a obter um sentido de identidade e cultura. Ter uma noção das nossas origens leva-nos, na nossa fase adulta, a partilhar valores, costumes e ideias.

Auxiliar os alunos na compreensão de suas próprias raízes culturais e da herança comum. Este aspecto está intimamente ligado ao ponto anterior. Não se pode impor uma cultura uniforme aos jovens numa sociedade tão diversa culturalmente como é atualmente. Sem dúvida, é certo que compartilhamos uma grande parte da cultura comum. Contribuir para o conhecimento e a compreensão de outras culturas do mundo moderno. Definitivamente, a História é um instrumento para ajudar e entender a valorizar as diferentes culturas que coexistem nesta sociedade multicultural. A investigação rigorosa e sistemática dos documentos e das fontes leva a um excelente exercício intelectual. Apresentar aos alunos o conhecimento e o domínio de uma metodologia rigorosa, própria dos que investigam a História. As competências requeridas para montar o passado podem ser úteis para a formação do aluno, pois estimulam a capacidade de análise, de dedução, e ajudam a conjecturar hipóteses, entre outras.

A educação actual obriga ao professor a ter uma renovação nas aulas, tendo este que ao longo da aprendizagem mudar alternadamente as metodologias de ensino. Outras áreas como a psicologia na educação, a sociologia e a didáctica coadjuvaram para o avanço científico aumentando os métodos de análise que, por sua vez, englobaram um maior conhecimento para um melhor entendimento do docente dentro da sala de aula e para que este tenha um melhor discernimento para com os seus alunos e saber lidar caso haja situações desviantes ao que é pretendido dentro da sala de aula.

O uso acentuado uso da tecnologia dos meios de comunicação pelas novas gerações têm gerado mudanças nos comportamentos dos alunos, sendo que não olham para a Escola como um meio para alcançar um futuro mais bem sucedido. Os alunos apenas querem estar na escola para conviver com os seus colegas, estar abrigado num lugar seguro e confortável e terem algo para comerem. Quanto as aulas apenas ouvem sem interesse o professor e fazem um esforço redobrado para estudar na véspera

## **Temas de História Moderna e Contemporânea:** **A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História**

do teste. O grande desafio dos professores neste século consiste em não ser apenas um reproduzidor dos programas, cingir-se pelos autores que estão patentes nos manuais escolares.

A escola atual ainda possui características ocultadas da velha escolástica, como já foi anteriormente referido, o importante é apenas o resultado e não o conhecimento apreendido na sala de aula. O sistema predominante nas aulas é a exposição oral enfadonha é a única metodologia desempenhada pelo docente e, por seu turno, a de um modelo antiquado, com pouca interação com os alunos e diretivo. Para lecionar História em qualquer nível de ensino o professor necessita não só de uma aplicação de um projeto didático direcionado para uma vertente científico-didática, porém devemos ter cautela no uso do vocabulário para que seja simples e objectivo para a melhor compreensão dos alunos. O uso de conceitos e metodologias são necessários para o ensino da História, embora devem ser relacionados com um conjunto de conhecimento científico e sempre que possível interdisciplinar.

Portanto, é fundamental, o facto histórico, pois um dos grandes problemas do professor de História está no conceito de tempo aos alunos e do conceito de tempo histórico, apesar de os dois não coincidirem e resultar numa grande confusão para os que estão a instruir na era de ensino. Portanto, devemos abordar o facto histórico numa dimensão de tempo e espaço num passado longínquo. Não importa somente o objeto de estudo de um determinado tempo, mas do ponto de vista dinâmico de sucessão abrangente e correlacionado com o espaço que, portanto, é mais amplo e complexo. Desse modo, será importante fazer uma introspeção sobre a dimensão temporal e espacial que são necessárias para o contexto do ensino de História. Segundo Jean Piaget, que atribuiu vários estádios do desenvolvimento psicomotor e cognitivo dos alunos diverge ao longo das idades que possuem e, desse modo, têm diferentes ritmos de de progresso crescente que devem ser compreendidos e supervisionados pelo professor.

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

*“ Do ensino à aprendizagem e espírito criador: mais do que ensinar, o professor deve proporcionar a auto-actividade e auto-educação, a globalização e o realismo, a espontaneidade, a originalidade e a criatividade.”<sup>2</sup>*

O docente deve demonstrar o gosto pela disciplina de História e de essa forma conseguir cativar e motivar o gosto à turma, demonstrando ter uma base sólida cientificamente que lhe dará conforto na sala de aula sustentado pelas competências pedagógicas e didáticas, formando um “triângulo” e no seio a personalidade e os valores do docente<sup>3</sup>. O aluno, durante a aula, está exposto aos conteúdos a determinar as balizas cronológicas para enquadrar o tema que esta a ser lecionado pelo professor, portanto este deve clarificar e interligar as de forma encadeada as noções históricas aos alunos. Desse modo, o professor deve estar familiarizado com a turma quando abordar o tema de forma a que os alunos fiquem clarificados assim que sejam confrontados com a necessidade de estabelecer cronologicamente num certo acontecimento, isto é, numa perspetiva estrutural facultados por meios que auxiliem à compreensão de forma a conseguir uma correlação nas noções históricas. Deste modo, numa primeira abordagem vinda da parte do docente em se familiarizar os alunos as noções temporais, exibindo as cronologias para situar os acontecimentos mais marcantes de acordo com a matéria que está a ser lecionada e conseguir interligar a percepção do tempo através de barras cronológicas ou gráficos para conseguir exemplificar de melhor para a consolidação do conhecimento da turma. Somente depois de situar a localização temporal, apesar de ser uma noção um pouco complexa para o aluno, o professor intervém proporcionando aos alunos uma explicação dos acontecimentos num duração temporal onde esteja patente as transformações sociais, económicas política e culturais e que seja refletido as mudanças, os diferentes ritmos, a continuidade e a descontinuidade que é característica do processo evolutivo da evolução humana. O ensino de História tem que ser objetivo, ou seja, passar do simples para o concreto.

---

2 PROENÇA, Maria Cândida, *Didáctica da História*, Universidade Aberta, Lisboa, 1989 p. 43

3 MONTEIRO, Miguel Corrêa, *O Ensino da História*” in *O Ensino na Escola de Hoje – Teoria, Investigação e aplicação*, cap. 8. Feliciano H. Veiga. (coord), Lisboa, 2017 p. 246

## **Temas de História Moderna e Contemporânea:** A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

Outro aspeto essencial, o docente deve estruturar de forma hierárquica os conteúdos para dar na aula e, sobretudo, realizar uma decomposição dos conceitos de uma forma mais simples, num vocabulário coerente e adequado aos seus alunos, ou seja, exemplifica-los em conceitos subordinados. Caso por em prática esta metodologia as aulas serão muito mais fáceis para o entendimento dos alunos e mais gratificantes, sendo que estes vão associar exemplos decompostos o que irá consolidar o seu conhecimento e estabelecerem relações de proximidade. O docente deve ter em conta que a matéria antecedente e subsequente do modo a organizar de forma encadeada a matéria didáctica para que seja compreendida os eventos que proporcionaram a concretização de novas acontecimentos.

Quanto ao valor da cidadania a escola deve ter a preocupação de promover a educação para a cidadania. O papel formativo da História tem um contributo fundamental para a formação da cidadania, através da sua responsabilidade da identificação e herança cultural. O objetivo é fomentar o paradigma humanista para ser aquele que se adapta com maior facilidade à sociedade atual. Defendendo o desenvolvimento do indivíduo centrado na aquisição de conhecimentos para conseguir formar uma pessoa confiante, livre e aberta, com noção do seu potencial e participar ativamente na sociedade.

A partir da investigação e da apreensão do conhecimento defendemos para uma sociedade mais lúcida com os cometidos do erros no passado e com interesse pelo saber. Desse modo, desenvolver as aptidões e preferências pessoais através do contato com a realidade para que o individuo crie uma relação ativa no ambiente em que está e com a sociedade no geral com a perspetiva de atuar frequentemente sobre esta com as intenções de melhorar e motivar para um modelo melhor para uma sociedade em que todos tenham a mesma oportunidade e com melhor qualidade de vida.

A sociedade moderna, com todo o desenvolvimento tecnológico carece, cada vez mais, de mão-de-obra qualificada, pondo de parte a educação formal, pois requer muito mais tempo e preparação. Todavia, a ação educativa visa sempre modificar o comportamento de quem consegue alcançar. Apesar de hoje em dia, as pessoas estarem mais preocupadas com a tecnologia e com o desejo de ganhar dinheiro fácil do que se instruir. Portanto, devemos formar mais pessoas conscientes da realidade para dar o exemplo as novas gerações que somente com a educação podemos almejar ao que quisermos na vida.

## **2. Teorias de Aprendizagem**

Ter a capacidade para aprender é uma mais valia para o progresso do ser humano. Portanto, é essencial entender a relação no contexto científico, tendo em conta os principais agentes e as bases teóricas que, por sua vez, levam aos métodos e as estratégias no ensino-aprendizagem. Desse modo, o suporte teórico apreendido entre as diferentes unidades curriculares do mestrado é uma mais valia, sendo que nos leva a ter em conta determinados modelos e teorias da educação para usarmos no nosso quotidiano enquanto docentes.

Vamos mencionar os elementos incontornáveis da teoria cognitiva que no nosso entender melhor se aplicam a metodologia de ensino-aprendizagem na sala de aula.

Os defensores desta teoria, Piaget e Bruner defendem uma aprendizagem efetiva, alegando a alteração da estrutura cognitiva do indivíduo e, desse modo, o seu método de trabalho tem um significado objectivo. O aluno não é um ser passivo, portanto este método não pode ser passivo, mas sim um agente ativo que está presente durante todo o processo da aula. O professor assume uma posição de mediador entre o aluno e o conhecimento, isto é, um mediador do conhecimento que o guia e orienta a sua conduta como a turma.

Começando por Piaget, que considerava que as próprias crianças deviam ser as construtoras do seu próprio conhecimento. Elaborou uma teoria em que as estruturas do raciocínio, que se integram entre si através de diferentes estádios do desenvolvimento intelectual, que estão na base da evolução do conhecimento, ou seja, que o conhecimento e a capacidade de adquirir informação evoluiu com o passar do tempo. Os professores devem utilizar uma abordagem educacional diferente com as crianças devido a estas ainda estarem num progresso de maturação.

## **Temas de História Moderna e Contemporânea:** A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

A teoria do Desenvolvimento Cognitivo tem um lugar privilegiado ao problema da adaptação entre o indivíduo e o meio. Piaget, sendo biólogo, era sensível ao estudo dos mecanismos de adaptação do sujeito ao meio, pela observação profunda do desenvolvimento psicológico, a que procedera, estava em condições de compreender esse procedimento.

O fundamental aqui, será então a interacção do individuo com o meio ambiente e o papel da inteligência nesta interacção, ou seja, a inteligência é uma forma de adaptação do individuo ao meio. Para Piaget o conhecimento não radica apenas no empirismo nem no racionalismo, mas na sua coexistência. O conhecimento é construído através da interacção entre o sujeito e os objectos/situações<sup>4</sup>.

A adaptação um factor importante para todos os seres vivos e reveste formas diferenciadas consoante as espécies. A humanidade é encarada como um caso particular da adaptação biológica, ou seja, essencialmente uma organização cuja função consiste em estruturar o universo como o organismo que estrutura o meio ambiente. Sendo assim, a adaptação comporta dois processos: a assimilação e a acomodação<sup>5</sup>. O desenvolvimento intelectual resulta de sucessivos equilíbrios entre estes dois factores.

A assimilação é a incorporação de elementos do meio de forma a integrarem as estruturas do sujeito (com a modificação desses elementos) como processo inicial. Este processo, segundo Piaget, consiste na “utilização do meio externo pelo sujeito com vista a alimentar os seus esquemas hereditários ou adquiridos.”<sup>6</sup>

*“ ... as coisas que as crianças aprendem por si mesmas, que não lhes foram ensinadas e que têm que descobrir... É sobre esse aspecto espontâneo da inteligência, que vou falar, uma vez que sou apenas um psicólogo, não um educador, e também porque do ponto de vista da função do tempo, é*

---

4 *PIAGET, J., Teoria do desenvolvimento Cognitivo*, FCTUC Psicologia Educacional II - 05/06, [consult. A 10 de Junho 2018 ], Disponível em: <http://www.mat.uc.pt/~guy/psiedu2/piaget> p.2

5 RAPOSO, Nicolau de Almeida Vasconcelos, *Implicações Pedagógicas da Teoria de Jean Piaget*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1980 p. 125

6 Idem, Ibid p. 125

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

*exactamente esse desenvolvimento espontâneo que interessa como pré-requisito evidente e necessário para o desenvolvimento educacional nas escolas.*<sup>7</sup>

O outro pedagogo, Jerome Bruner, defende também uma aprendizagem ativa, embora à semelhança de Piaget, alega que a maturidade e a interação do meio influencia o desenvolvimento e a formação do indivíduo. A teoria construtivista é mais abrangente porque faz com que o aluno consiga incorporar a transmissão social, o processo de identificação e a imitação no processo de desenvolvimento e formação. O carácter de desenvolvimento da teoria de Bruner mantém-se devido à capacidade que cada pessoa tem de se equilibrar. Um outro aspecto que diferencia da teoria de Piaget é quanto a cultura, à linguagem e às técnicas como meios que possibilitam a emergência de modos de representação, levando-o a confirmar que o desenvolvimento cognitivo será tanto mais rentabilizado quanto melhor for a aquisição do meio cultural onde o ambiente seja enriquecedor e estimulante.

*“O domínio das ideias fundamentais de um campo científico inclui não só a apreensão dos seus princípios gerais , mas também o desenvolvimento de uma atitude favorável à aprendizagem e à investigação, a conjecturar e a intuir, e a possibilidade de resolver os problemas de forma autónoma. ”*<sup>8</sup>

Bruner concede à linguagem um processo de desenvolvimento que incorpora, de certa forma, as contribuições do desenvolvimento cognitivo e os contributos do meio envolvente, pois é através de ambos que a criança organiza e estabelece os diferentes modos de representação da realidade e, dessa forma, utiliza a técnica inculcadas na sua cultura. O desenvolvimento cognitivo, segundo Bruner, está inato no ser humano<sup>9</sup> e deve ser desenvolvido na utilização das técnicas de seleção da informação, como forma de codificar a experiência, tendo em conta os os sistemas de

---

7 ROLDÃO, Maria do Céu, *Uma Perspectiva a Questionar no Currículo*, Instituto de Inovação Educacional, Braga, 1995 p. 52

8 BRUNER, Jerome, *O processo da Educação*, Edições 70, Lisboa, 2011 p. 43

9 BRUNER, Jerome, *Actos de Significado*, Edições 70, Lisboa, 2008 p. 93

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

representação. Esta teoria procurou descrever o desenvolvimento cognitivo por etapas etárias: dos 3 anos de idade, a criança passa pelo estágio das respostas motoras; dos 3 aos 9 anos, faz uso da representação icónica; e, a partir dos 10 anos de idade consegue chegar ao estágio da representação simbólica.

No primeiro estágio, demonstra os acontecimentos ocorridos através de respostas motoras apropriadas e privilegia a acção como forma de representação do real, sendo por isso que a criança aprende a partir da manipulação de objectos. Nesta fase, a criança age com base nos mecanismos de reflexos, embora simples e condicionados até conseguir desenvolver a sua cognição. A segunda etapa, a representação icónica, baseia-se na organização visual, no uso de imagens sinópticas e na organização de percepções e de imagens. A criança tenta reproduzir objectos, mas está fortemente dependente de uma memória visual concreta e distinta. A terceira etapa, a representação simbólica, indica a forma mais elaborada de representação da realidade, demonstrando a capacidade de representar a realidade através de uma linguagem simbólica e de um carácter abstracto sem carecer de uma dependência directa da realidade.

*“ O truque está em encontrar as perguntas intermédias que possam ser respondidas e que nos conduzam a algum lado. Está a grande tarefa dos professores e dos manuais.”<sup>10</sup>*

A importância do papel do docente é fundamental para a organização curricular na sua planificação de forma a seleccionar a melhor informação e os materiais para a maior apreensão do conhecimento dos conteúdos<sup>11</sup>. O professor deve realizar perguntas pertinentes e objetivas de forma clara sobre a matéria para obter o feedback dos alunos sobre o que aprenderam durante a parte expositiva da aula. De seguida, deve testar-los através de exercícios para consolidar o seu conhecimento e de maneira a cativar o seu interesse na aula. Tudo isto foi praticado na sala de aula

---

10 BRUNER, Jerome, *O processo da Educação*, Edições 70, Lisboa, 2011 p. 58

11 BRUNER, Jerome, *Teoria do Desenvolvimento Cognitivo*, FCTUC Psicologia Educacional II - 05/06, [consult. A 18 de Junho de 2018 ], Disponível em: <http://www.mat.uc.pt/~guy/psiedu2/bruner p..7>



**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

e estará mais pormenorizado na descrição das aulas dadas. Segundo Bruner, o papel ativo que aprende e trabalha a informação que lhe é dada é fundamental. Alega que o ensino pela descoberta consolidado e suportado com investigação e observação, conjecturando que o conhecimento está associado aos problemas que surgem através de descobertas ou formulação de hipóteses.

Apesar de sermos defensores das teorias cognitivistas, pois são as que mais se adequam ao subtema proposto. Todavia, temos que ter cuidado para que a sua prática não se torne um excesso, levando que este tipo de ensino-aprendizagem leve a memorização e não é que pretendemos. Nesta disciplina, apesar de haver nomes, datas, locais e afins, torna-se necessário o uso da memorização para fazer referência ao que se passou. No entanto, apesar do ensino-aprendizagem não excluir o ato de decorar devemos ter em conta que para saber realmente algo deve haver um determinado entendimento para então haver memorização. Dessa forma, promover a interligação de forma sequencial dos acontecimentos passados de forma cronológica, demonstrando que foram entendidos e integrados de forma contextualizada. A finalidade é que o aluno deve aprender a pensar antes de começar a estudar e, desse modo, desenvolver as suas capacidades apoiado pelo professor num clima que o motive e estimule o gosto pelo conhecimento.

O construtivismo está automaticamente ligado ao trabalho de Piaget e Bruner, desafiando a ideia de que os estudantes são tábuas rasas para serem preenchidas com conhecimentos disciplinares. Pelo contrário, a aprendizagem é vista como um processo contínuo de construção e ajuste das estruturas mentais através das quais o conhecimento é compreendido e assimilado.

Consequentemente, postula-se que a aprendizagem não se faz apenas pela adição de novos conhecimentos, mas antes pela mutação das estruturas conceptuais já existentes nos alunos, de modo a que novos conceitos e modos de raciocinar possam ser incorporados.

O processo de ensino-aprendizagem não facilita a adaptação das estruturas mentais já presentes, corremos um sério risco dos factos aprendidos permanecerem desarticulados, dificultando a sua correcta compreensão e assimilação.

## **Temas de História Moderna e Contemporânea:** A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

Inicialmente, a pesquisa de abordagens à aprendizagem foi empreendida pelos psicólogos suecos Marton e Säljö<sup>12</sup>. Fizeram entrevistas de valor qualitativo na identificação de diferentes categorias de abordagens à aprendizagem por parte dos estudantes. Descobriu-se que a aprendizagem é normalmente abordada de duas maneiras opostas, consoante as intenções do aluno e a sua compreensão da tarefa requerida, portanto este adopta uma abordagem superficial ou uma abordagem profunda.

Na primeira, a intenção é realizar a tarefa com um mínimo de esforço possível. Prioriza-se a memorização do conteúdo em detrimento da compreensão e reflexão. Ansiedade, sobrecarga de trabalho, falta de tempo ou incompreensão da matéria, são factores que concorrem para a adopção de uma abordagem superficial à aprendizagem. O ensino corre o risco de encorajar a adopção desta abordagem por parte dos estudantes se o docente não conseguir estabelecer uma lógica diferente de conceitos da disciplina, caso o programa estiver com excesso de matéria ou se houver expectativas baixas dos alunos.

Na segunda, a intenção é lidar com a tarefa em mãos de modo significativo e com um nível conceptual elevado. O aluno foca-se no significado e mostra desejo por compreender, construindo analiticamente os novos conceitos e relacionando-os com aquilo que já sabe. O ensino pode encorajar a adopção desta abordagem através da explicação da estrutura dos conceitos e dos tópicos abordados por parte do professor, construindo sobre os mapas conceptuais já existentes e procurando suscitar repostas activas por parte dos alunos. Deve-se dar oportunidade para que possam aprender com os seus próprios erros, encorajando-os a reflectir criticamente sobre os conteúdos, mantendo as expectativas altas e promovendo uma aprendizagem significativa.

As intenções dos alunos em adoptar abordagens superficiais ou profundas não são o resultado de características fixas ou inatas, mas antes são uma resposta ao contexto educacional. O professor pode influenciar a abordagem à aprendizagem por parte dos alunos, clarificando-lhes que

---

12 MATHIESON, Sue, *Student Learning*. Texto de apoio cedido pelo Professor Doutor Feliciano Veiga na Unidade Curricular Processo Educativo: Desenvolvimento e Aprendizagem

as expectativas são altas e providenciando-lhes um ambiente de aprendizagem propício à reflexão e ao aprofundamento das matérias e dos conceitos.

**Tabela 2:** Síntese das principais teorias de aprendizagem<sup>13</sup>

<b>Teorias da aprendizagem</b>	<b>Bases psicológicas</b>	<b>Principais representantes</b>	<b>Princípios psicopedagógicos</b>	<b>Técnicas de ensino</b>
Behavioristas	E-----R (Estímulo- Resposta)  Condicionamento por reforço	Watson  Thorndike  Guthrie  Hull  Skinner	Apresentação de estímulos Condicionamento Reforço das reações desejadas  Conhecimento dos resultados  Apresentação da matéria em sequências curtas Exercitação	Exercícios de repetição (“drills”) Ensino individualizado  Demonstrações para imitação Memorização
Cognitivistas	Conhecimento intuitivo (“insight”) Estrutura de Campo	Wertheimer  Kolher  Koffka  Lewin  Piaget  Bruner  Ausubel	Motivação Desenvolvimento de expectativas  Condições de conhecimento intuitivo (“insight”) Compreensão  Relação do “novo” com o “adquirido” Sistematização  Transferência para situações novas, idênticas	Ensino pela Descoberta Ensino por descoberta guiada “Organizadores avançados”  Apresentação de objetivos  Introduções Sumários Questionários orientadores  Questionários de revisão Esquemas  Debates, discussões, estudo de casos
Humanistas	“Pessoalidade”	Maslow  Buhler  C. Rogers  A. Combs	Aprendizagem centrada no aluno  Auto-aprendizagem e auto-avaliação  Aprendizagem dos sentimentos, dos conceitos das habilidades  Ajudar a “ Tornar-se pessoa”  Atmosfera emocional positiva empática	Ensino individualizado  Discussões Debates  Painéis  Simulações Jogos de papéis  Resolução de Problemas

<sup>13</sup> JANES, José Cristiano Mendes, *A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História*, Faculdade de Letras, Lisboa, 2017 p. 15

### **3. A utilização do documento no ensino-aprendizagem**

*“Não podemos alcançar o passado directamente, mas só através dos traços inteligíveis para nós, que deixou atrás dele, na medida em que estes traços subsistiram, em que nós os encontramos e em que somos capazes de interpretar...”<sup>14</sup>”*

A disciplina de História tem por base comprovar os acontecimentos passados através de documentos das ocorrências passadas. O historiador deve ter em conta que não pode saber os eventos do seu estudo na totalidade, pois as fontes não abrangem a totalidade do comportamento humano no passado.

No contexto escolar, devemos ter em conta que os alunos não estarão disponíveis a ler uma enorme quantidade de documentos nas aulas, portanto o docente deve cingir-se a entrega de um ou dois documentos não muito extensos para os alunos não perderem a atenção da aula. Deste modo, complementar a exposição da matéria do professor, consolidando o ensino-aprendizagem. Todavia, o docente deve ter um papel mediador, sendo que as competências têm que provir de alguém com uma grande base de conhecimento e depois serem trabalhadas pelos alunos. O professor tem a tarefa de estabelecer os objetivos e competências pretendidos para serem alcançados pela turma, porém deve ter em conta para não elevar demasiado a fasquia, mas sim adaptar consoante o seu nível etário e de conhecimento.

*“No início da aula sobre conceitos, tal como em todo o tipo de aula, o professor precisa de comunicar com clareza aos alunos quais os da e a forma como está irá decorrer. O professor poderá também rever os passos da aula e explicar aos alunos as razões da importância dos conceitos prestes a ser ensinados...”<sup>15</sup>”*

---

14 MARROU, H-I, *Do Conhecimento Histórico*, Editorial Aster, Lisboa, 1976 p. 61

15 ARENDS. Richard I., *Aprender a Ensinar*; trad. Maria João Alvarez... [et al.] ; rev. Sara Bahia. Lisboa [etc.] : McGraw-Hil, 1997 p. 320

## **Temas de História Moderna e Contemporânea:** A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

O verdadeiro desafio para um professor é conseguir através do documento levar aos alunos a questionar sobre os comportamentos dos homens do passado e, dessa forma, repensarem, por si mesmos, o que está patente no documento para análise e por em causa o que autor arroga. O objetivo é que o aluno comece a despertar o seu interesse na matéria. É nesta perspetiva que devemos abordar uma aula com o uso de fontes e alcançar os objetivos pretendidos, desenvolvendo as capacidades dos estudantes. O que desejamos como professores é que a partir do conhecimento os alunos abrirem a mente para se tornarem pessoas ativas na sociedade e serem livres pensadores com uma postura e opinião crítica. Dessa forma, cativar o aluno a ler e a desfrutar de uma boa leitura, ou seja, incutir bons hábitos de leitura.

*“ A planificação de estratégias de ensino é uma actividade pessoal e única porque é determinada por condições específicas como: as características próprias do professor; as características da turma e da comunidade escolar os recursos, ou auxiliares de ensino/aprendizagem, disponíveis e, ainda, cada situação concreta do ensino/aprendizagem. Por isso, o professor, de acordo com todas estas variáveis e tendo em conta as finalidades visadas, pode decidir quais as estratégias mais adequadas a cada situação<sup>16</sup>”*

O docente assume um papel fulcral no processo de ensino-aprendizagem, tentando motivar os alunos para a interpretação dos textos escritos. A descrição histórica vai ser analisada e interpretada com o intuito de estabelecer as informações básicas para a contextualização do acontecimento do nosso objeto de estudo. Portanto, esta medida funciona como uma estratégia básica para o processo de ensino-aprendizagem. No entanto, devemos ter em conta a diversidade dos métodos e a capacidade da turma para os interpretar.

A disciplina de História abrange e se relaciona com vários temas de desenvolvimento e competências. Neste contexto, temos que ter em conta as disciplinas de Português e Geografia, pois sem o domínio da língua materna é impossível conseguir analisar e interpretar o documento em

---

16 PROENÇA, Maria Cândida, *Didáctica da História*, Universidade Aberta, Lisboa, 1989 p. 124

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
**A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História**

questão. O que vai de encontro a como o aluno pode se expressar na escrita, tornando o processo de ensino-aprendizagem complicado para concretizar a sua execução. Quanto à Geografia, o aluno deve ter noção a localização dos marcos que mudaram a nossa História e saber as condições que levaram a despoletar nessa determinada região, como por exemplo: o caso da Revolução Industrial, saber as condições que levaram a Inglaterra a ser pioneira, tendo em conta que existia muitas minas de carvão na região ser uma das razões. Todavia, tudo isto deve ser incentivado e, desse modo, incentivar o aluno. Para assim, a uma necessidades psicológica e estar motivado, contribuindo para o domínio do conteúdo e estabelecer as condições para a sua assimilação e integração. Este método deve ser realizado num clima onde o aluno se senti confortável para responder ao que pensa, sem levar com repercussões negativas pela parte do docente, portanto deve haver um clima de interesse por ambos os lados. O mais importante é fomentar a interdisciplinaridade entre as disciplinas mencionadas para fomentar o conhecimento de diferentes abordagens.

A importância do uso do documento na História é crucial para termos a percepção dos eventos passados e, dessa forma, entender a razão como chegamos ao agora, portanto é essencial estabelecer uma ponte de ligação entre o passado e o presente. Todavia, para confirmarmos cientificamente não podemos fazer uma viagem ao passado, por isso devemos nos cingir com os documentos que retratam esses passado para não termos um pensado deturpado ou exaltado de um determinado evento histórico .

*“Sem fontes históricas não é possível fazer História. Sem fontes históricas também não é possível ensinar História, se pretendemos efectuar um ensino inteligível e capaz de desenvolver capacidades e competências<sup>17</sup>.”*

Sem conteúdos não possível executar uma aula, portanto devemos sempre lembrar que tem que haver provas para falarmos concretamente do passado e devemos lembrar constantemente aos

---

17 Idem, *Ibid* p. 126

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

alunos isso. Todavia, na análise de uma fonte devemos ter em conta em fornecer à tua turma um documento que esteja transcrito e que não esteja num português muito arcaico ou se estiver com palavras em latim, visto que nos dias de hoje ser uma linguagem extinta. O importante é seleccionar um texto com uma linguagem clara e objetiva que vá logo de encontro ao que se pretende e então separar a análise e a explicação do documento em dois momentos. A fragmentação do texto em várias partes, demonstrando a finalidade do autor, portanto deve ser explicado de forma clara toda a informação que está disponível no documento para evitar mal-entendidos entre a turma e, em seguida, questionar em conjunto essa mesma informação. Contudo, o docente deve ter cuidado para não se dispersar na sua explicação, sendo que o documento pode conter informações diretas ou indiretas<sup>18</sup>, explicando devidamente ao alunos de forma objetiva e não fazer quaisquer comentários que não tenham nada a haver com a informação que esta sendo dada. Para então gerar um efeito de participação de todos os alunos que estão na sala de aula, dando uma noção clara da importância do fato histórico que esta ser analisado facilitando a compreensão dessa época histórica, desenvolvendo as capacidades de análise e sinopse dos alunos.

A metodologia da utilização do documento deve servir como reforço à exposição da matéria que foi dada. Ou seja, deve ser utilizado como uma forma de consolidar o tema em estudo de forma auxiliar ou de avaliação formativa. Contudo, antes de entregar o documento devemos ter em conta a sua natureza, o contexto histórico e as razões porque foi escrito, tendo em conta os eventos que influenciaram a sua descrição.

Quanto à tipologia das fontes históricas podem aparecer de diversas formas: fontes escritas ou não escritas, primárias ou secundárias- como por exemplo fontes de chancelaria ou narrativas tradicionais da época. Os documentos escritos como cartas, tratados diplomáticos, fontes, registo paroquias, manuscritos, livros, etc. Como também pode ser não escritos como gravuras, esculturas, pinturas, mapas, etc. A aplicação do documento é sempre uma mais valia para o ensino-aprendizagem, visto que pode ser apresentado por vários métodos dando a aula uma outra perspectiva e na sua análise deve ser dissecado para os alunos conseguirem ter um conhecimento

---

18 MONTEIRO, Miguel Corrêa, *O Ensino da História*” in *O Ensino na Escola de Hoje – Teoria, Investigação e aplicação*, cap. 8. Feliciano H. Veiga. (coord), Lisboa, 2017 p. 247

mais aprofundando, colmatando com uma explicação geral para todos os presentes de forma a dissipar as dúvidas sobre o objeto de análise.

*“ A História é para o auto-conhecimento humano. Julga-se, geralmente, que é importante, para o homem, que ele se conheça a si próprio, não querendo isto dizer que ele conheça as suas particularidades meramente pessoais, aquilo que o diferencia dos outros homens, mas sim a sua natureza de homem.”<sup>19</sup>*

Segundo Collingwood, a História tem como função da observação do desenvolvimento humano e observar os comportamentos dos indivíduos para termos a verdadeira noção do nosso passado e como evoluímos. Os documentos, na sala de aula, devem ter a mesma função para os alunos. Com quanto mais fontes forem abordados de diferentes formas mais interesse causará sobre o tema. No entanto, não devemos usar de forma excessiva senão a turma perderá o “elemento surpresa”.

Durante a análise do documento temos que ter em conta não e a quantidade de informação que podemos retirar, mas que a partir do documento o aluno consiga trabalhar o seu auto-conhecimento. Numa primeira fase, o docente deve explicar que tipo de documento vai ser trabalhado e o que defendia o seu autor. Depois a fonte deve ser lida em voz alta para que todos oiçam e estejam atentos a informação que está a ser dada. De seguida, durante a análise documental realizada pelo aluno é importante que ele consiga reconhecer como viviam os homens, como era aquela sociedade, o que faziam para subsistir, como funcionava o poder político, o sistema económico, como era a hierarquia social da época, etc. Na interpretação dos dados o aluno vai conseguir apreender o passado histórico que está patente no documento. Deste modo, o documento tem uma dimensão de “redescoberta” por parte do leitor.

No contexto de sala de aula, a utilização do documento é incontornável para o desenvolvimento do conhecimento crítico e para o ensino-aprendizagem da turma:

---

19 COLLINGWOOD, R.G, A ideia de História, Editorial Presença, Lisboa, 1978 p. 17



**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
**A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História**

*“ A utilização didáctica do documento permite desenvolver capacidades como: o espírito de observação e de análise e, pela comparação de testemunhos diferentes, contribui para o desenvolvimento do espírito crítico. O documento ainda tem um valor afectivo ajudando a desenvolver no aluno a imaginação empática e permitindo, enfim, fazer reviver a História no espírito e no coração dos alunos- objectivo fundamental do ensino histórico.”<sup>20</sup>*

Utilização didática do documento predispõe para a conclusão do uso desta abordagem, devemos ter em conta quais as principais informações que os alunos devem retirar, tendo em conta o esclarecimento em caso de dúvidas durante a introdução ao documento. Depois da análise e de ouvir as respostas de cada um dos alunos a conclusão deve permitir a compreensão do documento sob análise e, dessa forma, levar os alunos a refletir sobre os acontecimentos históricos e tome a consciência da importância dos feitos passados terá formada a sua opinião crítica, expondo a sua opinião sobre o tema. Com o uso frequente e com a utilização correta o documento permite que os alunos desenvolvam a sua concentração para a análise, interpretação e, sobretudo para o pensamento crítico que os tornará na sua formação como cidadãos pessoas mais tolerantes e solidárias para com os outros.

---

20 PROENÇA, Maria Cândida, *Didáctica da História*, Universidade Aberta, Lisboa, 1989 p. 129

**Tabela 3:** Diagrama “Tipos de documentos”<sup>21</sup>

Documentos Escritos	Documentos Documentos Pontuais	Objetivos	Fontes jurídicas e administrativas
		Subjectivos	Fontes literárias: -Correspondências -Memórias -Romances -Autobiografia
	Documentos seriais	Objectivos	Documentos administrativos repetitivos: -Listas nominais -Registos paroquiais -Fontes fiscais -Inquirições gerais
		Subjectivos	-Róis confessados -Testamentos -Cadernos de “agravos” -Imprensa
Documentos não escritos	Iconográficos	Originais	-Pinturas -Gravuras -Fotografias -Filmes
	Orais	Testemunhos diretos	
	Sonoros	Registos de discursos Registos musicais	
	Documento materiais diversos	Construções Paisagens “Artefactos	-Utensílios -Mobiliário -Armas

21 JAMES, José Cristiano Mendes, A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História, Faculdade de Letras, Lisboa, 2017 p. 21

## 4. Metodologia da utilização do documento



Os documentos que foram trabalhados no contexto das aulas é a melhor forma de aluno entrar em contacto com História e despertar o seu interesse. Portanto, é no próprio documento que o estudante pode fazer a aprendizagem de redescoberta, pois ele está diretamente em contacto com os relatos históricos, levando a que este através dos factos, da dúvida científica e a interpretação das fontes faz despertar a mente dos alunos a desenvolver competências como a escrita e um postura crítica sobre a sociedade que o rodeia, porém é preciso ter em conta que tudo isto só em possível a partir dos dez anos de idade<sup>22</sup>.

Os exemplos dos documentos que se seguem foram escolhidos para utilizar na prática de intervenção letiva, onde tentamos utilizar um metodologia de trabalho focada na abordagem do documento com o objetivo da participação e análise da turma.

No contexto da sala de aula, a utilização do documento concebe aos alunos uma oportunidade singular de estar em contato com o passado. Deste modo, trabalhar com os documentos demonstra ser uma boa estratégia educativa, pois com o documento o aluno foca-se para ler e decompor a informação que está patente no objeto de estudo e, por seu turno, desenvolver o gosto pelos eventos passados e estabelecer uma ponte de ligação com o presente e, consequentemente, criar o gosto pela História. Os documentos em abaixo representados abordamos a sua análise e leitura dentro da sala de aula. Este conjunto de documentos selecionados levou a que a turma estivesse mais predisposta a comentar os documentos iconográficos do que nos escritos. No entanto, demonstrarem sempre interesse e participação nos exercícios propostos.

---

<sup>22</sup> MONTEIRO, Miguel Corrêa, *O Ensino da História*” in *O Ensino na Escola de Hoje – Teoria, Investigação e aplicação*, cap. 8. Feliciano H. Veiga. (coord), Lisboa, 2017 p. 251

## Temas de História Moderna e Contemporânea: A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

“ A utilização do documento deve servir os seguintes objectivos: tornar o aluno activo; lutar contra o verbalismo e o abuso da memória mecânica; desenvolver o espírito crítico, o raciocínio sobre os factos, a aptidão para análise e a síntese; fazer como trabalha o historiador; conferir as afirmações de história, o valor de verdade metodicamente estabelecidas; lutar contra o esquematismo e restituir aos factos históricos a sua complexidade; fazer História uma ressurreição do Passado, dar-lhe imagem viva e concreta, restituir o clima de um época; suscitar o interesse e a curiosidade.”<sup>23</sup>

### Exemplo 1:



**Documento 1:** As medidas económicas no Mercantilismo<sup>24</sup>

<sup>23</sup> FERREIRA, Octávio Amado, *Ao Serviço da Didáctica da História*- trabalhos de apoio ao ensino da História. MinervaCoimbra, Coimbra, 2010 p. 31

<sup>24</sup> Mercantilismo [consult. 27 de Julho de 2018] Disponível em WWW: <URL <http://mestresdahistoria.blogspot.com/2012/06/confira-uma-lista-de-exercicios-sobre-o.htm>

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

O que pretendemos com esta imagem é transmitir a ideia de como o Mercantilismo foi implementados nos países europeus para acumular cada vez mais riquezas. Esta corrente económica é um conjunto de medidas práticas com a finalidade criar diversas formas aumentar a quantidade de numerário em circulação no país.

- As principais características do Mercantilismo:
  - I. Uma balança comercial favorável: Devia haver maior número de exportações do que importações. O Estado devia estar encarregue do aumento da produção com o objetivo de buscar mercados externos para a venda dos seus produtos;
  - II. O Estado controla a economia: Os monarcas com o apoio da burguesia começaram a obter um controlo da economia nacional, fortalecendo ainda mais o poder real a para a busca de novos recursos para expandir o comércio;
  - III. Protecționismo: As barreiras alfandegárias tinham o aumento de tarifas, que elevava os preços dos produtos importados, assim como a proibição de exportar matérias-primas que favorecessem os seus concorrentes;
  - IV. Metalismo: A ideia de que a riqueza de um país era medida através da quantidade de ouro e prata que detinham.

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

**Exemplo 2:**

*Em Inglaterra, o comércio fez nobres e povoou a nação de nobres. Com efeito, depois de uma ou duas gerações, os filhos ou netos de comerciantes tornaram-se eles próprios nobres, homens de Estado, membros do Parlamento, conselheiros privados, juizes, bispos e nobres, tal como a mais alta ou mais antiga nobreza, nada é demasiado para eles: assim o falecido marquês de Hanershon foi primeiramente mercador, o falecido secretário Craggs era filho de um barbeiro, o pai do atual Lord de Castlemaine era mercador e o avô do atual Duque de Bedford era também mercador.*

Daniel Defoe, *O Perfeito Mercador Inglês*

**Documento 2:** O Valor Social do Comércio em Inglaterra (1701)

**Questões:**

- Indique as alterações sociais na Inglaterra que ocorreram com o comércio?
- Mencione, segundo o documento, os altos cargos alcançados pelos descendentes de comerciantes?
- Quais foram os fatores que levaram a Inglaterra a prosperidade Comercial?

O objetivo deste exercício é transmitir como a sociedade inglesa prosperou com o comércio realizado em Londres. Primeiramente, devemos falar sobre o mercantilismo inglês e as suas características: fatores comerciais e marítimo, sendo o comércio uma atividade socialmente valorizada e um fator de elevação social. O domínio comercial foi cada vez mais praticado com a criação das companhias comerciais, salientado, neste caso, a Companhia Inglesa das Índias Orientais. A meta a alcançar era a exploração do comércio no Oriente para assegurar o comércio das especiarias que provinham da Índia.

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

A importância do domínio do comércio ultramarino, levou a que a Inglaterra fortalecesse a sua economia, tendo em conta o crescimento das exportações através da conquista de mercados no Antigo e Novo mundo. Desenvolvendo um sistema comercial assente em medidas proteccionistas que regulavam o transporte de mercadorias para os portos e colónias inglesas: Os Atos de Navegação. Foram realizados vários Atos de Navegação sob a supervisão de Oliver Cromwell. Com o intuito de proteger os comerciantes e o desenvolvimento da frota inglesa.

**Exemplo 3:**

*“ Birmingham é uma das cidades mais curiosas da Inglaterra pela atividade das suas manufaturas e do seu comércio [...]. Aqui todos os meios da indústria, sustentados pelo génio da invenção e pelos conhecimentos mecânicos de todos os géneros, estão voltados para as artes [...]. Vastas oficinas onde se fabricam as bombas a vapor, estas máquinas espantosas cujo o aperfeiçoamento tanto honra os talentos e os conhecimentos do Sr. Watt, [...]”*

Faujas de Saint-Fond, Voyage en Angleterre, en Ecosse et aux Hébrides, Paris, 1797 [tradução adaptada]

Manchester é a grande cidade manufatureira de tecido, fio, algodão[...] como Birmingham é das obras de ferro, cobre e aço.

Circunstâncias favoráveis: a 10 léguas ( C. 50km) do maior porto de Inglaterra [Liverpool] [...] melhor situado para receber seguramente, e em pouco tempo, as matérias-primas da América. Ao lado, as grandes minas de carvão [...] para fazer trabalhar a baixo preço as suas máquinas [...]. A 25 léguas (c. 125 km) do local do mundo onde melhor se fabricam as máquinas. [...]. À cabeça das manufaturas, a ciência, a indústria, o amor do ganho, o capital inglês.

Alexis de Tocqueville, Oeuvres complètes: Voyages en Angleterre, Irlande, Suisse et Algérie, éd. J.P Mayer, t. V fasc, Gallimard, Paris 1958 pp. 78-82 [tradução adaptada]

**Documento 3:** As industriais de Birmingham e Manchester

**Questões:**

- Indique porque razão os portos são boas atividades de comércio?
- Quais os tipos de indústria que estão patentes em ambos os documentos?

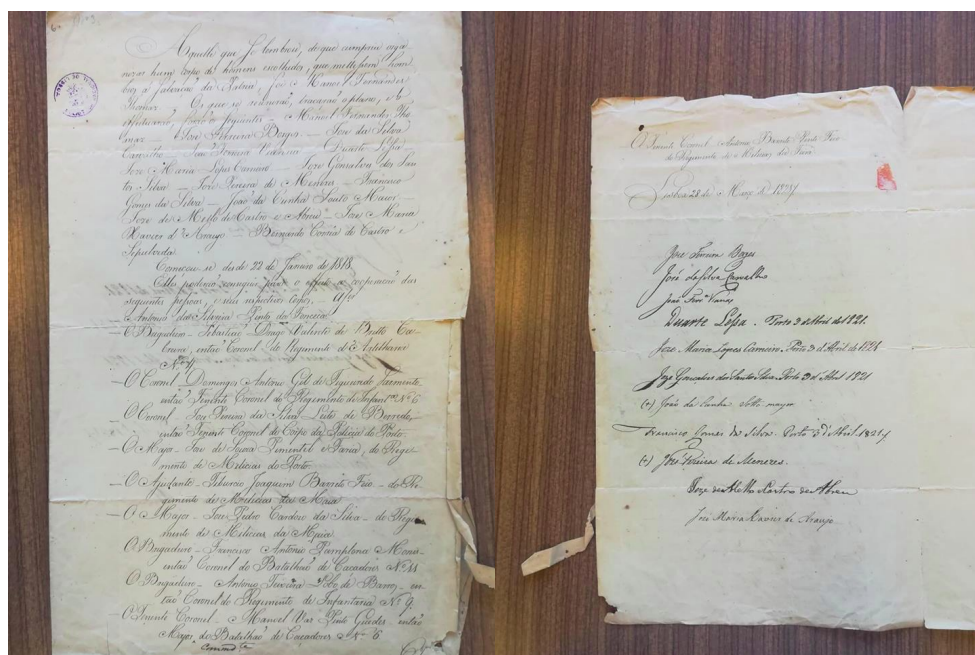
## A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

- O que fez despoletar o aumento de população nestas cidades?

O que pretendemos demonstrar na análise destes dois documentos foi o desenvolvimento industriais que ocorreu nestas duas cidades. Onde as indústrias têxteis, metalúrgica e as minas de carvão davam emprego aos que tinham ido morar nas cidades para procurar uma melhor qualidade de vida. Tudo isto veio a melhorar a qualidade de vida dos habitantes das cidades, pois com o desenvolvimento tecnológico levou a novas inovações nas máquinas e a um maior nível na produção para exportação, principalmente de algodão.

Thomas Newcomen, o inventor da máquina a vapor que foi a força motriz para a revolução industrial, levando a que o ferro fosse substituindo progressivamente os materiais tradicionais, tendo este menos impurezas, uma melhor qualidade e havia em maior quantidade. Com a generalização da máquina a vapor, os processos produtivos transformaram-se completamente. Levando a maquinofatura como o novo modelo produtivo e que deixa a sua marca de forma irreversível nos seguintes com a expansão da industrialização.

### Exemplo 4:



**Documento 4:** [Documentos relativos à Revolução Liberal de 1820] [Manuscrito]. 1820



**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem

Transcrição do documento:

*“ Aquelle que Setembro, de que cumpria organizar hum corpo de homens escolhidos, que mettesem a Salvação da Patria, foi Manoel Fernandes Thomaz. O que se reunirão lancarão o plano, e o efetuarão, forão os seguintes- Manuel Fernandes Thomaz- Joze Ferreira Borges- Joze da Silva Carvalho- Joao Ferreira Vianna- Duarte Sefra- Joze Ferreira de Menezes- Francisco Gomes da Silva- Joao da Cunha Souto Maior- Joze de Melo de Castro e Abreu- Joze Maria Xavier d’ Araujo- Bernardo Corrêa de Castro e Sepulveda.*

*Começou-se desde 22 de Janeiro de 1818,*

*Elles, poderao conseguir passar o efeito a cooperação das seguintes pessoas, e seus respectivos corpos,*

*-alferes Antonio da Silveira Pinto da Fonceca*

*- O Brigadeiro- Sebastiao Drago Valente de Britto Sobreira, entao Coronel do Regimento d’Artilharia*

*- O Coronel Domingos Antonio Gil de Figueiredo Sarmento, então Tenente Coronel do Regimento de Infantes nº 6*

*- Coronel Joze Pereira da Silva Leite de Remedo, então Tenente Coronel do Corpo da Policia do Porto.*

*- O Major- Joze de Souza Pimental e Faria, do Regimento de Milicias do Porto*

*- O ajudante Tiburcio Joaquim Barreto Feio- do Regimento de Milicias da Maia*

*- O Major- Joze Pedro Cardozo da Silva- do Regimento de Milicias da Maia*

*O Brigadeiro- Francisco Antonio Pamplona Monis- entao Coronel do Batalhao de Caçadores nº 11*

*O Brigadeiro- Antonio Teixeira Lobo de Barros- entao Coronel do Regimento de Infantaria nº 9*

*- O Tenente Coronel- Manuel Uvar Pinto Guedes- então Major do Batalhao de Caçadores nº 6*

*- O Tenente Coronel – Antonio Barreto Pinto Feio- do Regimento da Feira*

O documento 6 foi apresentado na sala de aula de forma a consolidar a matéria sobre o golpe planeado pelos membros do Sinédrio e as forças militares que os apoiaram contra a presença inglesa. O seu líder Manuel Fernandes Tomás e os seus principais aliados como José Ferreira Borges e José da Silva Carvalho, principais figuras desta conjura e todos eles juristas. Com o passar do tempo, mais pessoas iam aderindo ao movimento, principalmente militares. Estes que seriam cruciais para o controlo da cidade do Porto, pois logo que tomaram a cidade do Porto, anunciando a revolta onde afirmavam que o sofrimento tinha que acabar de vez e que o exército desejava redimir por meio das Cortes. Logo que se estabeleceram na Câmara Municipal, onde juntaram-se as vozes dos habitantes da cidade onde se formou uma Junta Provisória do Governo Supremo do Reino.

## **Temas de História Moderna e Contemporânea:**

### **A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História**

O objetivo de trazer o documento foi para os alunos terem em conta quantos militares estavam envolvidos e favoráveis ao golpe planeado pelo Sinédrio para expulsar os ingleses de Portugal. O principal propósito desta atividade leva-los a entrarem em contato com documentos históricos e terem noção da escrita de antigamente e o tipo de documento usado a formação de uma aliança para tomar a cidade do Porto e, por fim, para se libertar-se do domínio inglês e conseguir o retorno do rei novamente para Lisboa.

#### **Exemplo 5:**



**Documento 5: O Antigo Regime<sup>25</sup>**



**Documento 6: A Revolução Liberal<sup>26</sup>**

25 A sociedade de ordens[consult. 11 de Agosto de 2018] Disponível em WWW: <URL <http://disciplina-de-historia.blogspot.com>

26 A revolução Liberal [consult. 13 de Agosto de 2018] Disponível em WWW: <URL <http://www.worldbyisa.com/15-lugares-historicos>

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

**Questões:**

- Descreva como era composta a sociedade do Antigo Regime ?
- Indique os principais valores da Revolução Francesa?
- Compare e justifique os ideais das duas sociedades?

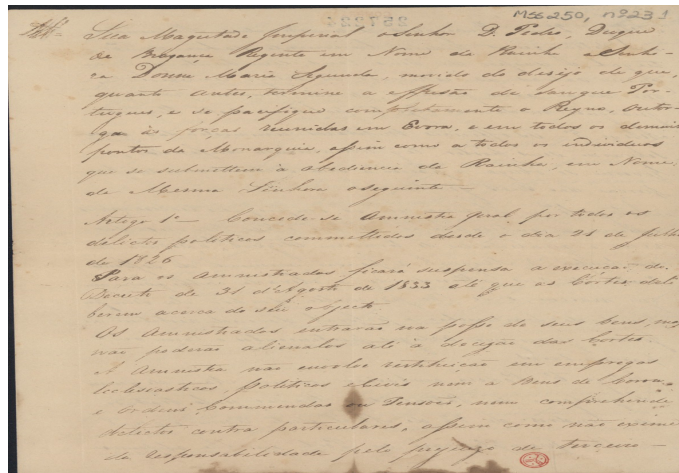
O exercício foi proposto com a finalidade de comparar as duas sociedades presentes nos dois documentos, tendo em conta o que Antigo regime defendia e o Liberalismo. A razão para usar ambas as imagens tem a propósito de clarificar entre o Absolutismo e o Liberalismo que foi lecionado no início da aula número seis, tendo em conta que D. Miguel rejeitou a Constituição de 1822 e a Carta Constitucional por serem regimes Liberais em prol do Absolutismo régio.

No documento 5, demonstra a doutrina do Antigo Regime, tendo em conta o Absolutismo em que o rei é o enviado por Deus e possui todos os poderes: judicial, executivo e legislativo. Com isto o monarca está no topo da pirâmide da hierarquia social rodeado por nobres e membros do alto clero, enquanto o terceiro estado trabalha intensivamente para o rei e as classes privilegiadas. Em contrapartida, num regime liberal, independentemente de ser uma monarquia ou uma república, os poderes estão divididos: os tribunais possuem o poder judicial, o parlamento o poder legislativo e o presidente ou o primeiro ministro o poder executivo.

Numa sociedade liberal todos são julgados de igual forma e não existe qualquer tipo de perseguição por termos qualquer tipo de crença ou ideais políticos. Os liberais são a favor da liberdade de expressão que cada cidadão pode usufruir sem temer represálias e ninguém está acima de lei, pois as leis da Constituição aplicam-se a todos os indivíduos independentemente do seu estatuto social e, sobretudo, o povo é que elege o seu representante, ao contrário do Antigo Regime em que o cargo de poder é hereditário.

## Temas de História Moderna e Contemporânea: A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

### Exemplo 6:



Documento 7: Convenção de Évora Monte<sup>27</sup>

### Questões:

- Indique quem participou na Convenção de Évora Monte?
- Quais foram as medidas propostas na Convenção?
- Quem foi suceder a D. Miguel no trono de Portugal? Justifique?

O documento 7 teve como objetivo a análise do acordo entre os beligerantes da Guerra Civil portuguesa. Os alunos tinham que depurar o documento que lhes foi entregue para retirarem a informação do acordo de paz entre Absolutistas e Liberais e mencionar as medidas tomadas para concretização da paz.

Na Convenção de Évora-Monte, ficou estipulado perante um acordo entre ambos os irmãos para por o fim a guerra e instaurar no trono D. Maria II, filha de D. Pedro. Os representantes de ambos os lados subscreveram a um tratado para concluir a guerra.

---

<sup>27</sup> Convenção de Évora Monte [consult. 25 Agosto 2018] Disponível em WWW: <URL: <http://purl.pt/27157>

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

Com a vitória das forças liberais foi imediatamente ordenada a incondicional rendição de D. Miguel e de todas as suas forças, com a deposição e entrega imediata das suas armas, a segunda Amnistia geral para todos os crimes políticos cometidos desde a sua subida ao poder. Os amnistiados que quisessem sair livremente do Reino podiam fazê-lo levando os seus bens, com a promessa de nunca mais se meterem nos negócios públicos do reino. A promessa, por parte dos liberais, da não perseguição dos absolutistas e o pagamento anual ao infante D. Miguel de uma pensão vitalícia no valor de 60 contos de réis, estando a dispor livremente de todos os seus bens particulares. D. Miguel é obrigado a abandonar a Península Ibérica dentro de quinze dias, subsequente à assinatura da Convenção Évora Monte, indo para bordo de um navio estrangeiro, devendo ainda assinar uma declaração pela qual se comprometia a jamais regressar a território português ou colonial, nem a intervir nos negócios políticos do Reino ou contribuir para destabilizar o País.

A finalidade deste exercício era para os alunos lerem, assim como os documentos anteriores, e terem a noção que quem vence a guerra consegue estabelecer as suas medidas e, dessa forma, demonstrar que a História é realizada pela facção vencedora. Assim como, cativar a sua motivação e análise para terem a noção que estes acontecimentos históricos demoram bastante tempo para se concretizar, pois é um processo gradual que ocorre muito lentamente.

## **Segunda Parte**

---

### CONTEXTO ESCOLAR





**Figura 1:** Escola Camilo de Castelo Branco

## **1. A Escola**

A escola tem uma história bastante recente. No entanto, escolheram para patrono da escola: Camilo Castelo Branco (1825-1890) foi um escritor português que viveu na zona e uma figura de grande vulto na sociedade portuguesa da época "Amor de Perdição" foi sua obra mais conhecida. Foi considerado o criador dos romances. Escreveu irreverentes crónicas para jornais. Dedicou-se à actividade literária, foi um dos primeiros escritores portugueses a viver exclusivamente do que escrevia. Recebeu o título de Visconde concedido pelo rei de Portugal, D. Luís I.

Camilo Castelo Branco (1825-1890) nasceu na freguesia dos Mártires, em Lisboa, Portugal, no dia 16 de Março de 1825. Filho de Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco e de Jacinta Rosa do Espírito Santo Ferreira, ficou órfão de mãe com um ano e de pai com 10 anos. Foi morar com

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

uma tia e depois com sua irmã mais velha. Em 1841, com apenas 16 anos, casou-se com uma jovem de 15 anos, Joaquina Pereira, mas logo a abandonou.

Em 1843, foi para a Escola Médico-Cirúrgica na cidade do Porto, mas entregue ao sua vida boémia, não conseguiu concluir o curso. Em 1845, publicou seus primeiros trabalhos literários. Em 1846 fugiu com a jovem Patrícia Emília, mas a abandona, poucos anos depois. No ano seguinte morreu -lhe esposa legítima, de quem estava separado e, de seguida, a sua filha morreu no ano seguinte.

Camilo Castelo Branco passou por uma crise espiritual em 1850, e ingressou no seminário do Porto, pretendendo seguir a vida religiosa. Nesse ano conheceu Ana Plácido, que era casada com um comerciante brasileiro, abandonou o marido em 1859 e foi viver com o escritor. Em 1860 é processado e preso por crime de adultério, mas é absolvido no ano seguinte, passando a viver conjuntamente com Ana. O casal foi morar em Lisboa e depois em São Miguel de Seide, sempre com problemas financeiros.

Em 1863 publica "*Amor de Perdição*", sua obra mais famosa. Teve uma vida atribulada que deu a inspiração para os temas dos livros. Também reconstituiu as suas obras o panorama dos costumes de Portugal contemporâneo, quase sempre com uma profunda sintonia com as maneiras de ser e sentir do povo português.

Camilo foi um dos primeiros escritores portugueses a viver da literatura. A sua produção é composta de mais de cem obras, a maior parte de obras satíricas, de mistério ou terror, históricas e paixões, publicadas em folhetos. Com uma linguagem simples e histórias repletas de emoção, fazia grande sucesso. Em 1889, quando se tornou uma celebridade a nível nacional como escritor, recebe uma homenagem da Academia de Lisboa.



**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

Uma doença nos olhos que, mais tarde, fez lhe ficar cego. O escritor mergulha em profunda depressão. Depois de saber que iria ficar definitivamente cego Camilo suicida-se em São Miguel de Seide, Vila Nova de Famalicão, no dia 1 de Junho de 1890.

A Escola Secundária de Camilo Castelo Branco (ESCCB) foi inaugurada há 22 anos em Carnaxide, a freguesia mais jovem do concelho de Oeiras, considerada nas estatísticas nacionais, como a de maior índice de escolarização e de rendimento per capita do país. Sendo essa a realidade de uma parte da freguesia a Escola serve, no entanto, um público heterogéneo. Tal heterogeneidade foi-se acentuando ao longo da década de 90, reflexo das mutações sociológicas advindas sobretudo da implantação dos vários bairros sociais que hoje circundam a freguesia e de que o realojamento da população da Pedreira dos Húngaros (situada na freguesia de Linda-a-Velha), nos bairros da Outurela/Portela, se constituiu o mais emblemático. O complexo escolar está implantado numa área de 3,9 ha (construção 8150 m<sup>2</sup>). Até 1997/98, a Escola oferecia apenas cursos do currículo nacional, de nível básico e secundário, tendo surgido, nesse ano, os primeiros currículos alternativos.

Atualmente, a ESCCB de Carnaxide conta com oito centenas de alunos do 7.º ao 12.º anos, distribuídos por uma variedade de percursos: o Ensino Básico é frequentado por 351 alunos, dos quais 285 se encontram divididos pelas 13 turmas do ensino regular e os restantes 66 pelas 5 turmas dos Cursos de Educação e Formação (CEF). O Ensino Secundário regista um total de 426 alunos. Nos Cursos Científico-Humanísticos estão matriculados 231 alunos (8 turmas), nos Cursos Tecnológicos 46 alunos (2 turmas), nos Cursos Profissionais 139 alunos (7 turmas) e nos CEF 28 alunos (3 turmas). Nos cursos de Educação e Formação de Adultos de Nível Secundário (EFA\_NS) estão matriculados 26 alunos (2 turmas). A distribuição dos espaços específicos revela-se adequada, nomeadamente as áreas laboratoriais e as oficinas, as infraestruturas desportivas, os serviços de apoio administrativo e secretaria, de Acção Social Escolar (ASE), de reprografia, da Biblioteca Escolar/Centro de Recursos Educativos (BE/CRE), da sala dos directores de turma, do Centro de Formação “Formar para Educar”, do Centro de Competências Nónio Séc. XXI - Malha Atlântica, do bar, da sala de alunos, da sala da associação de estudantes, da sala da rádio da Escola, do refeitório e da cozinha.

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

A Escola funciona em regime normal, o que facilita uma melhor organização do tempo e das condições de ensino e aprendizagem. De acordo com dados referentes a estudos realizados em 2004/2005 a população discente apresenta uma percentagem significativa de pais com baixa escolarização, com trabalho não efectivo, não qualificado ou de baixa qualificação (mais acentuados no ensino básico), a par de uma outra faixa com elevada escolarização e de profissões de elevada qualificação, o que, por si só, já é revelador da heterogeneidade da Escola. Cerca de 3/4 dos alunos são oriundos de agregados familiares de tipo tradicional e, aproximadamente, 80% dos alunos do ensino básico e de 60% do secundário têm como horizonte o prosseguimento de estudos<sup>28</sup>. No presente ano lectivo beneficiam de apoios sócio-educativos cerca de 15% dos alunos.

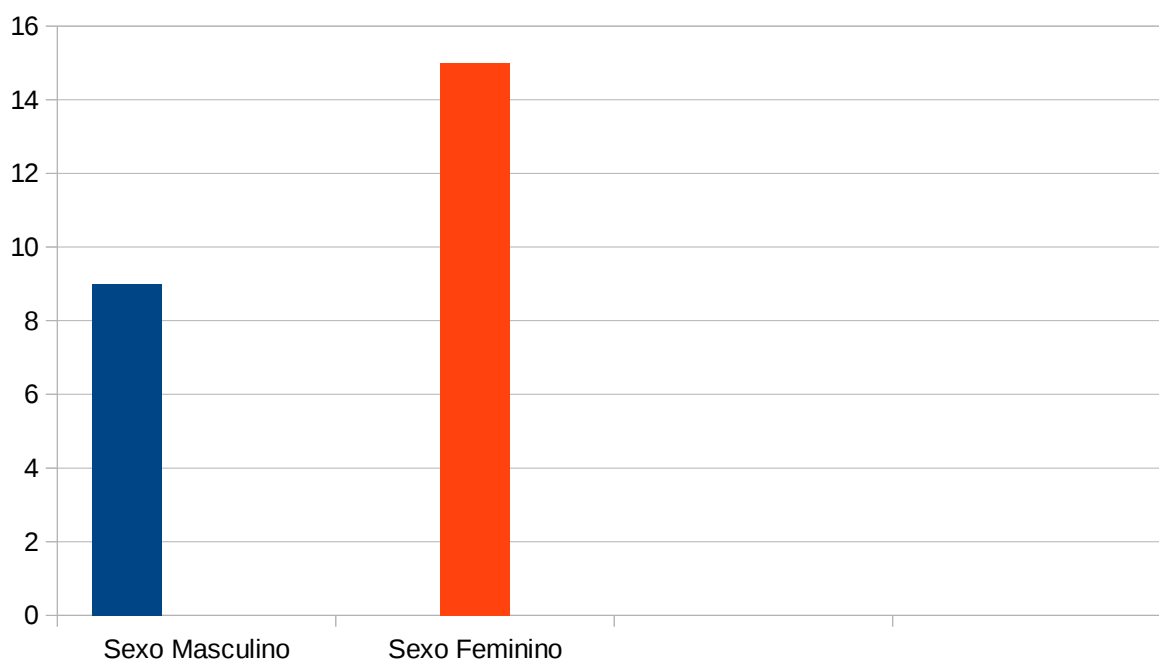
Na ESCCB 119 professores desenvolvem a sua actividade docente, dos quais 99 pertencem ao quadro de nomeação definitiva. O quadro de pessoal não docente conta com 21 auxiliares de acção educativa, (dos quais apenas 19 se encontram ao serviço), e com 8 funcionários dos serviços administrativos. A percepção das mudanças sociológicas da população discente que serve e a necessidade de dar resposta de uma Escola para todos, levou a Escola a adaptar-se e configura-se como sendo um desafio nos dias de hoje.

---

28 Relatório de Avaliação externa das Escolas p. 3

## **2. Caracterização da turma 11º E**

A turma é composta por vinte cinco alunos, sendo dezassete alunos do sexo feminino e oito do sexo masculino (Figura 2)

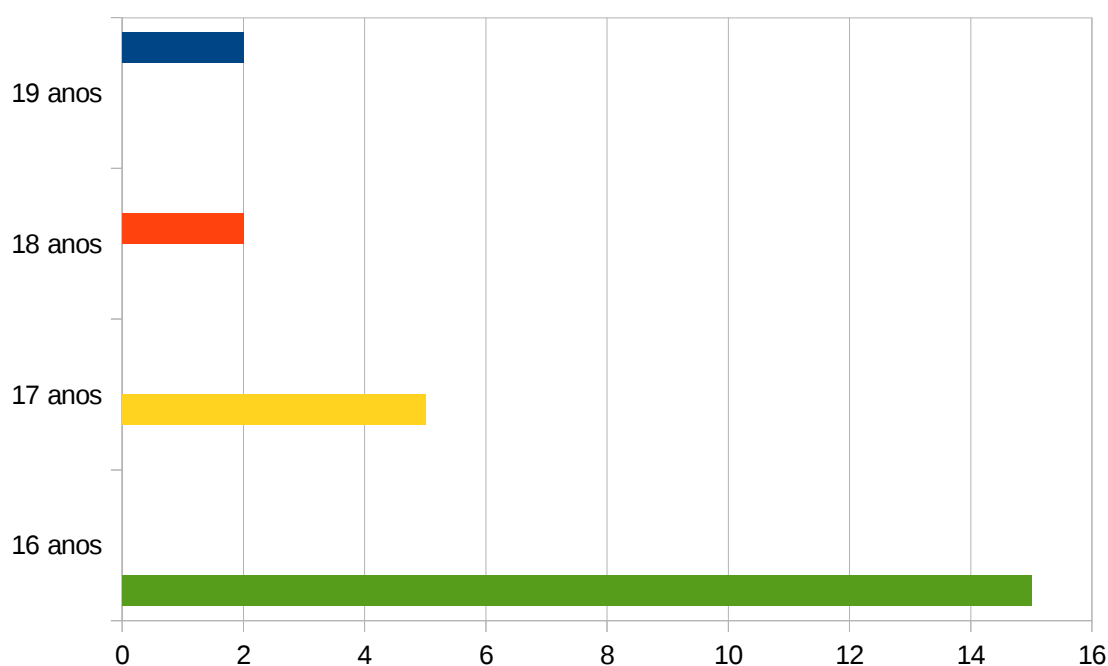


**Figura 2:** Caracterização dos alunos quanto ao género

### **Temas de História Moderna e Contemporânea: A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História**

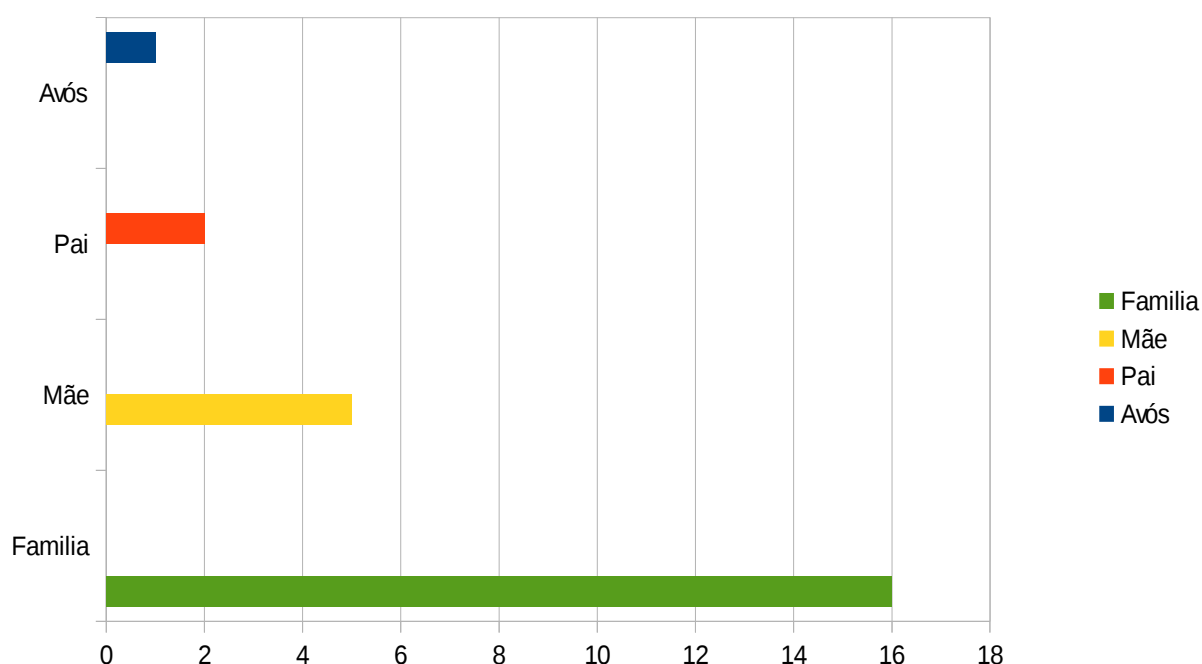
A caracterização da turma foi efectuada com base num inquérito entregue a todos os elementos da turma, Datado no dia 15 de Janeiro de 2018. Todos os alunos aceitaram realizar o inquérito, portanto será com base nas respostas dos alunos que será caracterizada a turma

Em termos de idades, quinze alunos possuem a idade de dezasseis anos, cinco de dezassete, três de dezoito e dois de dezanove.



**Figura 3:** Caracterização dos alunos quanto à idade

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
**A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História**

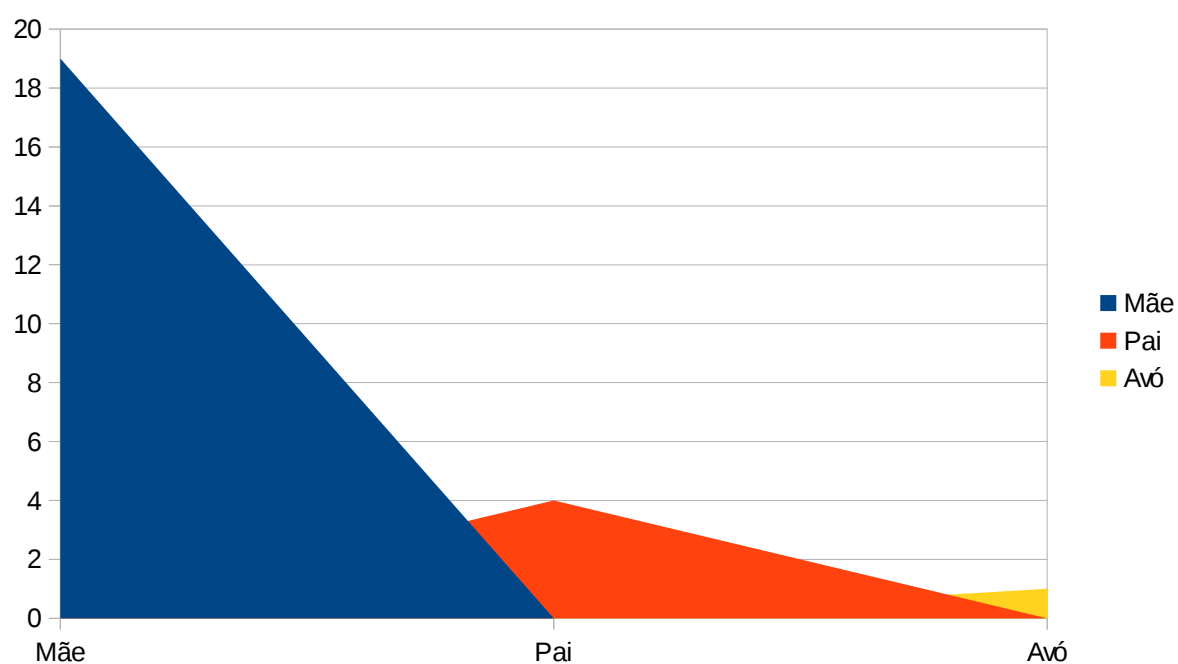


**Fig 4:** Tipologia familiar dos alunos

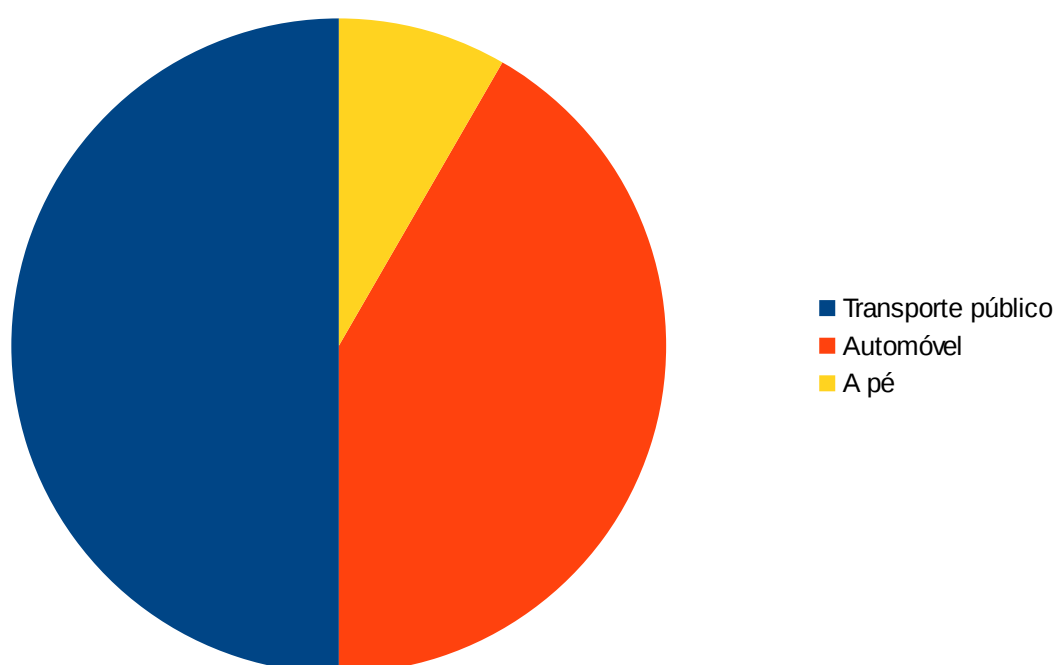
Em termos de tipologia familiar da turma, dezasseis pertencem a uma família de tipo nuclear, oito estão numa família monoparental, em que cinco estão somente a viver com a mãe e dois casos vivem sob a égide do pai. Por fim, um dos alunos vive com os avós.

É de se salientar que a maioria dos alunos dezanove descreve que o seu encarregado de educação é sua mãe, enquanto seis apontam que é o pai quem vai a escola. Demonstrando que as mulheres têm um acompanhamento escolar com mais proximidade que os homens (gráfico 4).

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

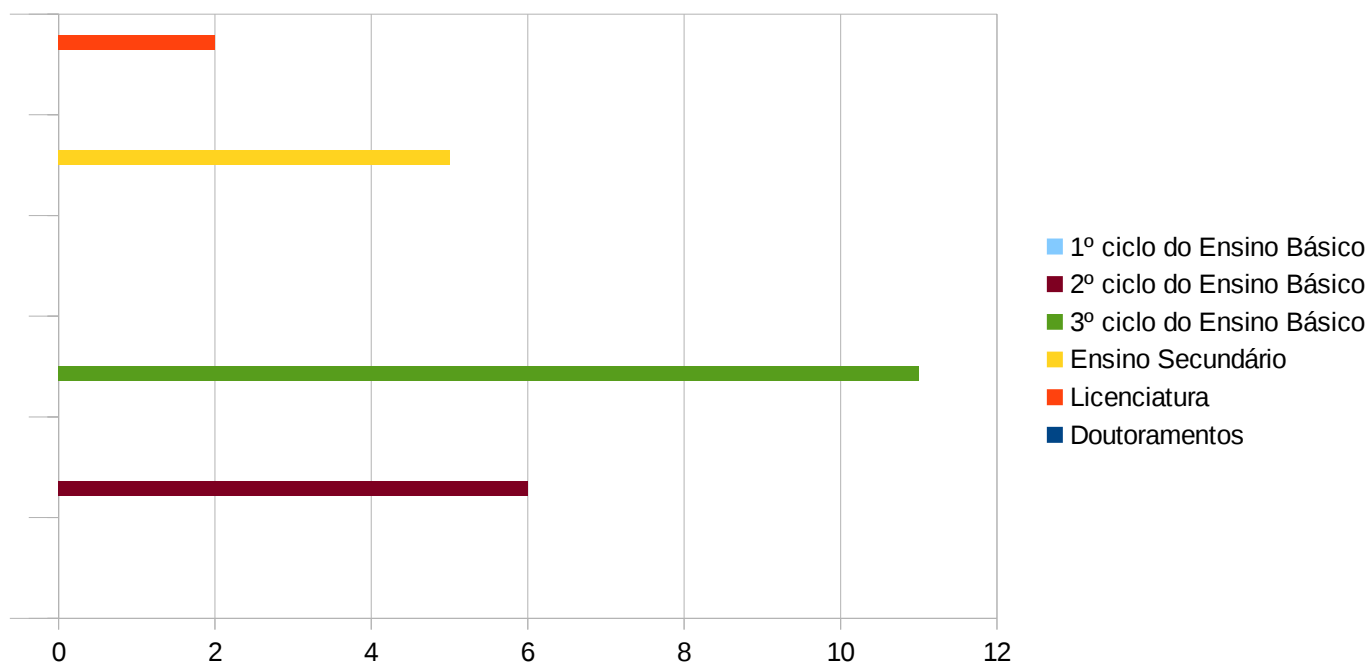


**Fig. 5:** Encarregados de Educação dos alunos



**Fig. 6:** Meio de transporte utilizado pelos alunos no percurso para ir para a escola

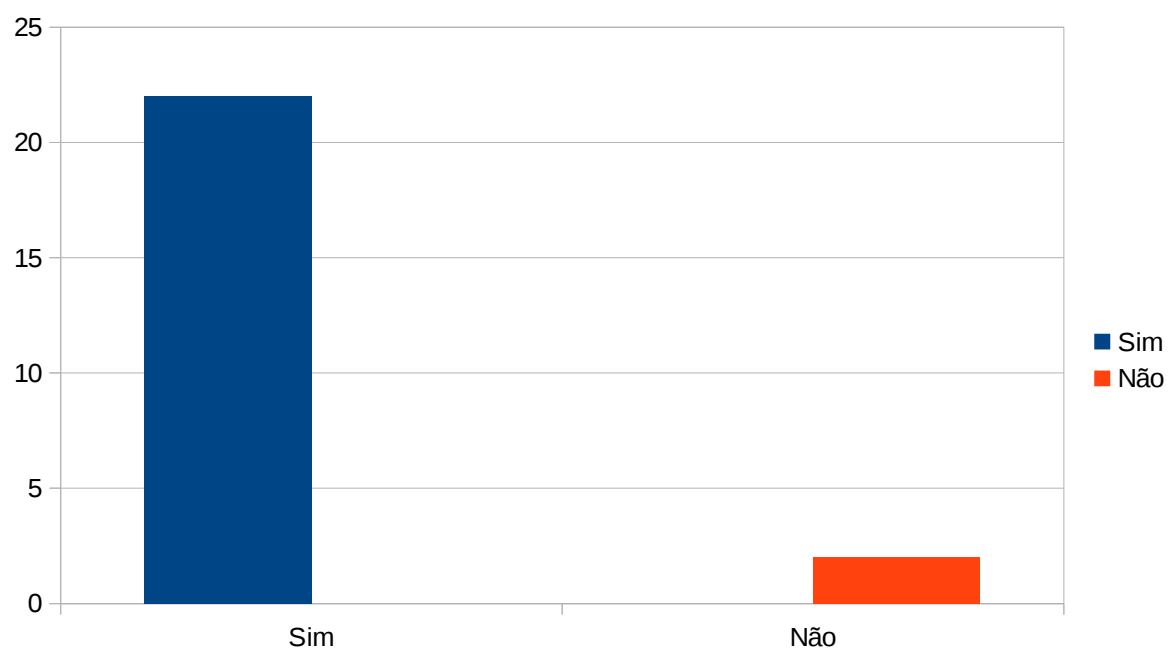
### Temas de História Moderna e Contemporânea: A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História



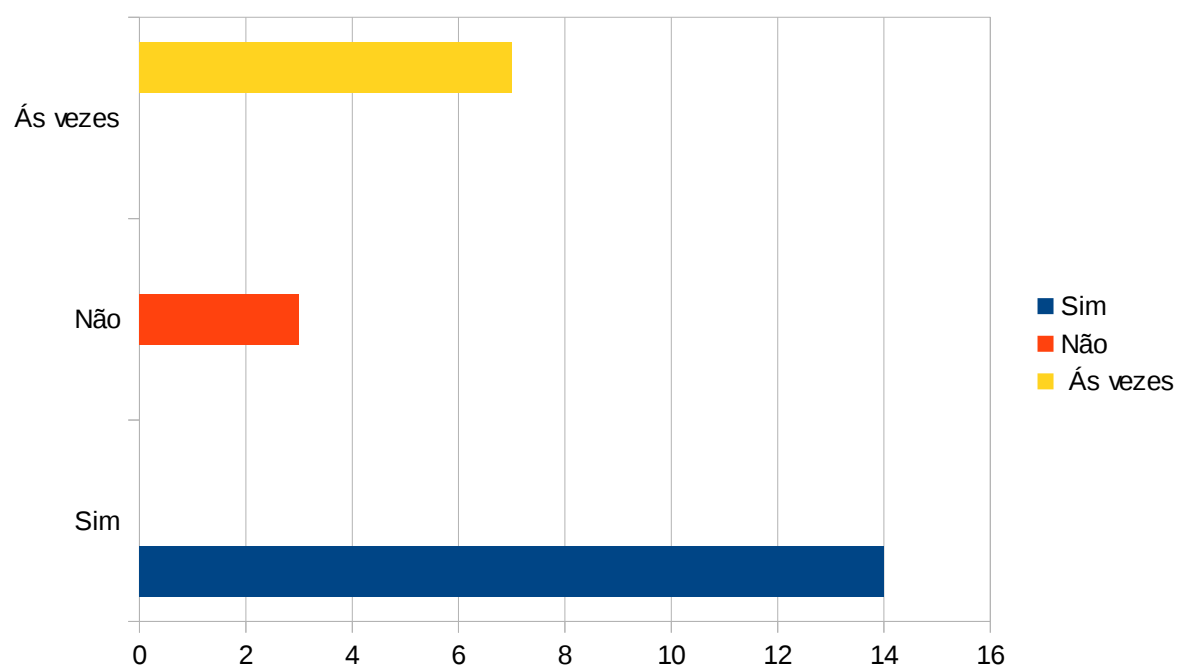
**Fig. 7:** Habilitações académicas dos encarregados de educação dos alunos

Esta patente na Fig. 7 as habilitações académicas e a categoria profissional dos pais da turma em questão. A maioria parte dos pais dos têm uma baixa habilitação académica, talvez por muitos serem emigrantes de outros países ou são o resultado do insucesso escolar do passado em que muitos desistiam da escola para dar subsistência a sua família. No entanto, é de salutar que os progenitores apoiem os seus filhos para que possam alcançar um futuro melhor, pois segundo os gráficos muitos dos encarregados de educação não conseguiram alcançar o ensino secundário. Somente cinco dos alunos têm os pais com o ensino superior e dois que possuem mestrado.

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História



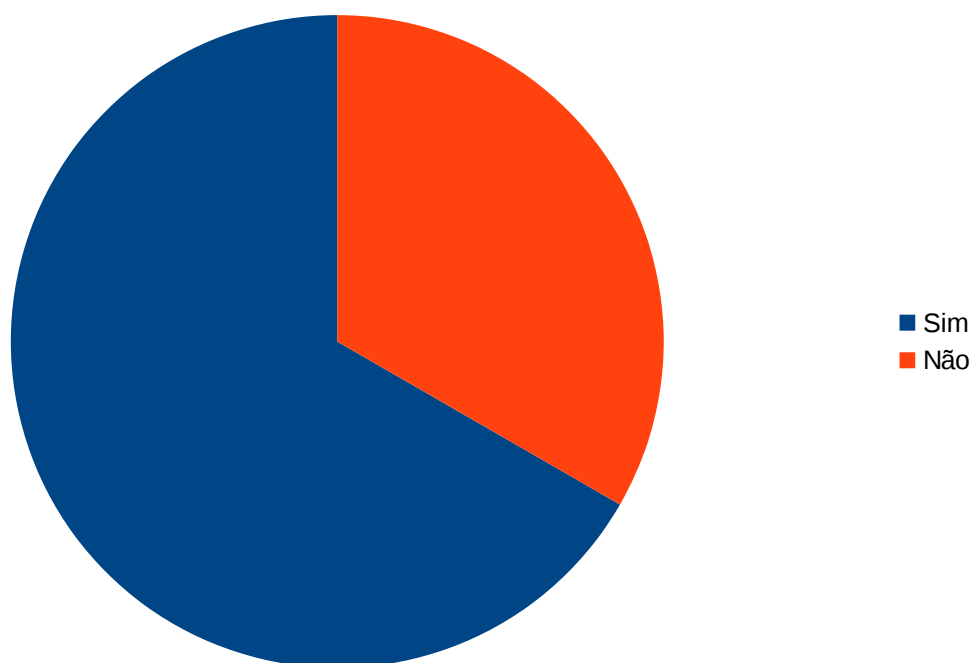
**Fig. 8:** Os equipamentos e instalações escolares eram de qualidade



**Fig. 9:** Utilizam o bar e a cantina da escola



**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História



**Fig. 10:** Reprovações da turma

Nos gráfico 6 e 7 todos os alunos da turma 11º E são unânimes nas razões porque gostam da escola, pois descrevam que a escola oferece boas condições de infraestrutura e tem um ambiente acolhedor. Alguns apenas mencionam que nos intervalos demoram a ser servidos no bar da escola devido à enorme quantidade de alunos, portanto saem da escola para não terem que esperar.

A análise do gráfico 8 do percurso escolar optemos que no total dezasseis alunos já reprovaram, principalmente 10º ano onde oito dizem ter reprovado. Sete afirmaram que perderam um ano porque mudaram de curso, pois antes estavam no primeiro agrupamento e decidiram depois ir para Humanidades. Todos os alunos estiveram sempre matriculados na ESCCB de Carnaxide.

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

**Tabela 4:** Conteúdos programáticos preferidos dos alunos na cadeira de História

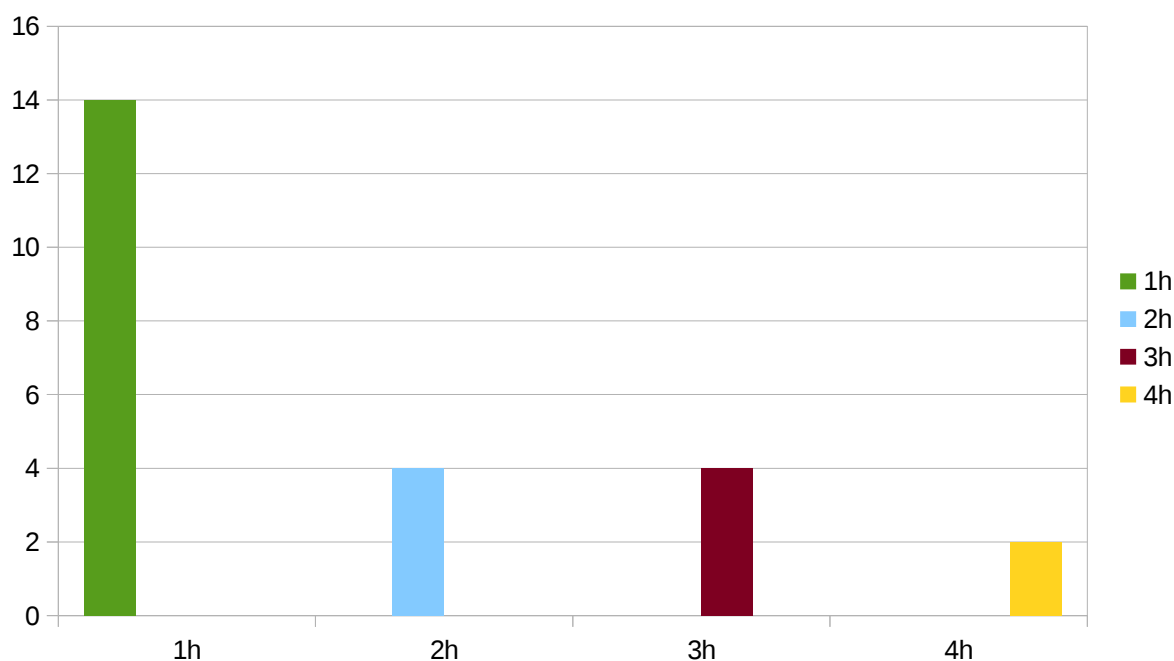
<b>Conteúdo programático</b>	<b>Nº de Alunos</b>
História Clássica	4
História Medieval	2
História Moderna	13
História Contemporânea	5

**Tabela 5:** Cursos do Ensino Superior que os alunos escolheram.

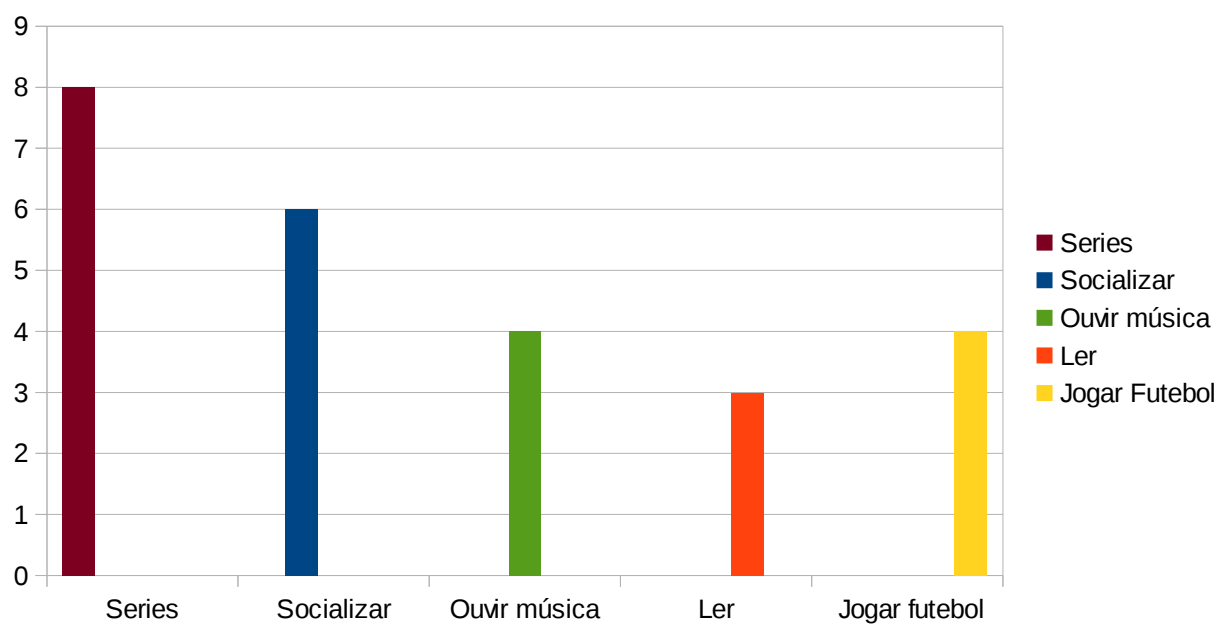
<b>Curso</b>	<b>N.º de alunos</b>
Direito	5
Psicologia	4
Jogador de futebol	5
Comunicação	2
Literatura	2
Artes do Espectáculo	3
Não sabe/ Não responde	3

Na tabela 1 estão apresentadas os conteúdos programáticos preferidos de cada aluno na cadeira de História. A maioria prefere a idade moderna, depois a idade contemporânea, de seguida a época clássica e por fim a idade média. A maioria dos alunos expressaram o seu desejo em prosseguir os estudos, a exceção de cinco, sendo o sonho destes alcançarem a liga profissional como jogadores de futebol. Os cursos do ensino superior que são desejados pelos alunos estão patentes na tabela 2. É curioso que muitos dos alunos terem bastante interesse no curso de direito, todavia quando questionámos sobre o sistema judicial demonstraram desconhecimento, porém somente mencionaram o bem-estar financeiro. Quanto as restantes escolhas parecem que vão de encontro ao que é pretendido no ramo das Humanidades.

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História



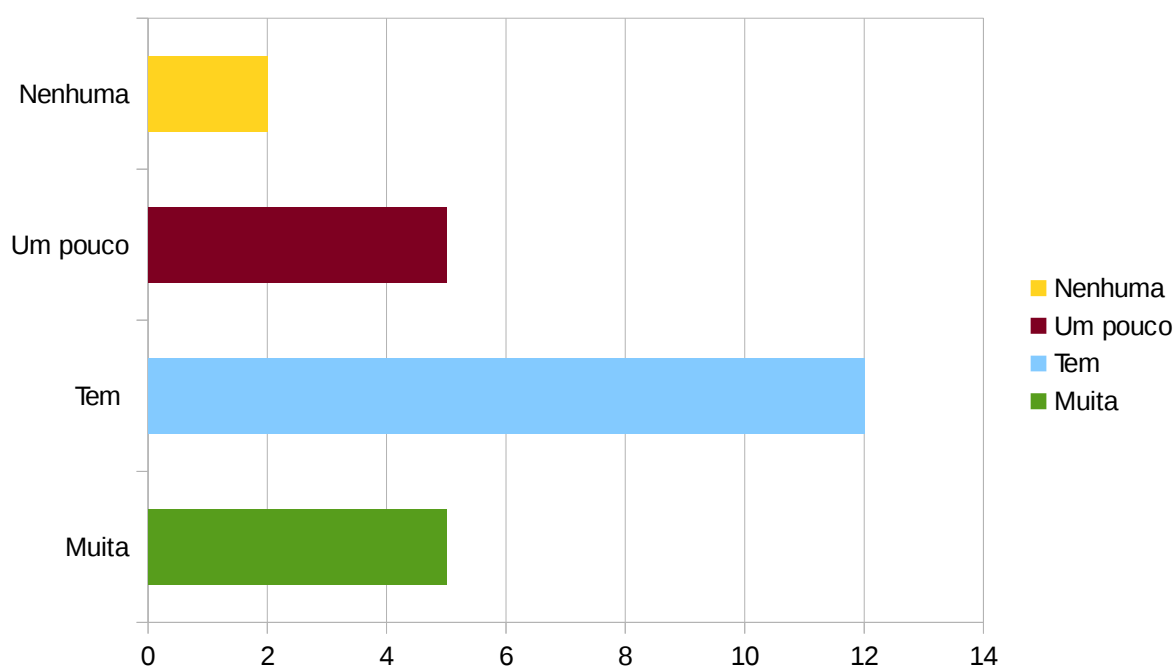
**Fig. 11** Quantas horas que os alunos estudam diariamente



**Fig. 12:** Ocupação dos tempos livres dos alunos

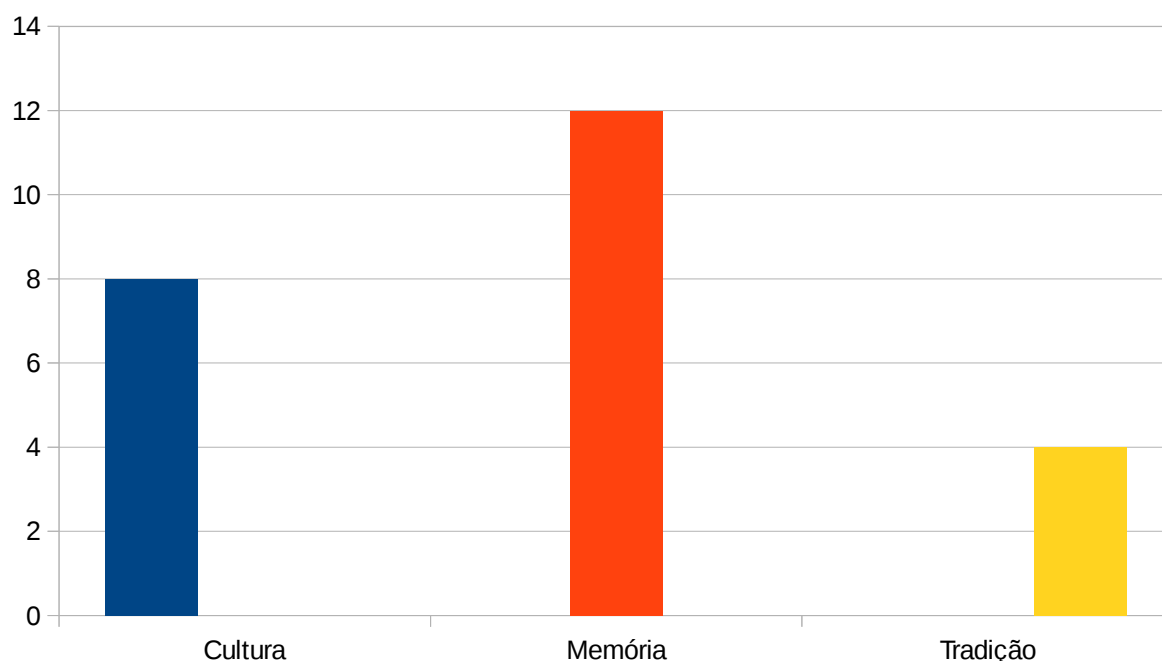
### **Temas de História Moderna e Contemporânea: A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História**

Observámos que a maioria dos alunos da turma do 11ºE estudam somente uma hora e somente duas pessoas chegam a estudar quatro horas (Gráfico 9). Os demais alunos, segundo a análise do gráfico 10, estão grande parte do tempo a ver séries e a socializar em bares/discotecas/cafés, além de estarem sempre focados aos seus telemóveis, pois estão sempre inclusive na sala de aula atentos aos acontecimentos nas redes.



**Fig. 13:** A importância que os alunos dão importância à disciplina de História

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
**A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História**



**Fig. 14:** Qual a finalidade para aprender História

Os dados conseguidos do gráfico 11 demonstra que a maioria dos alunos considera que a disciplina de História tem importância na identidade de um povo, contudo consideram que é apenas uma disciplina para saber os eventos passados para não torná-los a repetir e não vêem como uma disciplina para efetuar investigação de um determinado período.

Quanto ao gráfico 12, a turma (doze) atribuiu que a palavra para definir a finalidade da disciplina em questão é a memória, pois sem esta não existe progresso no desenvolvimento humano. A cultura (oito) acham que a História tem a função de narrar os feitos dos nossos antepassados e o que contribuíram para a nossa sociedade atual. Por fim, quatro alunos interpretam que a História é um fator que, numa primeira fase, cabe aos progenitores a transmissão de costumes, comportamentos, memórias, rumores, crenças, lendas, para pessoas de uma comunidade, sendo que os elementos transmitidos passam a fazer parte da cultura. Depois de terem noção básica da sua cultura cabe à escola aprofundar o seu conhecimento histórico.

## **TERCEIRA PARTE**

---

UNIDADE DIDÁTICA: PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

## **1. A planificação das aulas**

As planificações das aulas foram realizadas com o intuito para reflectir, como também, as orientações curriculares para, deste modo, elaborar estratégias de ensino-aprendizagem para cumprir o Programa de História A. As orientações imprescindíveis da professora cooperante no decorrer da turma que me foi incumbida estar ciente do que deveria ter em conta com as características da turma.

A planificação é um projeto essencial para estruturar uma estratégia objetiva e fundamentada com o intuito de concretizar os objectivos do programa e para que os alunos aprendam os conceitos. Portanto, o ensino e a ação didáctica e pedagógica são essenciais dentro da sala de aula, caso contrário a aula terá somente um transmissor de informação não interativo, pois simplesmente estará a fazer referências a fatos históricos de forma improvisada, levando a aula a uma direção incerta. Para o docente é fundamental quando começar a dar o bloco da matéria ter uma visão global sobre todo o processo de ensino-aprendizagem que vai trabalhar durante os períodos ou uma visão anual a respeito da disciplina que esta a leccionar e, também, por conhecimento suscito os pontos chaves das outras disciplinas de forma a estabelecer uma ponte de ligação, ou seja, a interdisciplinaridade para estimular a ação educativa e a associação dos conteúdos aos alunos.

Na elaboração das planificações é necessário ter em conta algumas etapas. A primeira começa com o professor estabelecer os objetivos que tem que alcançar, tendo em conta os conteúdos e as competências e valores que devem ser demonstrados ao longo das aulas aos estudantes e, desse modo, serem absorvidos pelos alunos para que possam ser desenvolvidos ao longo do semestre. A segunda etapa tem por base os conceitos estruturais, pois os alunos de 11º ano ainda não desenvolveram capacidade para entender os acontecimentos de forma cronológica que mudaram o curso da História, isto é, não compreendem conceitos historiográficos e pensam que a disciplina é somente memorizar. No entanto, cabe ao docente tentar incutir paulatinamente esse conhecimento em que pode ser explicado de várias formas, contudo acho que a melhor forma para

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

uma maior compreensão por parte dos alunos devera partir por uma mapas conceptual onde está patente os pontos chaves que os alunos devem seguir e, dessa forma, clara e objectiva ao que é pretendido pelo professor. O objetivo é que os estudantes consigam entender como começou, desenvolveu e finalizou para dar origem a outro período na História, portanto desejamos que haja um esclarecimento dos conceitos de mudança ao longo das diferentes etapas da História que estar a ser trabalhada e, de forma a consolidar, as complexidades temporais de mudança no decorrer da explicação dos problemas históricos. Para haver um maior sucesso, no final de cada bloco de aprendizagem fazer um esquema conceptual, explicando sumariamente de um tema para o outro a partir de pontos chaves sucintos para alcançar a conclusão do bloco. O objectivo principal é obter uma visão total dos acontecimentos de forma encadeada cronologicamente.

Quanto à avaliação, fomos pelo caminho da promoção da autorregulação da aprendizagem, tentando ao máximo que os alunos demonstrem o seu desempenho em pequenas fichas do trabalho para estabelecer o ponto da situação da matéria apreendida pelos alunos. Após todos os alunos terminarem devemos corrigir em conjunto todas as respostas dadas e, por fim, entregar um mapa conceptual do bloco. Os trabalhos de casa também servem para a consolidação da matéria por parte do aluno, pois fazem parte da avaliação formativa. No entanto, o docente não devem mandar em excesso, tendo em conta que nem todos os alunos possuem condições para realizar com extrema frequência os trabalhos para casa. Portanto, os alunos conseguem se aperceber o ponto da situação em que estão em relação a matéria e onde tem que melhorar. Desse modo, apercebem-se que o conhecimento é um processo empírico e devem ter em conta se aprenderam corretamente a informação dada na aula. Caso ainda houver mal entendidos sobre a matéria os trabalhos de casa servem para colmatar essas falhas ou pedir esclarecimento sobre alguma dúvida ao professor para que este possa novamente explicar. Esta estratégia de realizar trabalhos para saber onde os alunos se situam leva a que o docente consiga estabelecer o ponto de situação e averiguar se os alunos estão focados no processo ensino-aprendizagem. A resolução dos trabalhos de casa foi utilizada em apenas cinco das oito aulas dadas, pois queria ver avaliar o interesse pela disciplina por parte da turma.



**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
**A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História**

As aulas tiveram por base três fases em que tentámos definir três momentos fulcrais: a aula em si, a implementação de fichas de avaliação ou análise de documentos e, por fim, a conclusão da apreensão dos conhecimentos dos alunos. Portanto, a primeira parte resume a leccionar sobre o programa com a correcção e apoio da ficha formativa e, para consolidar, fazer a síntese da última aula para correlacionar com a matéria que vai ser dada. Deste modo, concluímos que esta estratégia de ensino-aprendizagem coloca o aluno num papel preponderante na aprendizagem e o docente tem a capacidade de avaliar e interferir nos conhecimentos adquiridos dos alunos e, desse modo, tem que explicar de forma clara e objetiva em caso de mal entendidos para que estes não criem mais dificuldades em caso de novos conhecimentos em que estejam interligados. Assim como foram lançadas questões orientadoras que iam ser esclarecidas no final da aula.

A utilização dos diapositivos com imagens e com palavras chaves é sempre uma mais valia para as aulas, pois a imagem complementa e ajuda a consolidar a exposição oral e, deste modo, ajuda a cativar a atenção do aluno, dando uma nova dinâmica à aula. Os alunos ficam mais interessados na matéria e a compreenderam noções que, de início, são confusas e de difícil entendimento, portanto devemos promover um nível de pensamento mais simples e de fácil compreensão para que a informação consiga alcançar a todos os presentes na aula. Fazer comparações do passado com a atualidade ajuda a aula a sair de monólogos monótonos e assim conseguir cativar a atenção dos alunos de forma a criar o interesse e o gosto pela História, demonstrando a sua função que é entender de como chegamos a este presente. Assim, consideramos uma maneira mais pragmática de conseguir relacionar os conteúdos com exemplos do presente para a melhor compreensão da disciplina.

No final das aulas passou-se para a prática do que havia sido lecionado. Os exercícios que haviam sido propostos para ser executados pelos alunos através de fichas do manual, do caderno de actividades, fichas de trabalho ou estar no diapositivo tudo realizado pelo mestrando. Na conclusão da aula ainda havia tempo para a correcção das actividades e uma breve síntese da matéria que foi dada, fazendo uma ponte de interligação com a matéria anterior.

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

Concluimos, salientando que a planificação das aulas realiza-se através da alternância entre os métodos de ensino expositivo e semi-diretivo, o que leva a derradeira construção do conhecimento em que existe um que tem o conhecimento e o expõe e outro que tenta alcançar a informação dada e tem que trabalhar para a conseguir, tendo em conta as teorias de Bruner e Piaget.

## **2. As reuniões com a professora cooperante**

As aulas que estivemos a observar ao longo deste mestrado de dois anos foram de extrema importância para a nossa formação inicial, pois é uma grande ajuda para nos mentalizar o que será o nosso futuro.

A professora cooperante foi uma fonte de inspiração para quem quer aprender a leccionar. Ao longo destes dois anos, a docente sempre teve a preocupação de em trabalhar em conjunto com os mestrados na observação e na preparação das aulas, apesar de haver determinados esquecimentos sobre as reuniões da sua parte. Todavia, teve sempre o interesse na integração escolar de ambos os mestrados. Assim como, a sua disponibilidade e empenho com que a professora nos acompanhou e orientou, auxiliando sempre na matéria que ia ser leccionada e esclarecendo dúvidas consoante ia surgindo e, também, a melhor maneira de como abordar os conteúdos a turma. Após cada aula observada, as estratégias utilizadas eram sempre questionadas para que houvesse melhor entendimento e motivação para os alunos da turma. O objetivo era que eles conseguissem desenvolver o seu conhecimento histórico e espírito crítico e, desse modo, desenvolvessem competências essenciais para uma cidadania ativa e com opinião bem fundamentada. É de salientar o cuidado por parte da docente a esclarecer e estabelecer os objetivos e os aspetos sobre os quais deveriam realizar quando fossem dar a aula.

No decorrer deste dois anos assistimos a várias situações pedagógico-didático que se passaram na sala de aula e que devemos ter em especial atenção principalmente na gestão de conteúdos científicos e como lidar com as perturbações dos alunos ao longo da aula. A observação das aulas deu-nos uma concepção de ter uma visão dos mestrando a dinâmica do ponto de vista do que é ser professor. Em termos gerais, houve uma boa relação com a professora cooperante, pois ambos os mestrados sempre estiveram de acordo com o método implementado da docente que se preocupava sempre em atividades didáticas durante as aulas para que não fosse sempre a debitar matéria para os alunos, tendo em conta que deveriam sempre ter em conta a participação de todos os

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
**A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História**

elementos da turma, motivando-os sempre para a o a captação do conhecimento dado nas aulas e sendo consolidado a partir de exercícios ou com fichas de atividades e, desse modo, desenvolver aos alunos uma atitude crítica e reflexiva.

Concluindo: o contacto com a Professora Maria José Ferreira, foi bastante inspirador, pois além de ser uma grande docente e com vastos anos de experiência, foi uma pessoa acessível e cooperante com os mestrados. A observação de aulas permitiu de certa forma uma outra perspectiva que foi a do professor. Permitiu igualmente estratégias de ensino e situações que levam o professor a estar sempre com atenção e ao longo da aula prevenir os imprevistos que ocorrem por parte dos alunos e moderar o comportamento dos mesmo dentro da sala de aula. Além disso deve saber gerir o tempo.

Os mestrados têm que realizar uma reflexão sobre cada aula que dão, e o modo como geriram o tempo e a relação pedagógica, salientando os pontos fortes e os pontos fracos. Tudo isto serve para que reforçar a sua presença na sala de aula, para que a partir se possa ganhar confiança e se possa perceber o sentido de vocação. É necessário ser bem recebido pelas turmas, explicando a presença do formado aos alunos para que as aulas possam decorrer num clima de normalidade, mesmo na presença da professora cooperante.

### **3. Breve descrição das aulas lecionadas**

#### **3.1 Primeira aula lecionada – 11º E**

A minha primeira aula deste percurso corresponde ao presente ano letivo (2017/2018) que se realizou no dia 13 de Novembro de 2017.

Antes de começar à descrição da aula, irei descrever um cometário prévio em relação à preparação das aulas. Após uma reunião prévia com a professora, onde delineamos todos pormenores científico-didáticos, particularmente, a seleção dos documentos que poderia utilizar, a calendarização das aulas e, por fim, à preparação da aula, em que estivemos a maior preocupação em delinear a melhor estratégia e o método a adotar para conseguir transmitir o bloco que somente por si já é complexa e acompanhada com acontecimentos e conceitos de difícil entendimento, com é o caso do *Reforço das economias nacionais e tentativas de controlo de comércio*.



### **Enquadramento científico**

A partir do final do século XVI e, sobretudo, durante o século XVII, a Europa vivia de uma falta de moeda, ou seja de metal precioso. Portanto, para conseguir que o Estado acumulasse mais riquezas adoptou-se uma teoria económica: o Mercantilismo. É de salientar que esta corrente é um conjunto de medidas práticas política económica. Portanto, a finalidade desta corrente de ideias era de procurar por diversas formas aumentar a quantidade de numerário em circulação no país. Os Estados eram tanto mais ricos e tanto mais poderosos, na medida em quanto mais ouro e prata detinham e circulasse na economia do Estado. Os descobrimentos marítimos portugueses e

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

espanhóis provocaram uma transformação nas condições económicas de ambas as monárquicas ibéricas. Com o grande influxo de metais gerou uma grande opulência jamais visto na Europa que, mais tarde, fará com que outras potências europeias saiam para o mar. Não esquecer que neste período, que o rei de Portugal era o rei de Espanha, D. Filipe, tendo o monarca herdado um vasto império.

Nesta unidade é necessário destacar e explicar os três diferentes tipos de mercantilismo, sendo o ibérico, o francês e o inglês. Na corrente ibérica, também designada como o bulionismo, para se conseguir obter ao máximo as reservas monetárias devim agir diretamente sobre os movimentos dos metais preciosos e, desse modo, não deixar os metais saírem do Estado e promoverem a sua entrada no país. Os processos práticos para se obter esta finalidade consistiam na pura e simples interdição da exportação da moeda, algumas vezes punida sobe pena de morte. Numa primeira fase, os navios largavam dos portos nacionais com carga para os portos estrangeiros, sendo obrigados a ter uma viagem de ida e volta uma quantidade de numerário equivalente ao valor da carga. O objetivo era que lucrar com o comércio da carga e o dinheiro entrar no Estado para promover o poder e o engrandecimento nacional.

No caso do mercantilismo francês ou Colbertismo, tem como objetivo conseguir aumentar ao máximo a riqueza monetária do Estado não fiscalizando os movimentos dos metais, mas para aumentar a produção de manufacturas do país. Portanto, Colbert ministro de Luís XIV, para conseguir lucrar quantias mais avultadas decidiu investir em produtos manufacturados de grande qualidade, ao invés de produtos agrícolas, pois a produção destes varia consoante as condições climáticas. Com isto, o resultado foi lucrar quantias maiores com venda no estrangeiro devido ao preço ser bastante elevado e como os produtos do sector primário não saíam conseguiam para o seu consumo interno. Estas grandes quantias permitiam ao rei francês financiar as suas campanhas militares, ao luxo exibido na corte do rei no palácio de Versalhes<sup>29</sup>.

---

29 De Magalhães, José Calvet, *História do Pensamento Económico Em Portugal*, Coimbra, 1967 p. 147

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

A outra forma de mercantilismo foi aplicada pelos ingleses que se baseia de aumentar as suas reservas nacionais de metais preciosos. No entanto, a sua meta era ser predominante no comércio marítimo, pois defendia que a riqueza dos Estados não provinha tanto do desenvolvimento das suas manufacturas, contudo ao comércio exterior como faziam os holandeses. O desenvolvimento da marinha mercante inglesa, à defesa da liberdade dos mares e ao comércio de mercadorias de grande escala, fundamentos que levaram a Inglaterra a criar o seu império à escala mundial.

Concluindo, todas as vertentes do mercantilismo defendem uma balança comercial positiva, exportando tudo ao máximo e importar o menos possível. Tudo isto levou a um proteccionismo económico de todas as potências europeias. Levando as novas potências a suplantar as potências pioneiras dos descobrimentos.



Iniciámos a aula com o ditado do sumário, “ *O Reforço das economias nacionais e tentativas de controlo do comércio*”. O objectivo estipulado seria novamente falar sumariamente sobre os descobrimentos portugueses e espanhóis explicar, acima de tudo, as duas grandes viagens que mudaram a concepção europeia sendo a de Cristóvão Colombo à América, continente desconhecido para o mundo e a viagem de Vasco da Gama para a Índia. Estas duas viagens mudaram completamente a mentalidade europeia, assim como as quantias de dinheiro que se lucrava com o estabelecimento de feitorias para buscar o produto desejado e, de seguida, vender para o mercado europeu. Sem a consolidação deste tema não é possível avançar, pois os alunos muitas vezes não se recordam da matéria que deram ao ano passado e têm dificuldade em estabelecer uma ponte de ligação entre a matéria que foi dada e a nova, portanto o docente, numa primeira fase, deve referir o que foi dado para então dar o novo passo, segundo Piaget o conhecimento/aprendizagem constrói-se num processo contínuo de reconstrução das estruturas cognitivas do aluno que assimila e apreende o conhecimento para entender os conceitos da matéria.

## **Temas de História Moderna e Contemporânea:** **A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História**

A aula continuou, para testar o conhecimento que os alunos tinham algum conhecimento sobre a matéria que estava sendo lecionada. Perguntando a turma uma questão aberta: “ Quais os produtos que davam muito dinheiro vindos da Índia?”, esperando que alguém respondesse. Porém, nem sempre foram participativos com as questões lançadas. Tendo a preocupação e o empenho para conseguir cativar a participação de todos os elementos da turma e, deste modo, conseguir ganhar a confiança e o empenho de todos os presentes e desta forma contribuir para solidariedade da turma, pois em caso de uma resposta incompleta perguntava se ninguém queria ajudar o colega e conseguir fazer com que entendam que o companheirismo e a partilha de ideias leva a construção do conhecimento para uma visão mais aprofundada. Portanto, esta estratégia serve para conhecer o conhecimento colectivo da turma e saber se existe inter-ajuda entre os alunos.

Posteriormente, procurámos explicar resumidamente o que provinha de cada continente para a Europa, tendo a Ásia, numa primeira fase, ser o local de eleição dos portugueses, pois de lá vinha pimenta, a seda e outros produtos exóticos que davam bastante lucro nos mercados Europeus. Utilizámos a exposição oral da matéria associada com a projecção de diapositivos com imagens, onde estava um documento de Colbert a referir aos holandeses onde pedi a alguém da turma que pudesse ler e depois que analisássemos em conjunto. A mediação entre exposição oral e visual para transmitir o conhecimento é uma maneira mais reconhecida para os alunos conseguirem consolidar o conhecimentos através da memorização de imagens. Todavia, não devemos somente fazer uso da memorização dos acontecimentos passados para os alunos apesar de ser uma boa base, mas sim estimular e desenvolver o pensamento crítico dos alunos para compreenderem que a História repete-se ao longo dos tempos. O uso da imagem, principalmente dos mapas para demonstrar as rotas que os navios faziam, ajudando a consolidar a informação, assim como, evitar a que explicação não ficasse muito monótona e auxilia a memorização da matéria que está a ser dada, pois se estivermos a falar de conteúdos abstractos os alunos pode não conseguir seguir a linha de raciocínio do professor, tendo este saber que moderar o nível de pensamento, pois pode ser demasiado elevado para a turma.



**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

As novas potências (Holanda, Inglaterra e França) ultrapassaram as pioneiras (Portugal e Espanha). Observamos, por sua vez, que os Estados mercantilistas organizaram-se consoante um comércio externo mediante a constituição de companhias monopolistas com a finalidade de operar o comércio numa área distinta em regime de monopólio. Gerando disputas entre as potências europeias pelo controlo das rotas de comércio e pela predominância no mar. Nos séculos XVII e XVIII, todos os continentes estavam sob a esfera de influência dos países europeus, pois foram determinantes para o desenvolvimento da economia deles, a partir dos produtos coloniais para serem transformados nas metrópoles europeias para depois serem exportadas para os outros países. O comércio atlântico ganhou bastante importância com o continente americano, devido a este ser o principal lugar onde provinham os produtos coloniais, contudo era necessário uma elevada mão-de-obra escrava para trabalhar nos campos que provinha maioritariamente da região africana. Tudo isto gerou um circuito comercial denominado como o comércio triangular, esta rota consistia em ir para o litoral de África com produtos de pouco valor para estabelecer trocas com os locais para obter escravos para irem trabalhar para as colónias na América do Norte e do Sul, aumentando o tráfico negro.

O aumento de escravos para a América aumentou exponencialmente devido ao desenvolvimento das plantações nas colónias devido a produtos como o açúcar e o algodão foi necessário colmatar com a vinda de mais escravos para as plantações. O que levou a que investidores privados viessem também a participar neste negócio, contudo a concorrência, os custos das viagens, os escravos que morriam a bordo por causa das condições precárias levaram a que este comércio fosse pouco lucrativo.

O comércio colonial associado ao tráfico negro gerou grandes quantias de lucro provenientes do transporte, armazenamento e comercialização dos produtos coloniais, resultando numa acumulação de capital que, por sua vez, enriqueceram o Estado e os particulares. Tudo isto gerou a novos mecanismos financeiros criando, assim, uma maior circulação de moedas, práticas de crédito entre Estados e privados, gerando o incremento de negócios e financiamento das

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

companhias comerciais. Este dinamismo económico, assente no comércio, levou ao surgimento de uma forma de capitalismo que se afirmou no continente europeu, no final do século XV até ao fim do século XVIII: o capitalismo comercial. Portanto, tem por base a procura do lucro e da acumulação de capital pelo comércio colonial que, por seu turno, foi o motor da economia dessa época, sendo o melhor exemplo as companhias comerciais. No final do século XVII, os ingleses tornaram-se os senhores do mar e dos transportes ao conseguirem controlar predominantemente o comércio triangular e através dos atos de navegação levam ao domínio dos portos britânicos, a costa Africana e a América do Norte e, finalmente, no Oriente com uma poderosa frota, a criação de novas companhias comerciais e, desse modo, suplantando a sua concorrência. É de extrema importância mencionar os choques de disputas territoriais entre as potências europeias para salientar o triunfo ingleses sob as restantes sobretudo na guerra dos sete anos. Apesar de mencionar outros choques de potências senti que os alunos tinham grande dificuldade compreender todos os choques de potências, por isso decidimos focar mais na guerra dos sete anos e no Tratado de Madrid. Nos últimos dez minutos da aula fiz um breve resumo da matéria dada tentando dissipar as dúvidas da turma.

### **3.2 Segunda aula lecionada – 11º E**

A segunda aula foi lecionada no dia 16 de Novembro de 2017 e o sumário foi o seguinte: “*A Hegemonia Económica Britânica: Condições de Sucesso e o Arranque Industrial*”. Foi importante não ter dado de imediato duas aulas seguidas, pois assim consegui preparar me melhor e reflectir sobre a aula passada que pensei que tinha corrido menos bem devido a quantidade de matéria que foi dada. Senti que os alunos na sua totalidade não tinham compreendido bem a matéria, mas neste bloco tentamos ser mais precisos com a informação e tentar focar nos pontos importantes.



## **Enquadramento científico**

Na minha segunda aula, começámos por explicar as razões que levaram a Inglaterra à primeira fase de industrialização, ao contrário dos outros países. A primeira revolução Industrial foi de pequena ou média dimensão; os capitais em causa haviam sido acumulados, na medida em que a banca não financiava estes indivíduos. Estes eram, portanto, superfícies industriais que não exigiam um extraordinário esforço financeiro, sendo o capital inicial não era muito elevado.

A banca só concedia crédito ao comércio. O sector bancário inglês, ainda assim, cresceu durante o século XVIII. A moeda estava indexada ao metal precioso e os bancos somente podiam emitir moeda tendo em conta que ela podia ser convertida. Assim, era imperativa a existência física do metal precioso. A ter havido um desenvolvimento na banca inglesa ele traduziu-se num aumento de capitais. A banca servia para o depósito e possibilitava formas de financiamento aos depositantes. A verdadeira origem do Banco de Inglaterra esteve, no entanto, ligada com a necessidade de conceder crédito ao Estado e não os privados. A primeira revolução industrial ficou conotada com o capitalismo industrial: sistema de organização económica vocacionado para a acumulação de capitais fixos (instalações e equipamentos) ou circulantes (matéria-prima). O capital que dura para além do processo de produção e capital que não sobrevive na sua feição ao processo produtivo, embora não deixe de representar um valor.

A banca não concedia empréstimos aos industriais, já que a banca inglesa não fazia empréstimos a curto-prazo, na medida em que o juro era muito alto, os empréstimos não representavam qualquer mais valia para os industriais. O rápido desenvolvimento da indústria, a partir de 1815, a produção inglesa multiplicou-se, embora na justa medida das necessidades e capacidades das indústrias, que não tinham qualquer apoio do Estado ou da banca. Portanto,

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
**A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História**

podemos constatar que não houve propriamente uma intervenção estatal direta. No entanto, o Estado secundava as iniciativas dos agentes económicos. Uma série de medidas foram adoptadas quando se considerou que a Inglaterra estava em condições de se abrir ao exterior. Em 1839, foram abolidos os Atos de Navegação, embora em 1843 fosse estritamente proibido exportar tecnologia oficialmente, a realidade é que os operários circulavam, operando em países como a França e a Prússia. Desse modo, podemos entender porquê alguns países conseguiram acompanhar a primeira vaga de industrialização e outros não. O contágio da primeira revolução resultou com os países que tinha um relacionamento mais próximo com os ingleses como a Bélgica e os Estados Unidos da América.

A revolução industrial obrigou a uma aproximação entre a Inglaterra e os outros espaços do mundo. Os EUA tornaram-se nos maiores produtores industriais de algodão em rama. O que obrigou à manutenção de relações com as antigas colónias; assim, aquando da independência dos EUA, a Inglaterra foi obrigada a comprar a Portugal o algodão brasileiro, lã e o azeite com aplicação industrial. Logo que terminou a guerra as relações comerciais entre ingleses e americanos foi novamente retomada.

Concluindo, a Inglaterra foi pioneira nesta fase pois era uma grande potência naval, possuía um grande império colonial, a aristocracia e a burguesia eram particularmente ativas e tinham a capacidade de investir, o Estado secundava as iniciativas e o tecido social diferenciado estava pronto para a produção de género industrial. As consequências da revolução industrial foi o aumento dos fluxos demográficos e, consequentemente, da mobilidade social. Numa primeira fase, as pessoas deslocaram-se dos campos para as cidades e depois de cidade em cidade. Eram as grandes cidades que exerciam maior capacidade de atração de mão-de-obra, nomeadamente as portuárias, pois levavam esses indivíduos para outros territórios a procura de uma melhor vida.

## **Temas de História Moderna e Contemporânea:** **A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História**

A Revolução Agrícola foi dada na segunda parte da aula, mencionando que, anteriormente, o sector secundário estava em corporações de ofícios cujos objetivos eram os de assegurar as quotas de mercado para os seus componentes e a existência de mão-de-obra qualificada. Além disso, eram estas corporações que estabeleciam o número de oficinas necessárias para cada núcleo urbano. O objetivo era também o controlo da produção e, consequentemente, do preço. Assim, não existia concorrência. O controlo era também feito a nível da localização das oficinas, normalmente situadas na mesma rua. Este enquadramento típico dos núcleos urbanos não era susceptível de resistir à industrialização. Aliás, à medida em que foi aumentando a capacidade das máquinas os artesãos foram sendo substituídos por mão-de-obra cada vez menos especializada e qualificada. As transformações que se deram da industrialização percorreram várias vertentes da sociedade e dos aparelhos produtivos. Ainda assim, as características de tipo antigo tenderam a perpetuar-se à exceção do índice demográfico.

Os britânicos possuíam a principal frota naval do mundo e um grande império colonial, como já foi mencionado anteriormente. A partir de 1650, transformaram-se no centro da economia do mundo, organizando parte considerável dos fluxos comerciais e financeiros, suplantando a Holanda e a sua hegemonia durou até as vésperas da primeira guerra mundial.

A Revolução Agrícola vai desde o século XVI e XIX, o que despoletou na Inglaterra foi que a nobreza era particularmente ativa e a burguesia muito empreendedora. A nobreza não estava impedida de comerciar, tendo os lordes o ponto de vista da estrutura social e mental não eram censurados ou condenados caso tivessem lucro e o acesso ao crédito. Pelo contrário, a Igreja Católica condenava a usura e o lucro excessivo, pois o tempo só a Deus pertencia. Assim, o protestantismo resolveu esta incompatibilidade, resultando como uma vantagem às sociedades em vias de industrialização.

A adopção de novos princípios do novo enquadramento jurídico que acabou por surgir. O pousio era um eixo fundamental, já que era durante esse período onde o gado se alimentava e no Antigo Regime a pastagem livre era consagrada, isto é, o proprietário de determinada propriedade não tem total direito sob esse terreno. Assim, o proprietário não podia vedar a terra e suprimir o

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

pousio, pois era considerado uma violação aos direitos da comunidade que tinha os seus animais a pastar nas terras vizinhas. Nesta altura, a agricultura e a pastorícia era interdependentes, embora enquanto atividades não pudessem ser praticadas em simultâneo.

A supressão do pousio era uma decisão particular e punha em causa o interesse do coletivo, uma questão particularmente sensível na Inglaterra. O *open-field* deu lugar às enclosures, o que levou à necessidade de alterar o enquadramento jurídico da propriedade, algo que decorreu do liberalismo. Aliás, as sociedades industrializadas e o investimento privado são indissociáveis do liberalismo e do direito à propriedade. Este novo espírito que surge no sector primário e a propriedade deixa de ser gerido no âmbito da auto-suficiência, passando a ser gerida segundo uma economia de mercado.

Em Inglaterra, estas alterações ocorreram através da ação dos grandes proprietários rurais, denominados como gentry. Começaram por vedar as propriedades e direcionaram-se para o cultivo de cereais e para a criação de gado, pois havia necessidade de pão e de lã. As vedações tinham como objetivo de não deixar sair o gado e não deixar ninguém entrar em propriedade privada. Tudo isto, levou a supressão dos pequenos proprietários e também pessoas que exploravam a terra por terceiros vão perdendo preponderância em termos agrícolas, embora não desapareçam por completo. O problema é que progressivamente começaram a desaparecer os terrenos complementares para atividades como a caça, a pastorícia. Pois também começaram a ser suprimidos ou aglutinados.

A industrialização foi tributária de uma melhoria do clima e do desenvolvimento urbano, que estimulou as atividades industriais ligadas à manufatura e também à agricultura de periferia. Resultando com um aumento efetivo do solo arável, proporcionado pela drenagem de pântanos, desflorestação e conquistas de terra ao mar. Além do aumento da superfície, houve um acréscimo de produtividade, pois muitos solos anteriormente não podiam ser utilizados eram férteis. A produtividade agrícola aumentou cerca de 50% e o aumento da oferta permitiu um excedente que, por sua vez, levou ao aumento da oferta que permitiu um excedente que permitia o abastecimento das cidades.

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
**A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História**

A revolução assentou em formas de cultivo diferentes e na utilização de diferentes culturas, tendo-se suprimido o pousio . Este era a única forma encontrada até então para reabastecer a fertilidade da terra. No entanto, não era utilizado em regime de exclusividade, mas com as novas formas de afolhamento, aumentou-se a produtividade de cereais por via indireta, na medida em que a pastagem do gado aumentava indiretamente a fertilidade dos solos. A plantação de plantas forrageiras que permitia a criação de pastos artificiais, também era essencial a todo este processo, uma vez, que estas plantas devolviam o azoto à terra. A partir da metade do século XVII este método já estava plenamente implementado, sobretudo na zona noroeste da Europa, sendo esta primeira fase da Revolução agrícola em andamento na Holanda, na França e em certas partes do território alemão.

O próprio crescimento demográfico das cidades levou a um aumento da criação de gado, na medida em que aumentou a procura de lã para o fabrico de vestuário. Este recurso foi particularmente importante em Inglaterra. Indiretamente, houve um aumento da produção de carne, de leite e derivados. Assim como, um acréscimo na produção de linho e cânhamo ( para as velas dos navios), plantas tintureiras, cevada e batata. A beterraba foi preponderante para a produção de açúcar.



Após a concretizado a chamada e escrito o sumário, começamos a aula. Em conjunto com a turma fizemos uma breve síntese da última com o intuito de reforçar os conceitos fundamentais que foram dados e esclarecer em caso de dúvidas ou de um conceito que não foi bem interiorizado por algum aluno e, desta forma, ter um noção global de quais os alunos que tiveram mais dificuldade em ter apreendido novos conhecimentos. Portanto, com isto sabemos como interagir e ter especial atenção aos que têm mais dificuldade em entender os conceitos.

Durante a aula, o método que utilizei foi mais expositivo e teórico. Todavia, numa tentativa de dinamizar a aula procuramos algum vídeo que conseguisse englobar as duas aulas sumariamente,

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

contudo nenhum vídeo preenchia os requisitos para ser implementado na aula, pois somente falavam de um tema ou então eram um vídeo bastante longo. Deste modo, que referi os pontos-chave do mercantilismo inglês e fiz a ponte para explicar as condições e razões que levaram a Inglaterra a ser pioneira nesta nova período designada como o a era Industrial. A forma como foi explicada foi através da exposição oral e complementada com a projeção de diapositivos com textos, gráficos e imagens. O comércio, a mentalidade da sociedade e os grandes investidores do comércio foram os meios difusores para a industrialização da Inglaterra e que esses operários depois iam para outros países transmitir esse conhecimento.

Na segunda parte da aula, fizemos referência à Revolução Agrícola como surgiu e se desenvolveu, salientando que ocorreu graças ao fisiocratismo e aos landlords que mudaram as leis no parlamento para beneficiarem de grandes terrenos e espaços agrícolas para gerar comércio com as grandes cidades: Demonstrando também os novo métodos implementados que levaram a maior produtividade dos campos, pois já não era necessário o pousio. Acho que o gráfico que usamos na aula foi uma mais valia para o entendimento dos alunos<sup>30</sup>. E, por fim, tudo isto fez com que os pequenos e médios proprietários agrícolas fossem procurar trabalho para o meio urbano onde a maioria foi trabalhar para as fábricas. Tudo isto levou a boom populacional nas cidades devido ao elevado de pessoas que foram viver para as cidades e também as melhores condições de vida impulsionadas com a investigação, higiene e o vestuário.

Para concluir para verificar se os alunos tiveram atentos a informação que foi lecionada fiz um exercício da aula em que constava toda a matéria que foi dada, isto foi realizado com o intuito de consolidação da matéria. A turma aceitou resolver o exercício, contudo num ritmo muito lento, onde tivemos que intervir para responder as questões em conjunto, caso contrário não seria possível fazer o esclarecimento de dúvidas e o breve resumo da aula.

A aula estava a chegar ao fim e não consegui chegar aos desenvolvimentos tecnológicos para o aumento da produção de algodão, metal e do carvão. Mas em termos gerais, o comportamento dos alunos foi sempre de respeito, cooperação e atenção à informação que estava

---

30 Vide (CD/DVD-ROM) anexo correspondente à segunda aula lecionada ao 11º ano



**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

sendo dada. Em termos gerais, foi uma aula bem conseguida, pois ambos os lados estão predispostos e em sintonia para alcançar os objetivos pretendidos. Esta aula apesar de ter ocorrido dentro do tempo esperado, houve algum esforço para manter os alunos cativados na matéria. Quando a gerência do tempo, ao longo destes dois anos, assumo que ainda é dos pontos fracos que tem que ser trabalhado e melhorado no futuro, mas acredito que com a prática e força de vontade seja possível ultrapassar as dificuldades.

### **3.3 Terceira aula lecionada – 11º E**

A terceira aula foi lecionada no dia 20 de Novembro de 2017 e o sumário foi o seguinte: “*O arranque industrial do pioneirismo inglês a industria do ferro, carvão e da máquina a vapor,* ”. Esta aula foi a continuação da aula anterior, pois os temas anteriores eram bastante complexos e longos demorou um aula a explicar a sua origem e o impacto que teve na época, portanto foi complicado para o entendimento de alguns alunos. Por isso, voltei a fazer um breve resumo e realizei a chamada, faltando três alunos.



## **Enquadramento científico**

Este foi um grande acontecimento na história da humanidade. O avanço industrial e comercial era bastante avançado, sendo ainda consolidado por ministros e funcionários públicos direccionados para o crescimento económico do seu país. Os franceses apesar de estarem em vantagem nas ciências naturais sob os ingleses, contudo estes com a Revolução Industrial chegaram indiscutivelmente ao topo entre todas as nações. Racionalistas como James Watt, Thomas Telford, London Mcdam e James Mill. Todos estes impulsionaram a Inglaterra com as suas ideias e novas tecnologias, mostrando que mesmo não estar no topo académico demonstrou que a Revolução Industrial que os seu inventos eram na sua totalidade humildes, pois os inventores não precisavam

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

ter uma grande capacidade intelectual, mas sim de pragmatismo. A máquina a vapor de James Watt não necessitava de conhecimentos científicos sobre física, assim como outras invenções como a lançadeira volante e a máquina de fiar. A sua aplicação estava assente no emprego prático de máquinas com a fonte de energia do carvão, gerando as condições necessárias que estavam presentes para continuar o progresso industrial.

A agricultura estava assente para desempenhar as três funções que seriam incumbidas na era industrial: aumentar a produção e a produtividade e, desta forma, alimentar a população crescente nas cidades. Originando um excedente maior de pessoas para as cidades e para as fábricas e oferecer um mecanismo para a acumulação de bens capitais a fornecer nos sectores mais modernos da economia.

A mentalidade do homem de negócios estava focado em conseguir lucrar ainda mais levando a uma período de prosperidade e de expansão económica industrial, contudo é preciso ter noção que a criação do sistema mecanizado que produz em grandes quantidades a baixo preço não ocorreu em a curto prazo, mas sim foi um progresso gradual. Sem nenhum concorrente na altura entre 1789 e 1848, a Europa e a América estavam submersas de técnicos, máquinas a vapor, equipamento têxtil e investimentos ingleses<sup>31</sup>. Com um economia pujante e um Estado interessado em obter os mercados a Inglaterra dominou completamente a Europa e o resto do mundo e com a guerras dos sete anos arrasaram completamente todos os seus rivais, tirando a parte os EUA, pois estava nas condições para conseguir também alcançar uma poderosa indústria.

A revolução industrial podemos descrever como um triunfo do mercado de exportação sob o mercado. A Grã-Bretanha por volta de 1814, exportava por volta de quatro metro de pano algodão por cada três consumidos pelo mercado interno e o próximo ano doze por cada sete. O que importa salientar é como a Inglaterra tem a capacidade de produzir algodão para comercializar como todos os países do mundo e isso deve-se ao melhoramento da tecnologia, além de todas a matéria-prima provinha principalmente do sul do EUA.

---

31 Hobsbawm, E.J, *Era das Revoluções*, Editorial Presença, Lisboa, 1962 p. 51

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História



Iniciámos a aula com um conjunto de questões para a intenção de nortear o percurso da aula e conseguir fazer a ponte de ligação da aula anterior com esta, pois é a continuidade da matéria que foi dada anteriormente, portanto fiz umas questões para ver se ainda se lembravam e depois fiz um breve resumo da matéria dada da aula passada.

Quanto ao primeiro momento da aula passou-se na estruturação da organização dos conteúdos, tendo o Powerpoint como guia e onde estava sintetizado os pontos-chaves que deveriam ser interiorizados pelos alunos. Os conteúdos sobre a Revolução Industrial: o crescimento demográfico urbano; o mercado externo e colonial; o sistema financeiro; e, por fim, o sector têxtil e metalúrgico. De modo geral, os alunos tiveram dificuldade em entender os termos económicos, pois possuem pouco conhecimento de economia o que levou o docente ter que explicar de forma clara e objectiva diversos conceitos como importação, exportação, protecção e empreendedorismo. Este fato provocou alguma “perda” de tempo e o raciocínio da aula, mas através Powerpoint tive sempre a noção onde estava situado.

Na segunda parte da aula, os alunos gostaram bastante das imagens que mostraram a evolução das indústrias têxtil e metalúrgica, o que foi uma mais valia para cativar a turma a prestar atenção ao quadro. Nos últimos trinta minutos pedi que analisassem os documentos que estão patentes na página 132 do manual e fizessem uma correlação com a matéria que foi dada. Neste exercício podiam fazer dois a dois, pois é favorável haver um estímulo e trocar ideias com os colegas para assim conviverem e estarem abertos a ver as perspectivas de ambos. A correção foi realizada oralmente, pedindo sempre à turma se alguém tinha alguma coisa a acrescentar ou quando havia perguntas incompletas se alguém se importava de ajudar os seus colegas. Este exercício foi exclusivamente para a análise de documentos para os alunos terem noção de como é trabalhar com fontes, assim como trabalhar a interpretação das fontes como forma de consolidação da matéria.

### **3.4 Quarta aula lecionada – 11º E**

No dia 4 de Dezembro de 2017, entrei na sala de aula e escrevi o sumário: “*O Bloqueio Continental e a fuga da família real portuguesa para o Brasil*” e, depois, comecei a fazer a chamada dos alunos. Comecei a explicar em o panorama no início do: século XIX, em que Portugal estava na situação complicada, pois estavam entre os interesses políticos e militares entre as duas maiores potência da época: Inglaterra e França. Napoleão planeou um estratagema para derrotar a Inglaterra, decretando no dia 21 de Novembro de 1806, o Bloqueio Continental a todos os países europeus. O objectivo era que todos portos fossem fechados aos ingleses e, deste modo, estes iam entrar em declínio, pois viviam sobretudo do comércio. No início, Portugal tentou manter a neutralidade durante este conflito, temendo perder a aliança histórica com os britânicos. No entanto, o franceses não toleram mais adiamentos da Coroa Lusa, e Napoleão mandou os seus exércitos, que já se tinham apoderado da Espanha, para atacar Portugal por três vezes. Este acontecimento é denominado como a guerra Peninsular.



### **Enquadramento científico**

A família real ao sair do Porto de Lisboa no dia 27 de Novembro de 1807, o príncipe ,D. João, transferiu-se para o Brasil para salvar a coroa das intenções francesas. De igual modo, sabia que o reino não dispunha de meios para combater as tropas de Napoleão e que a defesa somente ia verter mais sangue inocente. Por outro lado, Junot, general que liderava a primeira invasão, prometia libertar Portugal da tutela inglesa. Com a fuga o príncipe e da rainha houve duas vertentes uma a favorável a negociar com os franceses para evitar maiores desastres e outra favorável a defesa da coroa com o auxilio providenciado pela Inglaterra, contudo esta “fuga” apenas previa uma ausência temporária da corte, como único meio de defender a realeza portuguesa e antes de ir para o Brasil, D. João estabeleceu um Conselho de Regência sob a tutela do marquês de Abrantes.

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

A primeira invasão francesa liderada por Junot, como foi mencionado anteriormente, este general foi escolhido, pois em 1805 foi embaixador em Lisboa e onde estabeleceu relações que lhe fizeram conhecer a realidade geográfica do país, como também o Estado político e militar. No entanto, surgiu vários contratempos para chegar a Portugal, sendo que na travessia da Espanha não foi possível reconhecer víveres necessários que os soldados chegaram à fronteira em condições lastimáveis em termos de alimentação, levando a pilhagens desde Salvaterra do Estremo até Castelo Branco. Ainda por mais, com o Inverno agravou mais as tropas francesas que os levou famintos e rotos a Abrantes a 22 de Novembro. Todavia, entrou em Lisboa sem qualquer força hostil nem manifestações pela parte popular, pensando ter cumprido o objetivo estabelecido por Napoleão.

Junot tinha plena consciência que a população portuguesa não estava ao seu lado, portanto tomou medidas para evitar algum ato de revolta. Fazendo com que todos os oficiais de armas lhe indicassem o lugar da sua residência<sup>32</sup>. O que gerou a que muitos soldados a abdicarem das fileiras para não ficarem na Legião Portuguesa a mando de Junot. Todavia, isto gerou desertores por todo o país que pediam auxílio as embarcações inglesas que passavam pela costa, o que levou ao general francês a ordenar fogo a quem fizesse este ato. Quanto aos comerciantes estes seriam obrigados a depositar no Arsenal da Marinha todas as peças de artilharia e armas de fogo que estivessem na sua posse.

Com uma disputa política sobre as coroas ibéricas entre Napoleão e José, rei de Nápoles gerou uma revolta em toda a Espanha, pois a população deduziu que a ausência do rei e da sua família fazia parte da estratégia de Napoleão para controlar a Espanha. No dia 2 de Maio de 1808, os motins espanhóis contra os franceses levaram a morte destes nas ruas de Madrid e, em consequência, destes atos abriram fogo sem piedade sob os espanhóis revoltosos. Esta luta nacional levou a Portugal uma mensagem de resistência ao poder opressor dos franceses. Junot para acalmar os ânimos para não haver levantamentos como em Espanha, rotulando que os membros que desta revolta eram membros criminosos da plebe.

---

32 Serrão, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal vol. VII*, Editorial Verbo, Santarém, 1983 p. 39

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

No Porto, as relações estavam bastante inquietantes, pois muitos oficiais simpatizavam com a situação de Espanha. Aproveitaram a ida do general Quesnal, comandante da guarnição francesa, à romaria do Senhor de Matosinhos realizou-se um plano com a participação das tropas espanholas para capturar o comandante francês no seu regresso ao Porto. Apesar do plano ter resultado as tropas portuguesas não clamaram o nome do seu monarca por receio de não terem homens suficientes para combater os franceses, portanto, deste modo, se instaurou a primeira revolta que depois ia se propagar em diferentes partes do país.

No dia 12 de Julho de 1807, uma expedição com cerca de 10 000 homens a mando do general Artur Wellesley, desembarcou perto do Porto, onde a Junta do Supremo Governo os recebeu com grande alegria. Deste modo, ficou estabelecido que o general inglês deveria navegar para a foz do Tejo e o exército português, logo que fosse notificado ia para mesma localização por terra. A batalha entre os dois exércitos ia acontecer inevitavelmente pelo controlo de Portugal. As tropas anglo-portuguesas tinham conseguido chegar a Óbidos, vendo este grande exército, Junot assumiu as rédeas para combater o seu opositor. No entanto, não conseguiu evitar a dura perda do seu exército na Roliça e na Columbeira. Prontamente, as forças ingleses tinham desembarco no Porto Novo, foz do rio Alcabrichel, seguindo as ordens de Wellesley que ia para a Lourinhã enquanto o português Gomes Freire de Andrade defendia pela retaguarda os seus aliados em Óbitos. O plano era conquistar o quartel-general de Torres Vedras, contudo a batalha decorreu no Vimeiro que resultou na derradeira vitória para expulsar Junot de Portugal.

Depois destas duas derrotas, Junot tinha noção que tinha homens nem quaisquer meios para manter a sua permanência em Portugal. Por seu turno, o comandante inglês também não queria estar em Portugal a fazer somente a manter as guarnições em caso de novo ataque francês. Ambos os líderes estabeleceram na Convenção de Sintra, que ficava patente que todas as terras, castelos e fortalezas de Portugal que estavam ocupadas pelos franceses deveriam ser devolvidas aos portugueses, independentemente do seu estado de conservação. Em contrapartida, os franceses podiam levar as suas armas, artilharia, cavalos, munições e não haveria prisioneiros de guerra. Deviam deixar aos ingleses os arsenais militares, navios, a guarda dos doentes e feridos. Assim

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

como, os ingleses deveriam trazer navios para levar as tropas francesas novamente ao seu país de origem. Este acordo foi claramente bastante favorável para os franceses, pois obtiveram bastante saques desde a sua ocupação e não seriam responsabilizados pelos roubos e mortes que tinham cometido durante o período de ocupação em Portugal. Não é possível estimar a quantidade de valores que foram levados desde móveis, objetos exclusivos, jóias, alfaías, livros, quadros pilhagens de igrejas, palácios e moradias. No contexto militar, os franceses levaram todos os meios militares que estavam em Portugal, tornando bastante fraco em termos militares e em dispositivos de defesa. A convenção de Sintra apenas livrou a ocupação militar e o Reino estava mais pobre e o panorama social estava bastante catastrófico devido a morte e aos saques, portanto o próximo objetivo a cumprir seria a recuperação do país.



A aula começou com a mesma frequência e depois de ter escrito o sumário apresentei um conjunto de questões à turma sobre o Bloqueio Continental, nomeadamente se os alunos já tinham ouvido falar, contudo, a maioria não sabia do que se tratava ao certo. De seguida, explicámos sumariamente a causa que levou Napoleão a declarar uma guerra económica à Inglaterra, com o pretexto de libertar a Europa do jugo inglês, e expliquei as correntes liberais da época.

Esta aula foi mais expositiva, pois a turma demonstrou ter poucos conhecimentos sobre o tema, pelo que nos cingimos mais ao Powerpoint associado à explicação oral. Os alunos questionaram bastante sobre as razões que deram origem à atitude do regente D. João, decidindo não ficar para combater os franceses. Deste modo, os alunos ficaram a compreender que a família real optou por se transferir para o Brasil, para não se deixar prender como a família real espanhola. Além disso, D. João compreendeu que com esta atitude também salvava a esquadra portuguesa.

Foi bastante importar mostrar uma imagem para assim comprar as diferenças entra a organização da sociedade do Antigo Regime e de um Regime Liberal, salientando as principais diferenças tais como: o direito à igualdade, o direito à liberdade, o direito à segurança, a propriedade privada, direito de intervir no governo e de protestar sem haver perseguição. Como os

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

pensadores liberais defenderam um Estado Laico com a separação do poder religioso, perdendo a Igreja o grande poder que detinha no Antigo Regime. Consequentemente, a secularização das instituições e da perda de bens patrimoniais que foram retirados e apropriados pelo Estado, isto é, nacionalizados ou por privados. Tudo isto foi consolidado com imagens para sintetizar as diferenças de ambos os regimes bem como o interesse pelo conhecimento, de forma a que os alunos conseguissem associar a informação dada com a imagem.

### **3.5 Quinta aula lecionada – 11º E**

No dia 15 de Dezembro de 2018, iniciámos a aula e escrevendo o respetivo sumário: “ *As duas invasões francesas, a conjuntura do Sinédrio e a expulsão das forças inglesas de Portugal.*” Relembramos que a primeira invasão foi dada na aula anterior. Em seguida, a chamada de todos os alunos, tendo depois começado por fazer um breve resumo da aula anterior. Passamos por um momento de questionamento aos alunos que serviu para fazer o ponto da situação e esclarecer dúvidas a sobre a matéria dada.



## **Enquadramento científico**

A segunda invasão francesa comandada do general Soult tinha como objetivo conquistar a cidade do Porto. Todavia, a penetração foi bastante complicada devido à área montanhosa que tiveram de enfrentar, o que complicava uma vitória fácil. Com as forças francesas a andar pelo norte do país era difícil prever, numa primeira instância, qual seria o primeiro alvo para o ataque francês, sendo que nenhuma tropa tinha chegado a Braga, a população julgou que o seu comandante se tinha rendido aos gauleses e o abandono militar por parte de Freire de Andrade e os outros militares fizeram com que a população local fizesse justiça pela suas próprias mãos matando todos os oficiais, pois estavam cegos pelo seu fervor patriótico.



**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

Com a chegada do exército ao Porto, Soult tentou negociar com o respetivo bispo D. António de S. José e Castro que recusou a proposta para a rendição da cidade, tendo em conta que mesmo realizada uma capitulação honrosa que evitasse o derrame de sangue, os habitantes ainda não se tinham esquecido do terror que sofreram na primeira invasão de Junot. Por conseguinte, os portugueses preferiam combater do que entrar em acordo com inimigos. Quando a cavalaria francesa entrou na cidade os habitantes, temendo o saque fugiram para a margem esquerda e, para desse modo, terem acesso a velha ponte das Barcas. Com o excesso de gente a fugir a velha ponte quebrou e centenas de vidas foram levadas pela corrente. Para piorar a situação a artilharia da Serra do Pilar disparou sob o inimigo que acabara de chegar à zona do castro logo respondendo aos disparos. Com o fogo cruzado vários tiros atingiram as pessoas que ainda estavam a tentar atravessar a ponte, resultando no desastre da Ponte das Barcas. Esta derrota levou a ocupação das forças de Soult no Porto e ao desânimo de todos os portugueses, principalmente dos militares.

Com a presença francesa no Porto, Soult pensou que a ocupação militar e as ideias da Revolução tinham alcançado a população portuguesa, não temendo que pudesse haver um motim. No entanto, os habitantes sofriam devido a ocupação de Soult a vida profissional e familiar estavam em risco. O que levou diversas zonas com a de Chaves, a do Minho e, consequentemente, outras terras com surtos de descontentamento e aversão aos invasores de Portugal. Seria necessário novamente o auxílio da nossa aliada, a Inglaterra para derrotar as tropas de Napoleão.

A chegada das tropas anglo-portuguesas que marchavam em direção ao Porto, comandadas por Wellesley onde se encontrava o general Beresford, provocou uma onda de entusiasmo na população portuguesa que os saudava, pois via-os como salvadores do reino. Ao chegarem a cidade do Porto verificaram que os franceses tinham incendiado a ponte do Douro, tendo que pensar outros meios para conseguir realizar a travessia. O resultado foi novamente a vitória das tropas inglesas e lusas contra o general Soult. Contudo, Soult e o Estado Maior conseguiram sair da cidade sem serem aprisionados, ao contrário de muitos dos soldados que estavam sob o seu comando.

Realizada a conquista do Porto, o general Wellesley proclamou aos seus habitantes para não maltratarem os militares franceses, respeitarem as leis da guerra e que fossem trata-los com

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
**A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História**

dignidade. Com a segunda derrota dos franceses a notícia propagou-se ao longo do país, gerando uma nova esperança nas populações.

Depois das tentativas falhadas por Junot e Soult para dominar Portugal, Napoleão enviou outro exército composto por melhores tropas e liderado pelo marechal Massena numa derradeira tentativa para derrotar o exército luso-britânico

No início de Junho, as tropas de Massena chegaram a Cidade Rodrigo, transformada num armazém de víveres. O objetivo era a conquista da praça de Almeida por ser a única fortaleza entre o Douro e o Tejo, pois também possuía boas infraestruturas como a casa do governador, quartéis, armazéns e um hospital. A conquista desta praça, gerou grande preocupação na capital que temia cair novamente nas mãos dos invasores. Este fato levou a que os simpatizantes pelas ideias francesas como os jacobinos e os pedreiros-livres fossem perseguidos e capturados pelas entidades que deviam aprisionar todos aqueles que se assumissem, ou houvesse suspeita de serem afrancesados.

Depois da batalha do Buçaco, as forças invasoras com raiva de terem perdido começaram a saquear palácios, mosteiros e casas, pilhando tudo o que encontravam de valioso. A cidade de Coimbra sofreu muito com esta pilhagem, nomeadamente a Universidade, tendo igualmente havido muita destruição provocada por incêndios e baixas entre a população civil.

O exército de Massena depois de tantos roubos e mortes estava a caminho do Sabugal, onde se fortificou. Contudo o marechal inglês que estava em Vilar Formoso estava em sua perseguição, procurando manter uma guerra de desgaste. No entanto, ainda havia uma guarnição francesa em Almeida apesar de saber da fuga de Massena de Portugal que resistiu por mais três semanas. Porém com a falta de mantimentos e de recursos humanos decidiram causando por abandonar a praça que ficou semi-destruída.

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

Portugal estava completamente arrasado depois de três invasões, e o Governo saudou a vitória anglo-lusa. Era tempo de tentar reconstruir a nação, sentimento que passou desejo do regresso da família real do Brasil.

Com o fim das invasões, Portugal passou a estar cada vez mais dependente dos ingleses em termos económicos, políticos e militares, sendo Wellesley promovido a marechal-general e comandante dos exércitos combinados e com o título nobiliárquico de conde de Torres Vedras. Por outro lado, Beresford assumiu funções de liderança, nomeando para altos cargos militares pessoas da sua confiança passando a ser a principal figura do reino na ausência da figura do rei D. João VI.

À medida que o tempo ia passando a presença inglesa começou a causar descontentamento na população portuguesa que através de protestos manifestava o seu desejo de ver a situação económica e social melhorar. O descontentamento foi sendo cada vez maior, nomeadamente pelos militares portugueses que não suportavam mais as chefias inglesas do exército. Com as ordens para disciplinar o exército impostas por Beresford foram recebidas com grande hostilidade e, dessa forma, piorando cada vez a presença inglesa em Portugal. Apesar de haver algumas medidas justas e disciplinadoras, a corrente jacobina tentava achar algum espaço para a crítica sempre afirmando que Beresford era um tirano e que ia contra os princípios de liberdade nacional, o que provocou por volta de 1817, uma conspiração para expulsar os ingleses liderada por Gomes Freire de Andrade.

Este um estrangeirado que era adepto das ideias da Revolução Francesa. A conspiração tinha como objetivo acabar com a influência de Beresford no exército e acabar com a submissão política de Portugal e libertar da repressão inglesa. No entanto, já não tinha a mesma importância quando foi para o estrangeiro sendo chamado muitas vezes de traidor à pátria. Quando a conspiração foi revelada estava condenada ao fracasso, pois não tinha qualquer apoio somente alguns homens eram favoráveis a ideologia liberal e que foram presos e condenados por isso. O resultado do tribunal levou à condenação de doze réus e a morte de Gomes Freire em São Julião da Barra, onde seria enforcado. O liberalismo elevou a morte deste homem e dos seus seguidores como mártires que lutavam pela liberdade de Portugal.

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

A situação em Portugal piorava com o fim do pacto colonial, levando à abertura dos portos brasileiros o que afetou profundamente o comércio português, principalmente nas cidades do Porto e de Lisboa. O ambiente que se vivia no reino era de grande insatisfação com a presença inglesa ainda em Portugal. Beresford apercebeu-se que a situação na capital era volátil e, portanto, aumentou o reforço da autoridade militar.

Depois de uma dezena de anos de presença inglesa em Portugal, a situação causava grande amargura aos portugueses, sabendo que a ausência do rei e da corte originava um vácuo no poder em que o Governo não sabia como lidar. No entanto, estava perto a revolução para retirar a presença dos britânicos. O ódio crescente contra o seu antigo aliado estava a se tornar em algo patriótico onde todos os habitantes eram a favor da soberania do reino. Os conjurados reuniram-se no Porto para planejar como realizar o golpe para libertar do jugo inglês.

No ano de 1817, ocorreu na cidade a formação de uma sociedade secreta denominada de Sinédrio, que será imprescindível para a Revolução Liberal. Os membros eram juristas, como o desembargador Manuel Fernandes Tomás e pelos advogados José Ferreira Borges e José da Silva Carvalho, principais figuras desta conjura. Com o passar do tempo, mais pessoas iam aderindo ao movimento, principalmente militares. Estes que seriam cruciais para o controlo da cidade do Porto, pois logo que tomaram a cidade do Porto, anunciando a revolta onde afirmavam que o sofrimento tinha que acabar de vez e que o exército desejava redimir por meio das Cortes. Logo que se estabeleceram na Câmara Municipal, onde juntaram-se as vozes dos habitantes da cidade onde se formou uma Junta Provisória do Governo Supremo do Reino, tendo como presidente o brigadeiro António da Silveira Pinto, como Vice-presidente Sebastião Cabreira, os vogais o deão Luís Pedro de Andrade e Brederode, Pedro Leite Ferreira de Melo e Frei Francisco de Sousa Cirne de Madureira. Pela magistratura o desembargador Manuel Fernandes Tomás. Todos os elementos da Junta eram militares e juristas, o que numa primeira instância levou a discussões aceras entre ambos os grupos, todavia a vontade de libertação era o desejo de todos.

A notícia da Revolta do Porto chegou a Lisboa todos os membros do Governo estavam horrorizados, sendo interpretado como um crime de rebelião a figura do rei. Os governadores

criticavam duramente as razões da Junta do Porto de invocar as Cortes sem a ordem do rei de Portugal e que esta revolta deveria ser prontamente detida. Contudo, a população favorável a expulsão dos ingleses e ao retorno do monarca do Brasil. O que mais tarde irá influenciar a tomada liberal da capital, destituindo os governadores e a constituição de um Governo Interino. Ambos os movimentos uniram-se devolvendo a liberdade sob os britânicos, sendo designado como a Junta Provisional do Governo Supremo do Reino. Em que forçou retorno do Rei do Brasil, caso contrário seria substituído e, assim como tinha que jurar a Constituição de 1822.

Sabendo que a sua saída das terras brasileiras ia causar um vazio de poder decidiu que o seu filho mais velho deveria ficar lá, pois preferia ter alguém de confiança para reinar na sua ausência.



Começámos por fazer uma ponte de ligação com a aula anterior abordando as causas que levaram as invasões francesas a Portugal, mas sempre a questionar aos alunos se recordavam ou em foram de pergunta. Seguidamente, começámos a dar a matéria nova de fora a estabelecer uma sequência entre o tema da aula anterior e o da presente aula, de forma a dissipar qualquer dúvida ou mal entendimento e conseguir que todos tenham compreendido e ainda, antes de avançar, questionamos se existia alguma dúvida para clarificar. Com esta introdução apercebemo-nos que a maioria da turma tinha apreendido a matéria, tendo apenas duas pequenas confusões sobre o Bloqueio Continental e as razões porque Napoleão não tratou pessoalmente de conquistar Portugal.

Após a exposição da matéria, projetámos os diapositivos de Powerpoint com os conceitos relacionados com as invasões de Soult e Massena e as repercussões que tiveram com a presença inglesa até o golpe efetuado pelos membros do Sinédrio. Observamos que os alunos tiveram, infelizmente, bastante dificuldade em conseguir relacionar porque a presença inglesa começou a se tornar cada vez mais odiada pelos habitantes, sendo que foram estes mesmo homens que ajudaram na libertação dos portugueses aos invasores a mando de Napoleão.

Após a explicação dos conteúdos da aula decidimos averiguar quanta informação tinha passado para os alunos, portanto pedimos que elaborassem um breve resumo sobre a matéria dada e que podia haver ajudas dos colegas para obter a participação de todos os elementos da turma, assim

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

como ter uma resposta mais completa. No entanto, determinadas partes tinham lacunas ou um entendimento pouco profundo, embora a turma em conjunto conseguiu-se expressar de forma satisfatória, apesar de haver certas ideias erradas de alguns acontecimentos.

Na terceira parte da aula, houve um exercício de verdadeiro ou falso sobre as invasões francesas para que os alunos tivessem a oportunidade de consolidar a matéria e de se auto-avaliarem e, desse modo, conseguem organizar os acontecimentos de forma cronológica e orientarem o seu processo de ensino-aprendizagem. A correcção foi perguntando a um aluno aleatoriamente qual era a sua resposta e em conjunto corrigir, tendo a aula terminado com o exercício proposto.

### **3.6 Sexta aula lecionada – 11º E**

A sexta aula realizou-se no dia 22 de Janeiro de 2018, e o sumário foi o seguinte: “*Os movimentos absolutistas e a Guerra civil portuguesa*”. Com a chegada do rei D. João VI a Lisboa, o monarca aceitou os princípios aprovados pelas Cortes, jurando a Constituição de 1822, que estabelecia uma Monarquia Constitucional.



## **Enquadramento científico**

A rainha Carlota Joaquina recusou-se a prestar juramento à Constituição, o que levou às Cortes a lhe retirarem todos os direitos civis e políticos, indo do Paço da Bemposta para a Quinta do Ramalhão acompanhada pelos seus criados pessoais onde se manteve até ao final dos seus dias repudiando a Constituição.

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

O Liberalismo radical estava numa hora de crise na Europa Ocidental. As Cortes de Lisboa receavam que pudesse haver uma intervenção espanhola em Portugal, pois os partidários de D. Carlota Joaquina queriam dar um golpe no regime imposto de cariz liberal. A Vila-Francada onde a revolta se tornou conhecida por ser em Vila Franca de Xira. O regimento de infantaria que saiu de Lisboa para a Beira, revoltou-se na vila quando o príncipe, D. Miguel, incentivou ao Absolutismo e a rejeição das ideias liberais. No entanto, o monarca condenava a atitude do seu filho, lembrando que tinha jurado a Constituição para acalmar os ânimos dos liberais. A insurreição causada por D. Miguel resultou no concílio e na colaboração do setor conservador. Para conseguir apaziguar a revolta D. João VI, aceitou fazer algumas alterações no Governo, pondo na pasta dos Estrangeiros o Marquês de Palmela e a pasta da Guerra a Pamplona. Quanto a D. Miguel foi nomeado como comandante-chefe do exército, outorgando o título de generalíssimo. O monarca comprometia a respeitar as liberdades individuais e quem contribuísse para o bem-estar da ordem pública do reino.

Declarou-se a extinção das sociedades secretas, pois os seus ideais iam contra os interesses da Coroa, causando uma perseguição aos defensores do liberalismo por se suspeitar da sua associação à maçonaria. O que resultou numa emigração de vários liberais para a França e a Inglaterra, receando pela sua segurança, a sua vida e dos seus bens.

A corrente miguelista foi ganhando cada vez mais influência devido ao grande apoio à figura do príncipe e ao desagrado pela Constituição. Os meses que se sucederam à Vila-Francada veio a aumentar a sua influência junto do rei. A Abrilada outra revolta de cariz absolutista tinha como plano a retirada do rei da esfera política. O grupo que apoiava D. Miguel, foi acusado de ter morto o marquês de Loulé, em Salvaterra. Todavia, não havendo quaisquer provas para julgar o ocorrido levou a que o caso fosse arquivado. Esta facção procurou isolar o rei para que a rainha conseguisse ficar com a regência. Em Abril, D. Miguel reuniu as tropas no Rossio, onde mandou a apreensão dos líderes do Liberalismo para forçar o seu pai a abandonar o Governo. O golpe resultou, tendo o rei nomeado um Governo da sua confiança. No entanto, a conspiração falhou com a intervenção do corpo diplomático que ameaçou sair de Lisboa, tendo o monarca se refugiado na nau inglesa *Windsor-Castle*. D. João VI ordenou que soltassem todos os presos feitos na Abrilada e que a seu filho fosse retirado o título de generalíssimo e que fosse prontamente levado para exílio.

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

A razão para o insucesso do golpe deu-se por duas razões: por ir contra a pessoa do rei e por não dispor do apoio dos liberais conservadores. Com a morte de D. João VI, a sucessão ao trono tinha sido deixada em aberto, sendo o seu primogénito o Imperador do Brasil e o seu segundo filho estava exilado em Viena. D. Pedro abdicou em prol da sua filha D. Maria da Glória. Porém, tentou negociar com o seu irmão o casamento com a sua filha, sendo o regente até a maioridade de D. Maria e tinha que jurar a Carta Constitucional. No palácio da Ajuda, D. Miguel fazia o juramento de fidelidade ao seu irmão e à sua sobrinha, alegando mal esta chegasse à maioridade seria rainha. Prometeu respeitar a religião católica e zelar pelo bem estar do reino. No entanto, com o passar do tempo, o ambiente popular que encontrou a sua volta em que o invocava como rei absoluto, a sua completa aversão à Carta Constitucional e com manifestações sempre favoráveis a sua imagem contribuíram para que tomasse o poder.

O rei absoluto impôs uma política de repressão, de forma a consolidar o seu poder régio, perseguindo todos os que iam contra o Absolutismo. O Liberalismo vai ganhando mais apoiantes mesmo entre os que não simpatizavam com a Carta, pois o regime absolutista ia se corroer como todos os regimes impostos pela força e onde não existe liberdade de expressão, levando ao aprisionamento e exílio de todos os que se opunham aos ideais do Absolutismo.

Quando D. Pedro soube que o seu irmão foi aclamado rei e violou a Carta Constitucional tentou evitar que houvesse guerra. D. Pedro era a favor dos direitos legítimos da sua filha ao trono de Portugal, condenando abertamente a usurpação realizada. O Marquês da Palmela que estava em Londres fez da corte inglesa o centro diplomático para a sua resistência. D. Pedro tinha noção que se podia aclamar rei, mas como tinha abdicado da coroa para D. Maria, apenas se apresentou como partidário da sua filha para obter o reconhecimento de Rainha de Portugal. Assim que abdicou do trono imperial brasileiro para o seu filho, regressou à Europa para combater o seu irmão e apoiar a causa liberal.

A ilha Terceira dos Açores mostrou-se um ponto estratégico importante para o Liberalismo. A sua resistência ao poder régio fez da ilha um bastião para os liberais que sonhavam voltar a sua terra de natal. Com o passar do tempo, vinham cada vez mais homens e material de guerra vindos



**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

de Londres enviados pelos Marquês de Palmela para, deste modo, preparar a investida liberal ao poder absolutista. No entanto, o movimento somente ia ter força se tivesse um líder de grande importância, o que veio a acontecer com a chegada de D. Pedro à Terceira. Nomeou ministros e secretários de Estado: o Marquês de Palmela para a pasta do Reino, Agostinho José Freire para o departamento de Guerra e da Marinha; e, por fim, José Xavier Mouzinho da Silveira, como o responsável pelos negócios da Fazenda e interino da Justiça, o principal reformador na sociedade portuguesa depois de instaurado o Liberalismo em Portugal.

A grande expedição em Ponta Delgada, com a grande concentração de Liberais emigrados do Brasil, França e Inglaterra, sob o comando de Sartorius, constituíam a frota a galera Amélia, onde estava D. Pedro, a fragata Rainha de Portugal, com a bandeira do Almirante, entre outros, dando um total de 40 velas, sendo a maioria da tripulação inglesa. A frota de D. Pedro tinha como objetivo a conquista da cidade do Porto, enquanto o Duque da Terceira ia para o Algarve distrair as forças Miguelistas com o intuito de mover as tropas de D. Miguel para sul e, dessa forma, facilitar a conquista do Norte aos liberais.

Como desembarcar das forças liberais no Porto, os absolutistas estavam apavorados com uma invasão desconhecida, sendo narrada por estes como um exército do mal, pois pensavam que a força liberal era superior em termos de homens e armas, portanto as forças miguelistas abandonaram o desembarque, resultando numa guerra que ia durar dois anos. Apesar de os liberais possuírem, na verdade, uma força bem mais pequena apoiada pelos ingleses tinham a vantagem de lutar pelos seus ideais o que levou a que a sua propaganda fosse logo aceite pela população, pois queria libertar a população. A maioria dos intelectuais eram liberais e queriam voltar a estar em Portugal, o que era impossível no Absolutismo, pois eram perseguidos. A vitória das forças liberais liderados por D. Pedro, apesar de se concluir que era inevitável a derrota de D. Miguel numa Europa que ia numa direção para uma nova ordem política, económica e social que dispensava os sistemas totalitários.

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

Com o desfecho final da guerra, foi acordado por ambos os lados na Convenção de Évora-Monte. D. Miguel, incapaz de continuar a guerra civil aceitou os termos propostos pelos liberais para a sua rendição incondicional. D. Pedro, porém, procurou não impor nenhuma condição humilhante para o seu irmão e os seus partidários, procurando acabar de uma vez por todas os conflitos e conseguir que ambas as partes chegassem a um acordo.

Os representantes de ambos os lados subscreveram no texto da concessão. O general Lemos representando os absolutistas e, do outro lado, os liberais pelo o duque de Saldanha e o duque da Terceira, no qual estipularam as condições para o desfecho final da Guerra Civil que opusera ambas as facções ao longo de dois duros anos.

A primeira medida foi a imediata e incondicional rendição de D. Miguel e de todas as suas forças, com a deposição e entrega imediata das suas armas, a segunda Amnistia geral para todos os crimes políticos cometidos desde a sua subida ao poder. Os amnistiados que quisessem sair livremente do Reino podiam fazê-lo levando os seus bens, com a promessa de nunca mais se meterem nos negócios públicos do reino. A promessa, por parte dos liberais, da não perseguição dos absolutistas e o pagamento anual ao infante D. Miguel de uma pensão vitalícia no valor de 60 contos de réis, estando a dispor livremente de todos os seus bens particulares. D. Miguel é obrigado a abandonar a Península Ibérica dentro de quinze dias, subsequente à assinatura da Convenção Évora Monte, indo para bordo de um navio estrangeiro, devendo ainda assinar uma declaração pela qual se comprometia a jamais regressar a território português ou colonial, nem a intervir nos negócios políticos do Reino ou contribuir para destabilizar o País. O estado do país estava completamente destruído e empobrecido devido das invasões francesas e com a Guerra Civil. Todavia, o Liberalismo levou à criação de uma nova sociedade em que todos os cidadãos eram iguais perante a vista da lei.

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História



Começámos a primeira parte da aula a explicar como se encontrava Portugal no contexto político, social e económico, tendo a Junta Provisional do Governo Supremo do Reino conseguido o retorno do rei à capital portuguesa. No entanto, a sua mulher e o seu filho mais novo não eram favoráveis à corrente Liberal, realizando dois movimentos para conseguir trazer novamente o Absolutismo a Portugal: A Vila Francada e a Abrilada. Apercebemos que alguns alunos, infelizmente, já não se lembravam dos ideais do Absolutismo, portanto tivemos que fazer um breve resumo para avivar-lhes a memória, o que levou substancial perda de algum tempo da aula.

Depois ter exposto a matéria, começámos a fazer questões para a turma para efetuármos o feedback para saber se a turma tinha retido a informação que foi dada, pois é uma matéria bastante densa e complicada, apercebemo-nos que somente quatro pessoas conseguiram explicar e relacionar os conceitos dados e saber minimamente relaciona-los cronologicamente. Todavia, mostraram grande dificuldade em se lembrar o que o Liberalismo defendia, o que demonstra o quão importante é realizar feedback da matéria que demos para depois clarificar o que não foi compreendido uma primeira vez ou esclarecer conceitos mal consolidados, pois, quando abordamos um conceito complexo, torna-se bastante difícil dar a aula quando a turma não tem base nenhuma.

O próximo passo foi a análise do documento seis que está na página 96 do manual intitulado como: “ *O confronto entre liberais e absolutistas*”, um excerto da obra de Joel Serrão e Oliveira Marques. Em que esta patente, o desembarque das forças liberais no Porto e a reação que os absolutistas tiveram ao observar a este ataque inesperado. Pedimos a um aluno que lesse o documento em voz para que todos ouvissem e lançamos duas questões ao ar: a primeira foi a razão porque os absolutistas estavam assustados com o desembarque das forças liberais? e a segunda a razão porque os liberais estavam convencidos da adesão da população a sua causa? Onde pedimos a turma que, de forma cívica, pudessem responder as questões individualmente, porém a maioria foi

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

insuficiente, portando decidimos em conjunto analisar linha a linha o texto, de forma a identificar os principais conceitos e a seleccionar informação necessária para responder as questões.

Para concluir a aula, distribui por todos os alunos o documento da Convenção de Évora Monte onde estavam descritas as medidas acordadas entre as forças liberais e absolutistas para acabar com a Guerra Civil portuguesa. O que pretendemos com isto é que os alunos interajam com as fontes para saber o papel que o historiador tem a analisar de forma imparcial os acontecimentos passados.

*“(...) tanto as fontes como o texto informativo devem fornecer aos alunos a informação apelando à análise interpretação, seleção apelando à análise, interpretação , seleção e levantamento de hipóteses explicativas.”<sup>33</sup>”*

Pedimos aos alunos que lessem o texto e soubessem identificar as medidas implementadas, tudo isto numa forma de discussão em conjunto numa espécie de Brainstorming, o que ajuda para criar laços de afetividade para com o professor e este consolidar a matéria dada. Os alunos, em termos gerais, participaram com frequência e alguns elaboram boas respostas, o que demonstra boas capacidade de aquisição de conhecimentos.

Todavia, a aula não correu conforme o esperado, pois foi uma aula preparada em curto prazo devido aos problemas de saúde da professora cooperante que me pediu que antecipasse as minhas aulas. Além disso, deu o toque de saída sem conseguir ouvir a respostas de todos os alunos, demonstrando não saber gerir bem o tempo pretendido. Apesar de sentir que foi uma aula mal conseguida, pois não me senti a vontade com o tema, a professora cooperante sempre me apoiou nas minhas decisões. Na reunião depois da aula dada, a professora Maria José disse para ter cuidado na gerência do tempo, mas com a prática e com dedicação chegamos sempre ao pretendido e para nunca me desanimar e procurar sempre melhorar com os erros dados.

---

33 Relato de Prática. [Em Linha]. [consult. 29 Agosto 2018] Disponível em WWW: <URL: <http://formação.santillana.pt/files/198/2102.pdf>

## **Quarta Parte**

---

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

## **Temas de História Moderna e Contemporânea:** A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

Nesta quarta parte queremos realizar uma introspeção sobre todo este trabalho concretizado neste longo percurso que foi o Mestrado. Apercebemos, neste processo, todos os momentos que agimos como docentes nesta prática letiva, tentando absorver ao máximo esta experiência de docência, assim como, consolidar o nosso conhecimento, aprendizagens, didáctica, conteúdo científico e as dificuldades que confrontamos ao longo do percurso da prática letiva.

Este Relatório é a realização da prática das aprendizagens realizadas ao longo de todo o Mestrado, que foi o resultado de uma experiência ascendente durante estes dois anos. A estrutura do Relatório é de uma Dissertação, portanto trata-se de um trabalho pormenorizado e reflexivo, constando sobre todas as atividades praticadas e desenvolvidas durante este estágio de prática pedagógica.

A elaboração deste Relatório no primeiro semestre do Mestrado, durante o ano letivo 2016/2017, no âmbito da Unidade Curricular “Ensino da História- Teorias e Métodos”, onde fomos as escolas estabelecer o primeiro contato com o ambiente escolar. O primeiro semestre é um processo de integração e de presenciar a realidade escolar da ESCCB e o seu meio onde está inserida, sendo o ponto de partida de qualquer mestrando, logo que a sua escola seja selecionada. Esta primeira interação foi denominada como o IPP0, pois os mestrandos vão para o meio escolar conhecer a turma, adaptar-se ao meio escolar e observar as aulas da professora cooperante.

A elaboração de um inquérito foi bastante importante para sabermos que tipo de turma estamos perante. Com os dados recolhidos é possível ter em conta o tipo de turma que estamos para conseguirmos adaptar ao seu nível de conhecimento e trabalhar para que todos consigam alcançar o sucesso.

Durante a nossa inserção de mestrandos nas escolas onde tudo era desconhecido fui escolhido para ir para ESCCB de Carnaxide através da FLUL. É de se referir que a professora

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História

cooperante, Maria José Ferreira, auxiliou-me na integração da escola e da turma, relatando o meu desempenho com o coordenador deste Mestrado, o Professor Doutor Miguel Corrêa Monteiro, a quem devo muito gratidão nestes dois anos, pois sempre zelou pelas melhores relações entre as escolas e os mestrandos.

A segunda parte para a realização deste Relatório foi para a concretização da prática pedagógica e, também, de testar as nossas capacidades a dar aulas para melhorar as nossas estratégias de ensino-aprendizagem que nos foram incutidas e praticadas nas aulas da Universidade. É de salientar a relevância da complementaridade da componente científica e didática realizadas pela Faculdade de Letras e pelo Instituto de Educação. Que nos facultaram as ferramentas necessárias para começar no processo de lecionação das aulas. Logicamente, traduz-se num processo longo e paulatino na nossa formação profissional.

Durante este período fomos preparados para dar seis aulas de noventa minutos. A estratégia a seguir foi a preparação dos conteúdos científicos e depois aplicar-los de forma diferentes nos métodos de ensino-aprendizagem sempre focados a motivar e concentrar os alunos na aula, com a finalidade de se interessarem pela História, segundo Miguel Cervantes: “ *A história é émula do tempo, repositório dos factos, testemunha do passado, exemplo do presente, advertência do futuro.*”. Foi nesta fase que estipulamos definir as opções didáticas que iam estar patentes no Relatório Final.

Apesar de esta primeira experiência de lecionação ter sido razoável, foi marcada com nervosismo e insónias. Ao entrar na sala de aula comecei a encarar a turma e a sentir aquele receio caso me esquecesse de algo, sem falar de sentir alguma tensão por ser observado pela professora cooperante com bastante anos de experiência na área de ensino. Essa tensão na aula resultou em determinados aspetos negativos, todavia foram superados ao longo da prática de lecionar e sentir a vontade na sala de aula.

A melhor parte deste mestrado começa no Segundo Semestre, pois as aulas obrigatórias são incontornáveis para ver as nossas qualidades e o que devemos melhorar com a supervisão e

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
**A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História**

aconselhamento com a professora cooperante depois da aula dada e, sobretudo, nas unidades curriculares onde a performance do mestrando é avaliada por grandes professores como o Professor Doutor Miguel Monteiro e o Professor Doutor Feliciano Veiga, que procuram sempre a melhor maneira de ajudar na exposição oral como o tipo de aprendizagens devemos abordar nas nossas aulas.

O Terceiro Semestre decorreu com oito aulas de noventa minutos. Neste período tínhamos que implementar todo o que haviam aprendido, questionar como deveríamos por em prática nossos métodos e estratégias bem como estudar de forma aprofundada os conteúdos científicos. No entanto, devido a problemas de saúde a professora cooperante antecipou as últimas quatro aulas. Tudo isto levou a que as aulas não tivessem a mesma dinâmica, pois foi pouco tempo para me aprofundar sobre a matéria e a preparação ficou muito aquém do desejado, condicionando a minha prestação na escola.

No quarto semestre, foi tempo de desenvolver todo o que apreendido e experienciado durante estes dois anos. Era altura de introspeção e de aprofundação de conhecimentos, de forma, a conseguir articular e aprofundar entre as partes teóricas e as práticas de todo este processo de dois árduos anos.

Na primeira parte deste Relatório está patente uma reflexão sumária sobre o ensino da história, o papel do professor face aos novos confrontos que são proporcionados no seu quotidiano. Este, nos dias de hoje, tem um papel redobrado em usar e enquadrar a didática em várias turmas, pois atualmente as escolas públicas possuem quantidades enormes de alunos, sendo escolas inclusivas para todos. O que se torna um trabalho bastante cansativo e esgotante, contudo deve auxiliar os seus alunos de forma a criar problemáticas e utilizar de formas diferentes os recursos didáticos interligados com diversas metodologias.

A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História teve um papel fulcral, sendo o recuso didático mais utilizado ao longo desta prática letiva. A aposta em múltiplos exercícios de análise documental e de consolidação da matéria levam os alunos a assimilar com



**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
**A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História**

maus facilidade não só a aula mas, também, a refletir sobre o que estava descrito. Deste modo, forma sempre que foi pedido para alguém para explicar o que entendeu sobre a fonte os colegas sempre foram solidários para com o aluno que estava a expor a sua ideia.

Em relação às práticas letivas, salientamos o ponto de vista pedagógico e a abordagem escolhida para lecionar o subtema. As aulas em que usei fontes fora do manual foram a quinta e sexta aula. Onde aproveitamos ao máximo para expor a opinião da turma face aos eventos que aconteceram, promovendo a troca de ideias, situações de exploração e a realização de questões abertas para serem respondidas. Tudo isto funcionou de forma a captar o interesse e a atenção dos alunos, tornando mais interativos dentro da sala de aula. Ao recorrermos a fontes históricas observamos que torna a aula mais dinâmica e um momento único para os alunos terem a noção de como se faz História e nunca se esquecem, pois é algo que fora da sua realidade. A análise do documento é um boa estratégia para não só reforçar o conhecimento da matéria, mas também cativar o aluno a despertar a sua capacidade crítica, tendo em conta explicar eram as sociedades no passado e como se desenvolveram para a situação presente. Ao conhecerem o passado os alunos estabelecem uma ponte de ligação para com a atualidade o que faz com que se tornem em pessoas mais responsáveis e ativas dentro da sua sociedade.

*“Sob a mais livre das constituições, um povo ignorante é sempre escravo.”*

Nicolas Condorcet

Para concluir, numa primeira fase com contato com a docência senti um enorme peso nos ombros, pois receava não ter capacidades para ser um bom docente. No entanto, depois destes dois anos, senti que estou preparado. Esta experiência fez me concluir que ajudar o próximo é algo entusiasmante e, em termos pessoais, gratificante. Ao lecionar as aulas permitiu obter a visão de como é ser professor. As várias experiências mudaram a minha perspetiva tanto na vida académica como pessoal.guardo ansiosamente retornar a sala de aula com mais confiança e saber, tendo em

**Temas de História Moderna e Contemporânea:**  
**A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História**

conta que o meu dever quanto professor é ajudar os alunos e inculcá-los o gosto pelo conhecimento.

Depois de conseguir realizar este longo percurso, sinto-me bastante concretizado, imerso num sentimento de felicidade e de satisfação em termos pessoais, sendo que a conclusão deste Relatório vai em seguimento da promessa que fiz ao meu pai que sempre me apoiou e motivou ao longo destes dois anos. Quero agradecer aos meus colegas por todo o apoio e estima que me deram desde o início até ao fim do Mestrado. A professora cooperante, Maria José Ferreira, por nos integrar na escola, pela sua amabilidade, por estar sempre disponível a dar conselhos para melhorar o nosso desempenho nas aulas e por nos apoiar sempre que uma aula corria menos bem. Ao Professor Doutor Miguel Corrêa Monteiro, nosso orientador, um eterno agradecimento e admiração por tudo o que fez por nós, pois além de ser um grande profissional é uma pessoa a quem podemos confiar plenamente para o nosso sucesso. Agradeço a todos por me terem acompanhado nesta etapa da minha vida.

## Bibliografia

- **ARENDT**, Richard I., *Aprender a Ensinar*; trad. Maria João Alvarez... [et al.] ; rev. Sara Bahia. Lisboa [etc.] : McGraw-Hil, 1997
- **BRUNER**, Jerome, *Actos de Significado*, Edições 70, Lisboa, 2008
- **BRUNER**, Jerome, *O processo da Educação*, Edições 70, Lisboa, 2011
- **FERREIRA**, Octávio Amado, *Ao Serviço da Didáctica da História*- trabalhos de apoio ao ensino da História. MinervaCoimbra, Coimbra, 2010
- **FORTES**, Alexandra; Gomes, Freitas Fátima; Fortes, José, *Linhas da História*, Areal editores, 2016
- **JANES**, José Cristiano Mendes, *A utilização do documento no ensino-aprendizagem da História*, Faculdade de Letras, Lisboa, 2017
- **HOBSBAWN**, E. J., *Era das Revoluções*, Editorial Presença, Lisboa, 1962
- **LE GALL**, Andre, *O insucesso escolar*, editorial Estampa 2º edição, 1978
- **MAGALHÃES**, José Calvet, *História do Pensamento Económico Em Portugal*, Coimbra, 1967
- **MARQUES**, Ramiro Fernando Lopes, *A Educação para os Valores Morais no ensino básico- O Currículo Implícito e Explícito*, Universidade de Aveiro, 1991
- **MONTEIRO**, Miguel, *A ilha pedagógica*, Plátano Editora, Lisboa, 2001
- **MONTEIRO**, Miguel Corrêa, *O Ensino da História*” in *O Ensino na Escola de Hoje – Teoria, Investigação e aplicação*, cap. 8. Feliciano H. Veiga. (coord), Lisboa, 2017
- **PIAGET**, J; trad. Sousa Dias, Filipe Araújo. *Lógica e conhecimento científico*, Porto, Livr. Civilização, 1980

- **PROENÇA**, Maria Cândida, *Didáctica da História*, Universidade Aberta, Lisboa, 1989
- **RAPOSO**, Nicolau de Almeida Vasconcelos, *Implicações Pedagógicas da Teoria de Jean Piaget*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1980
- **ROLDÃO**, Maria do Céu, *Uma Perspectiva a Questionar no Currículo*, Instituto de Inovação Educacional, Braga, 1995
- **SERRÃO**, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal vol. VII*, Editorial Verbo, Santarém, 1983

### Referências Electrónicas

- *PIAGET, J., Teoria do desenvolvimento Cognitivo*, FCTUC Psicologia Educacional II - 05/06, [consult. A 10 de Junho 2018 ], Disponível em: <http://www.mat.uc.pt/~guy/psiedu2/piaget>
- *BRUNER, Jerome, Teoria do Desenvolvimento Cognitivo*, FCTUC Psicologia Educacional II - 05/06, [consult. A 18 de Junho de 2018 ], Disponível em: <http://www.mat.uc.pt/~guy/psiedu2/bruner> p.
- Mercantilismo [consult. 27 de Julho de 2018] Disponível em WWW: <URL <http://mestresdahistoria.blogspot.com/2012/06/confira-uma-lista-de-exercicios-sobre-o.htm>
- A sociedade de ordens [consult. 11 de Agosto de 2018] Disponível em WWW: <URL <http://disciplina-de-historia.blogspot.com>
- A revolução Liberal [consult. 13 de Agosto de 2018] Disponível em WWW: <URL <http://www.worldbyisa.com/15-lugares-historicos>
- Convenção de Évora Monte [consult. 25 Agosto 2018] Disponível em WWW: <URL: <http://purl.pt/27157>
- Relato de Prática. [Em Linha]. [consult. 29 Agosto 2018] Disponível em WWW: <URL: <http://formação.santillana.pt/files/198/2102.pdf>